

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional

*AUTOPOIESE E SOCIEDADE:
a rede integrada de serviços da Restinga na teoria dos sistemas vivos*

FÁBIO DAL MOLIN

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tania Mara Galli Fonseca

Porto Alegre

2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional

*AUTOPOIESE E SOCIEDADE:
a rede integrada de serviços da Restinga na teoria dos sistemas vivos*

FÁBIO DAL MOLIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tania Mara Galli Fonseca

Porto Alegre

2002

Dedicado ao gênio Francisco J. Varela in memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos e todas que contribuíram para a realização deste trabalho seria enfadonho. No entanto, é preciso prestar uma homenagem a Eva, pelo amor e pela grande ajuda na redação do texto e tradução dos trechos em espanhol; a Chiruka pelo apoio; a Tania pela confiança e sabedoria, Carlos Ribeiro pela parceria; Giovani, Juliana, José Ricardo, Angélica, Selda, Luis Artur, Patrícia Gomes e Patrícia Genro pelos intercâmbios; Cleci Maraschin pela paciência; a todas as pessoas da Rede Integrada, em especial Lisiane, Cristina e Lourdes pelo acolhimento e participação; Yuzo Ueno pelo compartilhamento da loucura, a Eduardo Passos e Regina Benevides pelo compartilhamento de idéias; ao sifu Rubem Vieira pelos ensinamentos de Shao-Lin do Norte, com os quais aprendi a cultivar; a meus familiares pela força; a Eraldo Dal Molin in memoriam por ter me ensinado positivamente a ser bom e honesto e negativamente a ser prudente e esperto; a Alec, pela inspiração, enfim, a todos os que não se conformam.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	VIII
I –APRESENTAÇÃO.....	12
1.1 Como cheguei até aqui	13
1.2 Apresentação da pauta.....	18
1.2.1 Informe do observador	18
1.2.2 Questão de esclarecimento: por que eorizar?.....	19
1.2.3 Pontos de pauta.....	20
II –INFORMES.....	23
2.1 A teoria dos sistemas vivos.....	24
2.2 Do caos ao controle: cibernética.....	29
2.3 Os sistemas vivos e a autopoiese.....	33
2.4 As máquinas sociais e a autopoiese.....	37
III – HISTÓRIAS DA REDE.....	47
3.1 Pequena história da Restinga.....	48
3.2 Breve relato.....	51
3.3 O sistema observador-Rede e a Rede em relação ao observador.....	52
3.4 Metodologia desenvolvida neste trabalho na Rede.....	56
3.4.1 Como foram feitos os instrumentos.....	57
3.5 Algumas memórias	58
IV - A REDE ACONTECE.....	61
4.1 A Rede e seus fluxos.....	62
4.2 A multiplicidade.....	91
4.2.1 Pequena cartografia das siglas.....	92
4.3 A Rede e sua organização.....	94
4.4 Autopoiese, controle e sociedade.....	100
4.5 A Rede se acopla.....	101
V – ENCAMINHAMENTOS.....	105

Xxx

5.1 As contribuições desta pesquisa.....	106
5.2 Vida e política em rede.....	111
5.3 A rede das redes.....	120
5.4 Algumas sugestões.....	123
6 Referências bibliográficas.....	126
6.1 Referências Hipertextuais.....	128
6.2 Trabalhos não publicados.....	129

Resumo

Este estudo busca a compreensão de uma rede social através da Teoria dos Sistemas Vivos. Por sistema vivo entende-se aquele que, mantendo sua organização distinta por um observador (identidade sistêmica), realiza câmbios em sua estrutura (elementos constituintes) no processo de produção de si mesmo (autopoiese). Por serem abertos ao fluxo de matéria e energia, os sistemas autopoieticos realizam seus câmbios estruturais a partir de interações com outros sistemas, ou acoplamentos estruturais. É feita uma breve contextualização teórica a respeito das descobertas da física contemporânea até a noção de redes autopoieticas seu uso na psicologia social e institucional. Foi escolhida como objeto de estudo a Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga, em Porto Alegre, através da observação de suas reuniões (diários de campo) e transcrições de suas atas, bem como documentos enviados pela e para a Rede como sistema. São analisados três momentos de sua autopoiese: sua constituição como espaço aberto e múltiplo, seus movimentos com fins organizativos (auto-regulação) e um acoplamento com outro sistema. Por fim, discute-se a importância da pesquisa, pela sua integração entre a teoria dos sistemas vivos e a possibilidade de uma nova sociedade

Abstract

This study searches the understanding of a social web through the Theory of the Living Systems. A living system is those that, by the maintaining of its organization, distinct by an observer (systemic identity), realizes changes in its structure(constitute elements) in the process of self production (autopoiesis). The autopoietic living systems are opened to the flowing of energy and substance, because of that they make their structural changes in a rol of interactions with another systems, or structural coupling. It is made a brief historical context of the discoveries on contemporary physics untill the concept of autopoietic webs and its uses on institutional and social psychology. The object of this study is the Integrated Web of Services of the Restinga's districts, on Porto Alegre, RS, Brazil, by the observation of its assembly and transcriptions of its proceedings, as well as documents send to and for the Web as a system. The analysis is based on three moments: the constitution of the Restinga's web as an opened and multiple assembly; its movements with organizative intention (self-regulation) and its coupling with another system. In the end, there is a discuss of the importance of this research by its integration between the Theory of Living Systems and the possibility of a new society.

Antes do texto: considerações sobre a forma textual

Como será que o leitor imagina o autor de um texto? Você aí que lê estas palavras, seria capaz de pensar que estou aqui, dentro de um parágrafo de alinhamento justificado, em um discurso digitado que parece cair de nossos cérebros pelas mãos até a tela de um computador, e então editado, impresso, enviado e lido, como se atingisse seu neocórtex da maneira segura mas instável de um equilibrista em uma rede de segurança. A rede

do texto é composta por letras ordenadas em seqüências, formatadas em fonte, parágrafo e tabulações, sendo inclusive as idéias de outros autores também refêns dos itálicos e das aspas, sobrecodificações controladoras e subjugadas à a alteridade da comunicação.

A tecnologia de processamento de textos, que poderíamos chamar de tipografia digital, opera em uma sobrecodificação, ordenação semiótica violenta, pois o texto em si é trespassado por itálicos ou aspas indicando citações (como se ouvíssemos as vozes de outros autores em um tom diferente). As normas de formatação, na verdade maquinismos de uma lógica de processamento de dados por matemas e encadeamentos lógicos, produzem exclusões e delimitam diferenças, como se pudéssemos imaginar o autor em três dimensões: observando o leitor sob o ponto de vista das letras, olhando para as bordas como se fossem paredes brancas, e as notas de rodapé como pixações. Os itálicos, as aspas e a fonte padrão são grades que recortam o texto e cartografam seus acidentes e regularidades, dicotomizam e separam, alternam o visível e o invisível. Grades, ou melhor, cercas de arame farpado, controlam a selvageria do texto, protegem o leitor dos horrores incomunicabilidade. A não ser, é claro, que as regras sejam usadas subversivamente, como em um blefe. Já há muito o autor desse texto perdeu os escrúpulos no que se refere ao plágio e ao roubo de palavras, ou seja, posso, em um trecho qualquer extraído de algum autor importante, simplesmente clicar no quadradinho dos itálicos e torná-lo gordinho, indiferenciá-lo de “minhas” supostas palavras. Estou escrevendo apontando uma arma chamada “formatar fonte” para a cabeça de quem estiver lendo perguntar-se por minhas verdadeiras influências, ou “o que ele quis dizer com isso mesmo?” Mas, caro leitor, não se preocupe, tentei ao máximo aqui obedecer as regras, ainda que tenha considerado a tarefa de formatação mais difícil e penosa do que os dois anos de intensas pesquisas do mestrado.

O que habita entre as árvores

Textos, em especial este trabalho, também podem ser observados como árvores, estruturas, a princípio, delimitadas como um corpo uno, composto de um tronco sólido e firme, que culmina em galhos repletos de frutos, flores e folhas. Um caminhante distraído em uma floresta assim enxergaria uma árvore, pois não é sequer capaz de enxergar suas raízes, suas reentrâncias ocultas, os insetos que roubam o pólen das flores ou arrancam pedaços das folhas para alimentar suas colônias, ou os vermes que habitam da ponta dos galhos à base das raízes, entre bactérias fixadoras de nutrientes. Uma árvore, observada no momento presente, é apenas uma árvore. A árvore, observada além do tempo, pode ser vista inclusive como a conexão entre um sistema de captação de água e nutrientes imersos na terra (raízes) ou expostos ao ar e ao sol (galhos) além de uma estrutura intermediária, chamada tronco. Observar uma árvore é oscilar entre duas maneiras: a visão das partes (complexidade) e a visão do todo (integração). Conforme nos deslocamos pela superfície de uma árvore, podemos enxergar diversos integrantes de sua existência, que também fazem parte do sistema-árvore, como um ninho de pássaros em um de seus galhos ou uma colmeia hospedada em uma árvore próxima. No entanto, não há dúvida que a árvore possui um atributo distinguível como “árvore”.

Assim, digo que o propósito estilístico deste trabalho é observar e conceituar um sistema social, a partir da percepção do “todo” como “partes” e como se dá esta mudança de perspectiva. A escolha do objeto a ser observado para fins dessa dissertação apresenta características sistêmicas, sendo a definição mais próxima de sistema que será trabalhada aqui é a que engloba diversos tipos, sejam vivos, orgânicos ou inorgânicos:

uma coleção de elementos que, através de suas interações preferenciais, estabelece para si um fronteira operacional, separando-o de outros elementos com os quais também pode interagir e que, então, constituem o meio no qual tal coleção de elementos opera como uma totalidade (Maturana, 1997, *apud* Passos, 2001, p.125)

Uma árvore é uma coleção de células que interage com outras coleções de células, e também uma árvore, como unidade, faz parte de um sistema-floresta. O tipo de sistema que se falará aqui será um sistema social que, sob a ótica estabelecida por este sistema-dissertação, é uma rede autopoietica¹.

Primeiro é necessário, como veremos que é praxis nas reuniões da Rede da Restinga, apresentar-se e dar alguns informes. Na verdade, quase ao concluir o texto, percebi que minha dissertação apresenta uma organização semelhante à costumeira das reuniões da Rede: momento anterior ao texto, apresentação (autor e seu percurso), a pauta (organização do texto), informes (autores lidos e conceitos) discussão de caso (problema de pesquisa, metodologia e análise dos dados) e encaminhamentos (conclusões, sugestões e problemática da própria pesquisa e seus possíveis desdobramentos).

¹ O conceito de autopoiese será trabalhado de maneira mais clara no segundo capítulo.

PARTE I

APRESENTAÇÃO

1.1 Como cheguei até aqui

O currículo do curso de psicologia conduziu meus estudos às instituições, abrindo minha perspectiva a outras teorias, que eu jamais imaginava estudar, pois não diziam respeito especificamente à psicologia que todos esperam estudar quando entram na faculdade.

Junto com o sexto semestre teria início o estágio curricular e obrigatório de Psicologia Escolar, tradicionalmente marcado pelo trabalho em uma escola, a partir de problemáticas educacionais referentes a pais, alunos e professores. Pelo menos era assim que eu pensava. Não tive pressa em me inscrever nos locais tradicionais, pois tinha a informação de que havia a possibilidade de realizar uma pesquisa que substituiria o estágio, ou que o Departamento de Psicologia Social (responsável pelo estágio) estaria elaborando uma proposta de integração entre as práticas escolares com as relativas a trabalho (o estágio curricular subsequente). No início de abril de 1996 foi marcada uma reunião de apresentação da proposta aos acadêmicos que, como eu, estavam sem local de estágio. Como eu esperava, as supervisoras colocaram a proposta: ao invés dos tradicionais dois estágios anuais em locais diferentes e saberes específicos, um estágio único de um ano e meio em apenas um local, que poderia ser agenciado pelo próprio estagiário: escola, empresa, hospital, obras de arte. A área do estágio, agora, era ampliada, não mais Psicologia Escolar ou do Trabalho, mas Psicologia Social e Institucional. A proposta interessava bastante, mas onde? Esta história já foi contada nos relatórios posteriores de estágio, e a apresento agora na forma de meus diários de campo da época. Peço licença ao leitor no que diz respeito a algumas formalidades relativas a ordem do texto e sua característica dissertativa. Faz parte da minha visão de mundo como pesquisador, (que será trabalhada a seguir) anexar uma certa informalidade acadêmica, por entender que há uma singularidade em cada trabalho científico que precisa ser levada em conta. Não é minha intenção romper totalmente com as regras da ABNT ou todas as convenções a respeito da redação de uma dissertação de mestrado, mas apenas convidar o leitor a uma jornada mais emocionante, dinâmica, multidimensional. Considero meus diários (parte do material coletado) uma espécie de vórtice temporal, relatos escritos tão importantes quanto a redação dissertativa. O objetivo do uso dos diários de campo é compartilhar análises teóricas carregadas de irregularidades, mas também prenes de um dinamismo que talvez não caiba em uma argumentação regular.

Utilizo dos diários de campo como material de análise há pelo menos cinco anos, e eis os primeiros, quase registros fósseis de meus estudos ancestrais a este. Convencionarei que os conteúdos dos diários estarão grifados em fonte Arial:

Meu Diário, 17 de março de 1997.

Pegamos o ônibus na Borges e 1 hora mais tarde estávamos na escola. Fomos recebidos pela diretora Regina, que já nos apresentou para o resto da secretaria como estagiários de psicologia que iriam trabalhar lá. Conversamos generalidades sobre a Restinga ou sobre a proposta de estágio. Regina nos levou para conhecer as dependências da escola. Enquanto circulávamos, descobrimos que a diretora havia autorizado a liberação da aula mais cedo para uma reunião dos professores... conosco! Deveríamos apresentar a proposta de estágio... Ficamos surpresos, ainda mais que, ao passarmos pela sala dos professores (na hora do recreio) deparamo-nos com uma série de olhos arregalados e assustados com a possibilidade de ter ali estagiários de Psicologia. Na reunião, ficamos nós dois, um de cada lado da diretora, sentados em volta da mesa de reuniões. No canto oposto da sala, estavam todas as professoras (mais de 20, creio eu) e um professor. Tivemos que improvisar, e explicamos que não sabíamos direito o que iríamos fazer ali, só sabíamos que era um projeto novo e que não teríamos as respostas para os problemas da escola. Fomos perguntados se iríamos ajudar as professoras a lidar com as crianças. Novamente explicamos que era um projeto novo e que nós não saberíamos direito o que iríamos fazer ali, e que nosso trabalho inicial seria conhecer a escola para depois saber que tipo de intervenção ou pesquisa seria feita.

Meu Diário 24 de março de 1997

Reunião com as professoras Regina Sordi e Tânia Galli. Relatamos o que havia acontecido anteriormente e foi-nos sugerido um plano de estágio, que seria dividido em três módulos: o mapeamento da escola, a problematização e elaboração de um projeto e a intervenção.

As reuniões de supervisão acadêmica eram um importante processo de reflexão sobre nossas experiências de estágio, pois não tínhamos, de início, tarefas específicas nem um referencial teórico ao qual nos dedicar. Nosso desconhecimento sobre a comunidade, a escola e as complexas relações entre seus atores institucionais forçaram-nos a adotar uma postura investigativa, atenta a acontecimentos inesperados e que se propunha conhecer o que se passava naquele bairro, onde as pessoas almoçavam, tomavam o ônibus, moravam, bebiam, se divertiam, aprendiam e atuavam politicamente. É importante ressaltar que nem de longe chegamos a conhecer o bairro inteiro, com mais de 100 mil habitantes em uma vasta área, mas tentávamos explorar ao máximo nossas idas e vindas. Não demorou até que nossas supervisoras, sensíveis aos empolgados e até mesmo angustiados relatos de nossas vivências, nos apresentassem conceitos e autores pouco usuais em nossas

formações: rizoma, cartografia, surfe, dobras, fractal, virtual, tempo e espaço, molar, molecular, micropolítica e esquizoanálise. Esse rol conceitual trouxe à tona umas poucas leituras de Foucault, Barenblitt e Marx das disciplinas curriculares.

No trabalho de estágio, lidávamos dia-a-dia com pessoas que começávamos a compreender, nas quais mostravam-se variáveis econômicas, institucionais, educacionais, políticas, físicas, químicas e biológicas. O estágio em Psicologia Social se desdobrou em questionamentos sobre ética (relações que implicam no “si mesmo” e sua alteridade), estética (contemplação da forma sensível), política (relações gerenciais de coletivos humanos). No decorrer das cartografias², descobri, através da diretora da escola, que as diversas instituições assistenciais da Restinga costumavam encontrar-se quinzenalmente para formar uma rede. Na primeira reunião da Rede³ que assisti, conheci a psicóloga Lisiane Faleiro Vargas, da Unidade Sanitária da Restinga (USR), instituição que ficava ao lado da escola. Dentro do espírito cartográfico, eu e meu colega de estágio, Carlos José Simões Ribeiro, fizemos uma visita à Unidade, e conhecemos estagiários de Psicologia Clínica. Foi então que recordamos que a próxima e derradeira etapa do curso de Psicologia era justamente o estágio de clínica, em cuja época de seleção, não hesitamos em inscrever-nos na USR, tendo a idéia de prosseguir por mais um período nosso trabalho anterior. O trabalho clínico na USR, baseado em princípios de saúde pública, comunitários, transdisciplinares (é possível ver na dissertação de Carlos J. S. Ribeiro) propunha como atividade de estágio a participação nas reuniões da Rede. Assim durante todo o ano de 1998 assisti regularmente às reuniões quinzenais da Rede. Ao término do estágio, e do curso, minha opção foi concorrer a uma vaga no mestrado em Psicologia Social e Institucional, e meu objeto escolhido de pesquisa, para minha surpresa e desafio, foi a Rede. Minha primeira tentativa de ingresso foi falha, mas fui acolhido pelo grupo “Modos de Trabalhar, Modos de Subjetivar” coordenado pela professora Tania Fonseca, minha supervisora no Estágio de Social. O grupo Modos apresenta um mosaico de pesquisas que encontram em comum os processos de mudanças tecnológicas relativas ao trabalho, às instituições e à subjetividade. Ao longo de sua existência, o grupo apresentou dissertações e pesquisas sobre reestruturação bancária e subjetividade, empresa familiar, subjetividade de trabalhadores de *fast food*, relações de gênero, subjetividade e trabalho, e, atualmente dedica-se às leituras da obra de Deleuze e Guattari e em projetos que vão desde teatro e subjetividade até o Sistema Único de Saúde.

Durante o ano de pesquisas no Grupo Modos, retornei algumas vezes à Rede e teve início uma busca vertiginosa sobre tudo o que se referia ao tema “rede”, incluindo todas as manifestações em forma de rede. E foi através da Internet que tive um contato mais estreito com Pierre Lévy e as teorias utilizadas como referência desta dissertação e que foram aprofundadas durante meu percurso no mestrado: a cibernética, a ecologia cognitiva e a teoria dos sistemas complexos autopoieticos, que, descobri posteriormente, guardam relações com os textos de Deleuze e Guattari.

² *De uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões.* (Guattari, 1998, p. 21)

³ Para fins de distinção, quando Rede é grafada com inicial maiúscula, refere-se às múltiplas denominações da Rede que uso de maneira pluriforme decorrer do texto: Rede Integrada de Serviços do bairro Restinga, rede de Atenção à Criança e ao Adolescente, Rede da Restinga, Rede de Serviços, Rede Integrada ou, simplesmente Rede. A inicial minúscula é usada para o conceito de rede.

Em meu percurso de pesquisa, inicialmente, visitei uma escola, e daí parti para observar uma comunidade, seus membros individuais, sua dinâmica de funcionamento, suas práticas cotidianas, maquinismos que insistiam em fugir ao que eu havia estudado em psicologia até então e iam de encontro àquilo que mais tememos em nossa vida acadêmica: minhas próprias percepções. O objeto empírico eleito para esta pesquisa e suas decorrentes análises é como a árvore que contém em si o mundo. Eu, observador, enxergo uma rede, uma reunião, um conjunto de pessoas, mas ali estão crianças, velhos, adolescentes, cães, gatos, automóveis, doenças, dívidas, hospitais, escolas, polícia, políticos. E aqui estão meus pensamentos, sensações e percepções, uma interface holográfica, pois sou deste trabalho uma parte, como ambos somos parte da árvore-mundo, e comunicamos ao leitor esta árvore mundo, produzindo uma verdade, (e por que não?). Os dois aforismos principais do livro “A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana (Maturana e Varela, 2001, p.31), são: *Todo fazer é um conhecer e todo o conhecer é um fazer e Tudo o que é dito é dito por alguém.*

O primeiro aforismo parece relativo à influência piagetiana, o segundo, à fenomenologia. Uma das principais críticas que Fritjof Capra (1997) faz em 1980, aos cientistas, é a excessiva ênfase às descobertas e pouca produção filosófica em meios como a física e biologia, referindo-se aos biólogos que produzem e descobrem novas proteínas em laboratório, mas tudo o que fazem é divulgar ou vender resultados. No entanto, Capra (1996) revela, em “A Teia da Vida” uma nova perspectiva, a partir da teoria dos sistemas que remonta ao século XIX, atravessada pela cibernética, informática, a ecologia e o crescimento da idéia de redes em diversas áreas do conhecimento. Desde o início do pensamento humano, há cientistas “exatos” que produzem conhecimento “humano”, entre os quais aparecem Francisco Varela e Humberto Maturana, neurobiólogos chilenos que analisam suas descobertas acoplando-as ao pensamento fenomenológico e até mesmo ao budismo. Fazer é conhecer e conhecer é fazer, pode ser expresso como “alguém conhece”. Pretendo chegar ao objeto de estudo desta dissertação como um fenômeno histórico, no sentido que é, a meu ver, mais sintético, de Maturana e Varela (2001 p. 67): *cada vez que, num sistema, um estado surge como modificação de um estado prévio, temos um fenômeno histórico.*

Este “alguém que conhece”, nestas páginas, surgiu a partir de diversos estados prévios, que, seguidos rigorosamente na ontogenia universal, remontam às origens do universo. Ainda que as origens do universo sejam pertinentes a muitas análises a serem feitas aqui, não é este meu ponto de partida, e sim, os últimos cinco anos de minha carreira acadêmica, e, mais especificamente, minhas aproximações como estagiário e pesquisador vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Bairro Restinga, no extremo Sul de Porto Alegre, que conduziram a um lócus de pesquisa (a comunidade) e a um objeto delimitado por este observador, a Rede.

1.2 Apresentação da Pauta

1.2.1 Informe do observador- pesquisador

A Reunião da Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga, a partir deste observador, constituiu uma interface de contato com toda uma ecologia em rede, uma máquina analisadora, na qual movimentaram-se

um imenso campo de virtualidades e potencialidades enclausuradas em um sistema menor, disposto a gerenciar modos de funcionar de uma comunidade maior. A Rede traz em si uma possibilidade de interligação, de informatização, dado o desconhecimento que muitas entidades que dela fazem parte possuem umas das outras. O saber trazido de uma rede é o saber da confluência, da conexão entre saberes. O propósito de uma rede é interligar, centralizar e redistribuir, fazer passar. O objetivo deste estudo é analisar os modos de operar desta rede no sentido de organizar e potencializar o intercâmbio de informações, ou seja, como os operadores desta rede, sujeitos atravessados por práticas institucionais, experimentam a formação deste sistema que se denomina Rede. Que qualidade de acoplamentos gera este sistema rede? Ou seja, que tipos de funcionamento são gerados quando sistemas diversos resolvem acoplar suas regras a outras regras, e que diagrama resultante pode-se traçar a partir deste acoplamento, creio que este é o problema central desta pesquisa. “Somos uma Rede” é o que está circulando objetivamente por um coletivo pensante, então o compromisso é potencializar e transmitir informações e experiências a partir de um modelo de rede, e, sendo esta aberta, rizomática, está constantemente interagindo com outras redes, mas, principalmente, formando rede consigo mesma. Considero, para tanto, meus relatos de diário de campo (observador-pesquisador) e os registros escritos da Rede, como as atas das reuniões (Rede como observadora de si). Pretendo traçar um diagrama das relações entre os movimentos, desdobramentos e produções da Rede, tornando-me o relator-narrador de um acontecimento singular, ou seja, apresento a interface amigável de um acoplamento científico.

1.2.2 Questão de esclarecimento: por que teorizar?

Quando pensamos e quando teorizamos? Algumas idéias a respeito das “teorias” são originárias de uma concepção reducionista do que elas sejam, muito difundida por alguns e agenciadas pelas tradicionais tecnologias educacionais. “Teoria”, pelo senso comum universitário, significa um grande modelo de pensamento, uma grande visão de mundo, como a de Freud, por exemplo, e o fato de uma teoria ou um autor ser citado significa que, se aquele que escreve não cita a linhagem das suas idéias, o “pensamento” é pouco fundamentado. No entanto, teorizar pode ser sinônimo de pensar. Afinal, o que seria pensar, ou mesmo, fazer ciência? Ouvir o que a mente tem a dizer poderia ser pensar, mas o que a mente diz? ou de onde vêm os pensamentos? Nossos pensamentos são, entre outras coisas, operações de um observador em interface com um mundo “exterior”. Nossas idéias dificilmente são nossas, pois, mesmo quando não as verbalizamos, as expressamos na nossa língua mãe, ou em alguma outra que aprendemos em nossas interações idiomáticas. Precisamos recorrer ao pensamento “exterior”, do contrário não somos capazes de compreender os nossos próprios. Quando chamamos uma cadeira de “cadeira”, estamos nos referindo ao objeto “cadeira”, e nossas idéias estão intrinsecamente relacionadas a um sistema de símbolos referentes a “cadeira”, que interfere na própria existência da “cadeira em si”, incluindo suas múltiplas utilidades, que podem estar ou não incluídas em nosso sistema de símbolos, como sentar, domar leões, quebrar na cabeça de alguém ou servir como peça de museu.

A estas operações que formam um amálgama entre o objeto e o observador podemos chamar de teorias. As teorias são contribuições que os seres pensantes dão à realidade pela atividade do pensamento. Uma classe bastante evidente de seres pensantes, certamente, é a dos pesquisadores. Os pesquisadores utilizam-se de construções da realidade para formar sistemas organizados de idéias, e construir realidades alternativas. Um exemplo disso é a classificação das espécies. Uma boa alternativa para imaginar a espécie humana é chamá-la de *Homo Sapiens Sapiens* e incluí-la na linhagem dos primatas como o mais recente salto evolutivo. Tal concepção de humano é uma teorização culminante de diversos outros sistemas teóricos e uma infinidade de objetos concretos, como substâncias químicas, ossos, cavernas, palafitas, pergaminhos e os próprios cérebros dos pesquisadores. Assim, funcionam e difundem-se as teorias e a ciência como conjuntos de observadores e suas produções. É importante a noção que Gregory Bateson (1991) traz de ecologia da mente: a mente está em todo lugar, na cultura, nas árvores, nos animais, e ao mesmo tempo, no observador e na coisa observada. Os conceitos são fundamentais como grande expressão do pensamento e matéria prima para a formulação de grandes sistemas teóricos. Os conceitos não são meras palavras, que simplesmente designam a posição de um objeto no campo lingüístico, mas são máquinas abstratas (Deleuze & Guattari, 1996; Deleuze 1999; e Guattari, 1998), ferramentas transformadoras, estratégias que movimentam máquinas pensantes. O próprio exemplo da apropriação do termo “rizoma” da botânica é um importante maquinismo conceitual, visto que a idéia reticular da planta é transposta a uma superfície conceitual mais ampla, gerando um novo plano de cognição. No estudo de Mil Platôs, (Deleuze & Guattari, 1995, Vol. 1), surge o verbo rizomatizar, ou fazer *rizoma*, podendo implicar em uma produção conceitual que os biólogos talvez jamais sonhassem, mas que aparecia nas suas pesquisas com sistemas-raízes, e estruturas de ligação entre as plantas e seu sistema subterrâneo. Conceituar não implica em somente dar nome às coisas, e sim transformá-las, provocá-las esquematizá-las, atribuir-lhes um novo lugar.

No plano conceitual agenciado pelos pensadores franceses, a biologia do rizoma pertence à geografia dos cartógrafos, ou seja, lançar mão dos conceitos é cartografar, ou percorrer, é fazer o cominho e o sentido do mesmo ao andar.

1.2.3 Pontos de pauta

A partir desta introdução, cuja proposta foi contextualizar as condições que propiciaram este estudo, divido meu texto em três etapas:

Informes: “Como eu vejo o mundo”, ou as diversas leituras e reflexões do pesquisador, cuja dinâmica integrativa constitui no “observador” enquanto um dos instrumentos de pesquisa, através de suas distinções:

o ato de designar qualquer ente, objeto, coisa ou unidade, está ligado à realização de um ato de distinção que separa o designado e o distingue de um fundo. Cada vez que fazemos referência a algo, implícita ou explicitamente, estamos especificando

um critério de distinção que assinala aquilo de que falamos e especifica suas propriedades como ente, unidade ou objeto. Essa é uma situação totalmente cotidiana e não única, na qual estamos submersos de modo necessário e permanente (Maturana e Varela 2001, p.47).

Nesta etapa, mostro que as distinções que faço estão envolvidas em um referencial teórico e conceitual, a teoria dos sistemas vivos, atualmente utilizada por muitos autores para trabalhar o tema das redes. A Rede é entendida como rede (interligações) e um sistema autopoiético de terceira ordem.

Discussão de Caso: “A Rede Integrada”, no qual divido o capítulo em três partes distintas, Breve Histórico do Bairro Restinga, Breve Histórico da Rede e Três Acontecimentos, como material empírico para três enfoques de análise.

- O primeiro caso mostra a heterogeneidade da Rede, sua constituição como espaço múltiplo de inclusão da diferença e como sistema aberto ao fluxo de informação.
- O segundo caso mostra a Rede pensando sobre si mesma, em que seus elementos estruturais realizam suas próprias distinções a respeito de sua organização em momentos de realimentação⁴ e clausura operacional, o que inclui aspectos organizativos que são vistos também por outra rede, e por princípios molares e moleculares do funcionamento em rede. São aqui cartografadas estratégias de trabalho cooperativo, o diagrama de funções e atribuições relativas ao modo de trabalhar da Rede da Restinga.
- O terceiro caso é o relato de uma reunião da Rede a partir de observadores diferentes e seus relatos escritos: o autor desta pesquisa, o redator das atas das reuniões, e o Antropólogo Luis Eduardo Soares, atuante em uma interessante perturbação no funcionamento da Rede, mostrando que o produto de uma infinidade de agenciamentos. Uma rede sempre contém em si outras redes. O funcionamento de uma rede pode ser entendido sob o ponto de vista de outras redes conectadas,

Encaminhamentos: concluo meu trabalho refletindo sobre o papel dos conceitos na pesquisa e sua aplicabilidade e manifestação nas novas formas de organização social, trazidas neste estudo pela problemática das redes, e dos espaços “fora do Estado”.

⁴ *(o controle) da máquina com base no seu desempenho efetivo em vez de no seu desempenho esperado é conhecido como realimentação (feedback) e envolve membros sensórios que são acionados por membros motores e desempenham a função de detectores ou monitores- isto é de elementos que indicam um desempenho (Wiener, 1972, p24)*

PARTE II

INFORMES

2.1 A Teoria dos sistemas vivos

Durante os anos de convivência na Rede, percebi grandes dificuldades em definir o objeto de pesquisa, e uma metodologia interessante de análise. A Rede, ainda que fosse uma reunião de pessoas, não era propriamente um grupo: às vezes comportava-se como grupo, às vezes não. A Rede em sua expressão concreta, ou seja, suas reuniões quinzenais, jamais se mostrou linear, seu funcionamento dependia muito da situação momentânea de seus componentes. Creio que quase nenhuma vez pude imaginar o que fosse acontecer na próxima reunião. Trabalho aqui a idéia de que uma rede pode ser observada como sistema vivo autopoietico e não-linear

A teoria dos sistemas vivos, utilizada aqui como ferramenta de expressão do objeto estudado, requer alguns comentários a respeito de sua gênese, ou seja, das pesquisas e modelos teóricos oriundos da física e da biologia. Tais são processos aplicados à vida em sociedade e à uma visão de mundo e ser humano. Meus conhecimentos não são especializados nas áreas do saber que pretendo integrar aqui. Para elaborar a argumentação a seguir, lancei mão de meus conhecimentos de física e biologia adquiridos no segundo grau, além de meu interesse no assunto por documentários e revistas de divulgação. É claro que nem de longe eu seria capaz de expressar com minúcia a matemática envolvida nesses processos. Alguns autores contemporâneos foram, para mim, muito importantes em um entendimento mais amplo da parte física, e trago seus trabalhos como importantes referências para que qualquer leigo como eu possa ter acesso a uma verdadeira revolução no pensamento científico: menciono aqui Fritjof Capra (1994, 1997 e 1996), Stephen H. Hawking (1998), Werner Heisenberg (1999), Ilya Prigogine (1996) e Norbert Wiener (1972). Este trabalho é, para seu autor, realmente experimental no sentido de ser uma integração singular de idéias, e certamente apresenta-se como fomentador de debates.

Inicio esta viagem pela Teoria dos Sistemas Vivos, em uma de suas sínteses elaborada por Edgar Morin, a partir da idéia de complexidade: *O nosso universo, em que todas as coisas estão separadas no e pelo espaço, é, ao mesmo tempo um universo em que não há separação* (Morin, 1991, p. 151).

Trabalha-se aqui a concepção múltipla de universo como conjunto máximo de acontecimentos (relações de espaço) gerados em um tempo indeterminável. Tais acontecimentos, como lembra Michel Serres (1997) em seu livro de intensa carga poética mas de pungente filosofia “Atlas”, chamam-se “meteoros”, palavra que deu origem à “meteorologia” contemporânea. A Meteorologia procura estudar e compreender a

periodicidade dos fenômenos temporais através de variáveis como velocidade dos ventos, pressão atmosférica, umidade relativa do ar, condições da vegetação, enfim, movimentos de água, terra, ar, eletricidade, e suas possíveis relações de causalidade. Tais movimentos podem comportar-se de maneiras mais ou menos estáveis, dependendo de que referencial são observados. Em meteorologia, há uma divisão conceitual entre “tempo” e “clima”, referindo-se ao primeiro com uma certa verticalidade (dos dias e das semanas) e ao segundo horizontalmente (em intervalos mais longos de tempo). Uma cidade pode apresentar um clima dito “frio”, (temperaturas médias anuais baixas), mas, eventualmente, ter dias de tempo “quente” (temperatura). São intervalos de tempo e espaço que determinam ao cientista meteorológico as qualidades do fenômeno, ou seja, tempo e espaço são grandezas relativas, bem como suas relações: velocidade e aceleração. É espantoso notar como se deslocam nossas noções de “parado” e em “movimento”, a partir das descobertas da astronomia e da formulação dos modelos atômicos e subatômicos. O objeto, que, para o cálculo da mecânica clássica está em repouso, se observado pelas lentes de um microscópio apresenta um movimento intenso de substâncias e células. As células, observadas subatomicamente, são compostas por moléculas que, por sua vez são compostas por átomos cujos elétrons movimentam-se à velocidade da luz, com velocidades e posições incertas.

As propriedades de um corpo existem sempre em função de outros corpos, e esta relação é através de alguém que observa. Aqui está, enfim, o que Einstein chamou de Teoria Geral da Relatividade, que, associada à mecânica quântica modificou o pensamento científico radicalmente. Durante muito tempo imaginou-se a matéria como partículas indivisíveis unidas a partir da atração gravitacional. Com a constatação dos campos elétrico e magnético de Faraday e Maxwell, e o trabalho de visibilização do átomo por Ernst Rutherford, a concepção do átomo, então, mudou para a de minúsculas estruturas compostas de um núcleo positivo cercado de partículas percorrendo vastas regiões ao seu redor. Mas, o que há entre os elétrons e o núcleo? A resposta é: vazio. E, ainda por cima, os elétrons apresentam um estranho comportamento quando são medidos, pois nunca dão certeza de sua posição, apenas apresentam tendências (ou probabilidades) de estar. Tais elétrons podem, ganhando ou perdendo energia, emitir outras partículas, denominadas fótons, percebidas por nós através dos fenômenos luminosos. De que maneira o fóton, sendo uma partícula, apresenta-se também como fenômeno ondulatório? A resposta possível é que a luz pode ser observada como dois fenômenos: ondulatório e corpuscular. E mais: os componentes do átomo executam trocas de energia entre si, emitindo partículas, colidindo e formando outras partículas. Mesmo a mais antiga rocha, vista sob os olhos nanoscópicos da física subatômica é composta por miríades de explosões e entrecosques de partículas, sempre em interconexão. Ao invés de ordem e solidez, vazio e caos. Mas, se tudo é movimento, interconexão e espaços vazios, por que esta dissertação não escorrega nas mãos do leitor e meus dedos não atravessam o teclado que estou escrevendo? Por que, enfim, tenho a sensação de que uma pedra é uma pedra e que, ao tocá-la, encontrarei um limite?

A resposta surge a partir da conseqüente introdução da estatística nos cálculos físicos, especialmente no trabalho de Gibbs. A probabilidade indica pelo nome que, em alguns cálculos, o que é medido é provável, que a “tendência a existir” das partículas representa um padrão probabilístico que indica a posição relativa que podemos medir.

Uma interessante mudança ocorrida foi a de que, num mundo probabilístico, não mais lidamos com quantidades e afirmações que digam respeito a um universo específico e real como um todo, mas, em vez disso, formulamos perguntas que

podem ter respostas num grande número de universos similares. Dessarte, admitiu-se o acaso na Física não apenas como um instrumento matemático, mas como parte de sua mesma trama (Wiener, 1972. p.52).

O trabalho de Gibbs foi o embrião de uma nova Física, que começava a tornar incertas suas descobertas, e aproximar-se cada vez mais da idéia que aquele Universo que estava “lá” agora está “aqui”, ou seja, em tudo que medimos encontra-se implícita nossa capacidade de perceber.

A partir de cálculos probabilísticos os cientistas podem isolar partículas em espaços prováveis e fazê-las colidir com outras partículas após percorrerem imensos túneis magnéticos. Assim, os 14 elétrons de cada átomo de silício em uma rocha tendem a comportar-se em torno do núcleo como se estivessem em gavetas probabilísticas, configurando um “padrão” de funcionamento perceptível por um observador, e os átomos da rocha tendem a funcionar também em um padrão que faz a rocha apresentar suas características distintas, como solidez, cor, aspereza.

A maior parte da celulose e de outros compostos orgânicos produzidos por meio da fotossíntese consistem em pesados átomos de carbono, que as plantas retiram diretamente do ar sob a forma de CO₂. Assim, o peso de uma tora de madeira provém quase que totalmente do ar (Capra, 1996, p. 147).

Sendo os elétrons conexões entre padrões de probabilidade, os átomos também o são, e o observador idem. A matéria é vista não como uma “coisa”, mas como uma probabilidade de interconexões entre probabilidades de interconexões. Esta é a teoria da *matrix S* ou *bootstrap*⁵, e literalmente quer dizer “cadarço da bota”, que inicialmente apresenta a dinâmica das partículas subatômicas como uma infinita rede. Esta teoria foi reconstituída por David Bohm, observando a possibilidade de padrões emergentes na multiplicidade. Partindo de padrões que ressurgem do caos, chegamos a uma autodeterminação das leis do universo, ou seja, podemos enxergar o cosmos agora de cabeça para baixo em relação às concepções clássicas. Não há leis às quais a natureza obedeça, elas são o seu próprio movimento. O universo, em termos de espacialidade e temporalidade, não é mais uma imensa prancha de um Deus arquiteto, mas um emaranhado de interconexões que se assemelha a um novelo de lã destroçado por um gato.

A dinâmica destas conexões é descrita pelo físico Max Planck, por relações entre quantidades de energia que são específicas para cada uma. Ou seja, os elétrons só compartilham fótons a partir de pacotes energéticos, que foram denominados *quanta*⁶. A teoria quântica postula que o universo não é um sistema único de trocas energéticas, e sim composto por vários sistemas de troca entre padrões de organização. Chamamos uma lâmpada de fluorescente devido a ela conter átomos de flúor, cujos elétrons, ao receberem energia, realizam um salto quântico para outra órbita, sendo o excedente liberado através de fótons. No caso dos átomos, cada um diferente possui em sua eletrosfera um número provável de elétrons distribuídos em padrões de trocas, ou níveis quânticos. Esta flutuação entre trocas pode fazer com que, para estabelecer um equilíbrio dinâmico entre as camadas, ou manter um padrão, os átomos podem, ao perder elétrons, atrair elétrons de outro átomo, ou vice-versa.

⁵ Mais detalhes sobre a teoria *bootstrap* podem ser obtidos em O Tao da Física (Capra, 1994)

⁶ O fóton, segundo o dicionário Aurélio eletrônico (2000), *passa a ser uma partícula elementar associada ao campo eletromagnético, com massa nula, spin 1, carga elétrica nula, estável, e cuja energia é igual ao produto*

Aqui temos, aliado às descobertas de Planck, o modelo atômico de Ernst Rutherford e Niels Bohr, no qual os átomos são classificados por suas quantidades de energia, e também por capacidades de troca. Mesmo sendo potencialmente infinitas, as trocas de energia entre átomos apresentam padrões e regras, sendo importante a relação entre polaridades magnéticas, pois é a força magnética que atrai um átomo disposto a compartilhar elétrons. Uma maneira resumida de apresentar as relações entre os átomos é a tabela periódica dos elementos, que, apesar de apresentada aos estudantes em um formato em duas dimensões, na verdade é a expressão de uma intrincada rede de relacionamentos entre átomos, ou melhor, de possibilidades de conexões entre diferentes padrões. As expressões “interligação”, “troca” e intercâmbio são essenciais no estudo das redes.

A Rede Integrada, da maneira como é observada aqui, mostrou-se também sua “tendência a existir”, pois nem sempre “estava lá” quando fui procurá-la, e sua dinâmica dependeu sempre de suas interconexões momentâneas. Dar o nome “Rede” a algo que sempre se mostrou incerto foi a delimitação de seu padrão de existência, ainda que os acontecimentos deram-se em múltiplos universos. A Rede nesta pesquisa é distinta como um sistema não-linear.

Falando em não-linearidade, há outra noção física importante: das trocas termodinâmicas. Ainda que a quantidade de energia dos sistemas como um todo se conserve, a desordem (cuja medida chama-se entropia) é sempre crescente. Como pode ocorrer, então, a formação de padrões observáveis? Como, entre ventos, raios e diferenças intensas de pressão e temperatura, é possível surgir um centro que se desloca por uma trajetória e uma estrutura cônica que chamamos de furacão? Resumidamente falando, Boltzmann observou em um experimento clássico que, em moléculas de um sistema, havia uma relação entre o número de moléculas e a desordem entre elas. Nestas quantidades de ordem e desordem se estabeleciam padrões probabilísticos, ou zonas de maior ou menor desordem, que sempre eram próximos ou buscavam um equilíbrio. A termodinâmica clássica apresenta uma flecha de acontecimentos em desordem e complexidade crescente. Ilya Prigogine (1996) percebeu que, no experimento de Boltzmann, ainda que a energia adicionada ao sistema fosse sempre crescente, as moléculas apresentavam uma alternância de graus de desordem, e algumas poderiam afastar-se do equilíbrio, embora sempre tendendo a ele. O autor chama as estruturas resultantes destes padrões de “estruturas dissipativas”, surgidas a partir de um fenômeno denominado “atrator caótico”. Os atratores caóticos são padrões de comportamento observados em elementos de um mesmo sistema, manifestados sob uma tendência à ordem que surge da desordem, mas não determinísticos, como expressa Francisco Salzano, geneticista, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

À primeira vista, processos determinísticos e randômicos parecem categorias mutuamente exclusivas. Porém a) processos completamente determinísticos podem gerar processos aparentemente randômicos; b) processos randômicos podem ter resultados determinísticos c) próximo aos limiares que separam domínios de comportamentos qualitativamente muito diferentes, uma pequena alteração pode ter grandes efeitos; e d) a interação de processos determinísticos e randômicos dá resultados na evolução que são diferentes da consequência de cada tipo de processo agindo isoladamente (Salzano, 1999, p18-19).

2.2 Do caos ao controle: cibernética

Durante a segunda guerra mundial, um grupo de matemáticos, neurocientistas e engenheiros, compôs uma rede de estudos comuns das novas teorias científicas e suas aplicações na sociedade, entre as quais estavam os aparatos bélicos, informáticos e a bomba atômica. Entre estes cientistas estavam Norbert Wiener, Warren McCulloch e Ludwig Von Bertalanffy, aos quais juntaram-se Gregory Bateson e Margaret Mead, entre outros. Esta rede de autores acabou por elaborar uma teoria heterogênea das trocas de informações (entendida como energia conservativa) entre os sistemas termodinâmicos. A “cibernética” como denominou Wiener, trazia a idéia de *sistemas abertos sejam eles físicos, biológicos ou sociais* (1972, p.30) que, ainda organizados, apresentavam um fluxo de energia, que, em diversos graus, provocava desordem.

Os cibernéticos realizaram grandes debates envolvendo diversos campos do saber e fenômenos contemporâneos, em encontros que foram chamados de “As Conferências Macy” (Capra, 1996). Wiener, um brilhante e precoce matemático, escreveu, em 1950, no calor da discussão das conferências, o livro *Cibernética e Sociedade: O Uso Humano de Seres Humanos*. Neste livro, a cibernética é explicitada pela sua etimologia grega *ciência do timoneiro*, definida operacionalmente como *a ciência do controle e da comunicação no animal e na máquina* (Wiener, 1972, p. 23) postulando que uma importante diferença entre animais e máquinas é o fato dos primeiros serem caracterizados como “vivos”, ou seja, um animal é considerado uma máquina viva.

A idéia de um universo de interconexões de trocas energéticas aplica-se aqui a sistemas mais amplos que as partículas, cujo padrão de trocas é estabelecido entre a manutenção do sistema a partir de comunicações. A cibernética, nos seus primórdios, preocupou-se com a comunicação entre máquinas, bem como sua capacidade de informar a si próprias (auto regulação).

As máquinas entendidas como sistemas cibernéticos não interagem mecanicamente apenas a partir de ordens diretas de um ser humano, como “ligar” ou “desligar”; suas ações podem ser determinadas pelo seu próprio funcionamento, por escolhas da própria máquina entre o ligar e o desligar. Um termostato, por exemplo, é a parte de um aquecedor acoplada que constitui em um termômetro que informa a temperatura externa, delimitando a temperatura desejada pelo ser humano que o utiliza. A máquina-viva homem não se limita a simplesmente ligar ou desligar, ela informa ao aquecedor a temperatura que acha ideal, e o próprio aparelho, a partir desta informação, executa as ordens de liga e desliga, mantendo a temperatura desejada. Este processo de auto-regulação significa que o sistema é “alimentado” por informações sobre seu próprio desempenho, ou retro-alimentado. Em tempos de incerteza, onda-partícula e radioatividade, Wiener chama atenção para a não-linearidade dos sistemas e do caos entre suas trocas. Esta temperatura “ideal”, informada ao sistema aquecedor, é obtida não “estaticamente” ou “mecanicamente”, como seria em um mundo ideal, no qual apertaríamos um botão e, *presto*, chegamos aos agradáveis 23 graus Célsius. Sendo uma casa também um sistema dissipativo aberto, em constante troca de energia, e suas paredes e janelas regulam as entradas e saídas do ar, há uma intensa troca energética, caracterizada pelas flutuações entre os fluxos de ar quente e frio. Se o termostato é ligado em um dia

frio, e a temperatura desejada é 23 graus, mantém o aquecedor ligado fornecendo calor ao sistema até a temperatura oscilar a 24 graus. Por suas constantes trocas, o ar dissipa o calor, descendo a temperatura até o ideal, e continua dissipando até que, a 22 graus, o aquecedor recebe a ordem de voltar a fornecer calor. A temperatura marcada no termostato é decorrente de um processo de idas e vindas, oscilando em um padrão, determinado por uma interação comunicativa: *não somos matéria-prima que permanece, mas padrões que se perpetuam* (Wiener, 1972, p. 24). Os seres humanos, através de seu sistema sensório-cognitivo, apresentam esta característica em comum com os termostatos: auto-regulação. A informação, para a cibernética, é esta capacidade de controlar a quantidade de energia em um sistema, evitando que um aquecedor emita constantemente energia até provocar um incêndio (entropia, ou desordem do sistema) ou, pelo contrário, fique desligado, não cumprindo sua função como aquecedor. Esta troca de informações a partir de interações, deu origem a sistemas informativos capazes de receber informações, armazená-las e interpretá-las a partir de uma lógica interna. A esta adaptabilidade a partir de um padrão os cibernéticos não tardaram a chamar de inteligência.

Uma mesma característica, então, une os animais (incluindo os humanos) às máquinas: a inteligência. Na época em que Wiener escreveu seu livro, os primeiros computadores estavam sendo construídos, e nascia uma nova ciência: a informática, que não lidava apenas com o processamento de informações das calculadoras ou o armazenamento dos registros escritos, mas com o processo de interações entre processar e armazenar. Gregory Bateson se mostrou empolgado com a aplicação da cibernética à biologia, passando a entender os seres vivos como sistemas abertos e auto-regulados (Capra 1996). A cibernética, é, então, anexada a outra ciência sistêmica: a ecologia. Como a ecologia estuda a dinâmica de interações entre os seres vivos em um ecossistema, tal dinâmica também obedece a um intenso fluxo de matéria e energia. E mais: a manutenção da vida não é mais compreendida por uma tendência unicamente violenta e entrópica, sendo seus atores extintos ou não por eliminação. A evolução passa mais a ser um processo que uma luta. Nesta perspectiva, sobrevive aquele que é capaz de manter um padrão a partir de constantes trocas, e estas são entendidas por adaptabilidade, assimilações e acomodações, como chamou Piaget (1987). A junção dos termos “ecologia” e “cognição” significou que a inteligência agora é parte integrante da definição de “vida”. Sob esta perspectiva, o cérebro é visto como máquina capaz de aprendizagem, e o computador passa a ser visto como uma máquina capaz de fornecer ao homem informações sobre seu próprio funcionamento. Varela, Thompson e Rosch (1997, p. 62) enumeram as grandes contribuições da cibernética às ciências cognitivas:

A fase cibernética das ciências cognitivas produziu uma assombrosa variedade de resultados concretos, além de uma influência duradoura, (ainda que com frequência subterrânea). Eis aqui alguns resultados:

- o uso da lógica matemática para compreender o funcionamento do sistema nervoso;
- a invenção de máquinas de processamento de informação (como os computadores), base da inteligência artificial;
- o estabelecimento da metadisciplina da teoria dos sistemas que deixou marcas em muitos ramos da ciência, tais como a engenharia (análise de sistemas, teoria do controle) a biologia (fisiologia regulatória, ecologia) as ciências sociais (terapia familiar, antropologia estrutural, administração, estudos urbanos) e a economia (teoria dos jogos);

-a teoria da informação como teoria estatística dos canais de sinal e comunicação;
 -os primeiros exemplos de sistemas autoorganizados⁷.

Quando pensamos máquina, pensamos homem, quando pensamos inteligência pensamos vida, quando pensamos em tecnologia pensamos em controle, quando pensamos em controle pensamos em sociedade, quando pensamos em sociedade pensamos em complexidade. Quando falamos em humano, estamos partindo do pressuposto de que várias ciências escrevem sobre o humano, cada vez mais em sintonia.

A cibernética ainda prosseguiu com seus debates e contribuições para o campo da informática e das ciências cognitivas, pelo trabalho de cientistas como Marvin Mynski, Seymour Papert, Noam Chomsky, e praticamente fundou os atuais estudos em vida e inteligência artificial, a partir da idéia de organismo cibernético, no qual o vivo e o não-vivo estão plenamente misturados.

O uso de computadores de maneira cotidiana é bastante recente, sendo que a grande difusão de usuários e conexões em rede traz à tona uma dimensão de acoplamento entre o vivo e o não vivo: os vírus. Vírus são programas que perturbam *softwares*, e fazem com que estes apresentem comportamentos anômalos. A utilização de termos como infecção, vírus, contaminação e vacina, pertencem atualmente também à computação. Os vírus de computador afetam as máquinas, mas principalmente os seus usuários. Enquanto eu escrevia este texto, o computador que utilizei foi infectado por um vírus transmitido via correio eletrônico, sendo seu primeiro “sintoma” manifesto uma mudança na função das teclas ~ (til) e ´ (acento agudo). Apreensivo por estar impossibilitado de trabalhar, inicialmente ignorando a hipótese de “infecção”, desmontei o teclado, percebendo logo em seguida a infelicidade da idéia, visto que fui incapaz da operação inversa. Após consultar algumas fontes entendidas fui convencido de que se tratava de um vírus, e comprei um *software* de “desinfecção”, cuja ação confirmou a presença do invasor e fez a máquina retornar ao seu funcionamento normal. No entanto, o anti-vírus não pôde consertar meu teclado, e tive que comprar um novo. Este último fato mostrou que, de maneira quase direta, eu próprio participei da ação infecciosa, tornando difícil saber a real diferença entre o sistema humano e o sistema-máquina, ambos máquinas cognitivas, importantes para a vida.

A seguir, centrarei minha análise em dois neurobiólogos que, influenciados pela cibernética, apresentaram uma tentativa de descrever o funcionamento dos seres vivos entendidos como sistemas diferenciados por outro sistema vivo: o observador. A teoria dos sistemas aplicada à biologia passa para uma dinâmica de funcionamento básica organizadora de toda a complexidade da vida: a autopoiese.

2.3 Os sistemas vivos e a autopoiese

⁷ Tradução livre do original em espanhol.

Uma rocha resigna-se a sua fixidez pétrea, permitindo que a água do mar ou do rio apenas a dissolva lentamente, ou que o limo cresça e se multiplique em suas costas. Há milhares de anos as rochas reinavam absolutas em nosso planeta, em sua imobilidade conformada, e tudo não passava de água batendo em rochas, rochas deslocando-se pelo céu ou pelas placas tectônicas. As rochas e as águas conflituavam-se, derretiam e solidificavam em uma intensa revolução na qual alguns padrões organizativos passaram a surgir e moléculas de proteína teriam se fechado ciclicamente. Tal fechamento teve para nosso mundo o efeito de uma bomba. Parece claro que esta é apenas uma versão, pois há também a hipótese de que as primeiras células tenham vindo já do espaço. Não importa, o fato de a vida organizar-se em um sistema comunicativo, com funções distintas dos sistemas chamados “não vivos”, fez com que biólogos como Maturana e Varela formulassem questões metafísicas sobre a vida, que seriam respondidas por religiosos, teólogos e cientistas como “a vida foi criada por Deus” ou “o objetivo da vida é evoluir”. A resposta da biologia do conhecimento, sob a perspectiva dos sistemas autopoieticos é: o sentido da vida é produzir a vida, autoproduzir-se.

O pensamento de Maturana e Varela inicia com uma interface entre o existencialismo e a cibernética, através da ênfase de que a observação de um fenômeno depende das condições de quem observa, ou seja, os observadores, como sistemas retroalimentadores, estabelecem comunicações internas a partir de regulações externas. Tais interações comunicativas apresentam oscilações no funcionamento do sistema retroalimentador, capaz de modificar-se conforme suas possibilidades. Um sistema-observador é capaz de operar sobre o observado, realizando distinções, sendo modificado. O ato de distinção é bastante similar ao que Piaget designa por classificações, ações importantes no processo de aprendizagem: a criança começa a fazer distinções em um período sensório motor, no qual capta sons e imagens sem saber decodificá-los, mas como seu sistema perceptivo desenvolve a capacidade de selecionar diferentes padrões de onda. No decorrer das inúmeras operações que realiza, a criança aprende o que são diferenças, como se observa na fase das coleções figurais, onde já divide unidades diferentes por critérios como cor e forma. As fases do desenvolvimento da inteligência elaboradas por Piaget, vão desde as primeiras distinções por critérios puramente perceptivos até as distinções que são feitas dos próprios critérios de distinção, nos quais não é mais necessário um objeto “real”⁸.

É condição primordial para um observador, como vimos no capítulo anterior, que ele faça distinções entre unidades:

As unidades, por sua vez, são entidades definidas por distinções. Assim, como observadores biólogos, Maturana e Varela distinguem o fenômeno vivo por suas unidades que os diferenciam dos demais. Como podemos saber o que caracteriza algo vivo? De que maneira podemos determinar a dinâmica observável de um sistema vivo? A própria idéia de sistema como unidade composta por outras unidades, distintas por um observador, demonstra que, para entendermos um sistema vivo, precisamos, minimamente, entender como se dá a relação entre suas partes, além de determinar quais são as unidades que o compõem. Para entender um sistema vivo, é também necessário distinguir a organização da estrutura que o compõe:

Entende-se por organização as relações que devem ocorrer entre os componentes de algo, para que seja possível reconhecê-lo como membro de uma classe específica. Entende-se por estrutura de algo os componentes e relações que constituem

⁸ É interessante visitar **Seis estudos de psicologia** de Jean Piaget. Rio de Janeiro, Editora Forense: 1987

concretamente uma unidade particular e configuram sua organização (Maturana e Varela, 2001, p.54).

A organização configura um padrão de interações em um sistema, a estrutura configura os elementos que realizam essas interações. As mudanças estruturais de um sistema são sempre determinadas pela sua organização, contudo, determinados tipos de perturbações estruturais podem acabar com a organização e, conseqüentemente, com o que distingue um sistema. Uma espada é determinada por um observador como um sistema organizado através da junção de uma lâmina com um cabo. Podemos confeccionar espadas e cabos de diversos materiais, como madeira, alumínio ou aço (estrutura) mantendo a distinção do sistema como espada (organização). O desgaste de uma espada provocado por um combate pode causar perturbações estruturais, mantendo ou não a organização. Se a espada perde o fio, ou substituímos a lâmina de aço por uma de latão, ainda que haja um câmbio estrutural, ainda temos uma espada; mas, se porventura a lâmina é separada do cabo, a organização que distingue o sistema espada não mais pode ser observada.

Um sistema químico que tem por componentes Carbono, Hidrogênio, Oxigênio e Nitrogênio, combinados em moléculas de proteína, ainda que contenha os elementos estruturais dos sistemas vivos, não é capaz de constituir, por sua pura e simples presença, o fenômeno vivo. Se imaginarmos uma espada imaginária fatiando uma célula, o resultante desta perturbação é o fim da organização enquanto célula, ainda que tenhamos a maioria de seus componentes intactos. Enfim, que tipo de organização configura o vivo? Os organismos vivos são caracterizados por sua organização autopoietica. *Nossa proposta é que os seres vivos se caracterizam por-literalmente- produzirem de modo contínuo a si próprios, o que indicamos quando chamamos a organização que os define como organização autopoietica* (Maturana e Varela, 2001, p.52).

A unidade autopoietica primária é o organismo celular. Os primeiros seres vivos seriam unicelulares, até que, dada a complexidade de interações (perturbações estruturais) diferentes que cada unidade pode fazer no decorrer de sua existência histórica, alguns teriam apresentado a capacidade de acoplar-se a outros, formando organizações pluricelulares mantendo suas autopoieses. Todos os seres vivos apresentam em comum a origem unicelular (Maturana e Verela, 2001). A próxima etapa da autopoiese é a formação de seres metacelulares, nos quais as células, com o objetivo de manter sua autopoiese, acoplam-se a outras células, e seu funcionamento conjunto apresenta organização autopoietica. As unidades metacelulares são denominadas unidades autopoieticas secundárias. Da mesma maneira, esses sistemas podem estabelecer relações entre si e formarem coletividades com a intenção de manter sua organização, formando os sistemas sociais (unidades autopoieticas terciárias). Como o histórico evolutivo dos sistemas celulares os coloca em um ambiente de constantes transformações, a primeira unidade autopoietica teria enfrentado uma série de dificuldades para manter-se, e suas descendentes idem, e cada geração multiplicou-se e diferenciou-se, para os quatro cantos do planeta, também modificando a estrutura deste. A evolução do sistemas vivos pode ser vista por uma imensa rede de interações entre sistemas fechados organizacionalmente mas abertos ao fluxo de matéria e energia, constituindo e sendo constituídos pelo meio. A manutenção de um padrão também depende da capacidade de mudança, e tal mudança ocorre na dinâmica de acoplamentos estruturais que um sistema vivo realiza no decorrer

de sua história. O âmbito, classe ou domínio em que os câmbios estruturais interativos podem ocorrer é distinto da seguinte forma:

a) Domínio das mudanças de estado: isto é, as mudanças estruturais que uma unidade pode sofrer sem que mude a sua organização, ou seja, mantendo sua identidade de classe.

b) Domínio das mudanças destrutivas: todas as modificações estruturais que resultam na perda da organização, e portanto, em seu desaparecimento como unidade de um certa classe.

c) Domínio das perturbações: ou seja, todas as interações que desencadeiam mudanças de estado.

d) Domínio de interações destrutivas: todas as perturbações que resultam numa modificação destrutiva (Maturana e Varela, 2001, p 110).

Como sistemas inteligentes, os organismos autopoieticos perturbam-se a partir de câmbios informáticos. As células trocam informação a partir de substâncias químicas ou elétricas. Em um sistema social, (unidades de terceira ordem) podem haver trocas mais complexas, a partir de substâncias químicas, sons, odores e condutas. Os gafanhotos, por exemplo, são capazes de formar imensas nuvens a partir de uma determinada frequência emitida pelo vibrar de suas antenas. Estes câmbios de informação acabam por gerar códigos, elementos sociabilizantes, pertencentes a um gafanhoto como unidade, mas que surge apenas em relação a sua coletividade. Entre as formigas, a troca de informação é através de substâncias químicas sutis. Esta interconexão, característica dos insetos sociais, é denominada *trofolaxe* e literalmente significa *fluxo de alimentos* (Maturana e Varela, 2001, p. 278). Os primatas superiores, especialmente os humanos, são capazes de acoplar-se por compartilhamento de operações simbólicas, uma "*trofolaxe lingüística*", e fazer distinções a partir de distinções. Os sistemas comunicativos humanos formam redes de palavras, que mantém uma organização compreensível e identificável como sistema, mas modifica sua estrutura a partir de acoplamentos. Tais sistemas são capazes de gerar realidades a partir de suas próprias representações simbólicas, e não somente de fatos do mundo. A linguagem teria surgido de uma necessidade de manter uma organização coletiva. Assim, o pensamento humano por símbolos está necessariamente ligado ao coletivo. Ainda que a mente mantenha sua recursividade, ou organização, na formação de um eu, este só torna-se possível a partir de um acoplamento com a coletividade. Da mesma forma que não podemos saber se o elétron é onda ou partícula, também é difícil saber o limite entre o que está dentro ou fora de um sistema vivo, sem pensarmos que estas distinções são criadas por quem o observa.

Os sistemas sociais, assim, são sistemas constituídos por interações entre sistemas vivos cuja unidade organizativa básica é a autopoiese.

2.4 As máquinas sociais e a autopoiese

O propósito ontológico deste trabalho é observar um sistema social dotado de organização e estrutura, e problematizar suas distinções como sistema autopoietico. Para tanto, buscarei as influências da teoria autopoietica em alguns autores preocupados com o funcionamento dos sistemas sociais.

A vida é um processo de conservação e adaptação às dificuldades, e um dos recursos que ela utiliza para isso é um aproveitamento de experiências através de um arquivo repleto de informações sobre elas. Em cada espécie viva, no decorrer de gerações, as populações vão nascendo, vivendo experiências e dificuldades, procurando adaptar-se, reproduzindo-se de diversas formas.

O DNA é uma espécie de arquivo dinâmico de interações, que vai operando, “salvando” uns arquivos e “excluindo” outros, sendo que, às vezes, podemos “salvar” um arquivo nocivo (no caso de determinadas síndromes). Sob esta visão, o gene não determina nada, pelo contrário, ele é determinado pelo conjunto de ações adaptativas de uma espécie inteira, e as informações contidas neles podem ou não ser utilizadas pelos indivíduos, dependendo de questões probabilísticas ou até mesmo de escolha. O corpo, sob o ponto de vista da genética, ostenta uma macro memória e uma micromemória, um devir elástico de células que nascem e morrem em organismos que nascem e morrem, como parte de espécies de surgem e se extinguem. Como Maturana e Varela (2001) dizem, podemos observar os sistemas como unidades simples ou compostas. A célula pode ser vista como a reunião de suas moléculas, o órgão como reunião de células, o organismo como conjunto de órgãos, a espécie como conjunto de organismos. Esta curiosa repetição de um padrão, encontrada em samambaias, montanhas e couves-flor, foi analisada por um matemático chamado Mandelbrot, através da geometria não-linear dos fractais. Os fractais são equações matemáticas dinâmicas, expressas por figuras que modificam sua estrutura mantendo uma organização. Inda que compostos por padrões repetitivos, sempre apresentam diferenciações

Um organismo vivo também funciona assim, pois suas células estão sempre nascendo e morrendo, sempre se diferenciando, ainda que mantenham um padrão até que o organismo como um todo pereça. Como mostra o trabalho de Prigogine, somos sistemas dissipativos, longe do equilíbrio, montados em uma vertiginosa flecha do tempo, contra a qual nossa única arma é o ciclo da vida (atrator caótico), nosso território é móvel, nômade, que repete a repetição para existir. Tal repetição existencializante, presente nos sistemas é o que cria os *Ritornellos*, conceito musical agenciado por Guattari da obra de Marcel Proust. É a repetição de um organismo e seus efeitos que geram o domínio comum a dois ou mais organismos, que compartilham impressões e geram um território comum, que, caso no específico da espécie humana, a idéia de corpo. Podemos ver esta repetição existencializante no que Marco Polo descreve a Kublai Khan sobre a cidade de Zirma:

Da cidade de Zirma, os viajantes retornam com memórias bem diferentes: um negro cego que grita na multidão, um louco debruçado na cornija de um arranha-céu, uma moça que passeia com um puma na coleira. Na realidade, muitos dos cegos que batem bengalas nas calçadas de Zirma são negros, em cada arranha-céu há alguém que enlouquece, todos os loucos passam horas nas cornijas, não há puma que não seja criado pelo capricho de uma moça. A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente (Calvino, 1990, p. 72).

O corpo, já atentam Deleuze e Guattari, é gerado pelas idéias e histórias de corpo, um processo de bricolagem, daí, para a noção de que todo corpo contém em si e está contido em um *corpo sem órgãos*. Esta

concepção de corpo desprovida de matéria encontra sua superfície existencial em repetições. *Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite* (Deleuze & Guattari, 1996, p.09).

A dinâmica de acoplamentos entre unidades humanas e outras entidades da natureza se dá pela via do domínio comum de representações simbólicas, ou lingüísticas. Na linguagem observamos clausuras repetitivas: as coisas recebem nomes, que circulam pelos coletivos. Ganhamos nomes desde antes de nascer, que, por uma repressão que envolve nossas relações interpessoais, passam a indicar um certo existir no mundo. A Rede da Restinga encontra sua existência como sistema também por ser distinta e denominada como Rede, e ser possível que se comunique a um coletivo pensante o que ela vem a ser.

A linguagem é um bom exemplo da dimensão social, transpessoal, da cognição. Já vimos que um grande número de processos e de elementos intervêm em um pensamento. Mais uma vez, não há mais paradoxo em pensar que um grupo, uma instituição, uma rede social ou uma cultura, em seu conjunto, “pensem” ou conheçam. O pensamento é sempre a realização de um coletivo. Sociologia e psicologia possuem apenas diferenças de granulação na observação. Estamos sempre diante do devir de redes heterogêneas. Devemos, simplesmente, apreender a sociedade da mente em outra escala. Tanto em uma, quanto em outra, processos cooperativos ou agonísticos semelhantes estão operando. Em ambas, são diversas mensagens que são traduzidas e retraduzidas, transformam-se e circulam (Pierre Lévy, 1996, p.169).

Um dos importantes domínios de representação da consciência humana, pois, é a noção de “corpo”, marca de um processo lingüístico e histórico. Organização, estrutura, acoplamentos, realimentação, identidade, são características processuais daquilo que chamamos sistema. Por definição, um sistema é uma reunião de elementos cuja integração produz algo diferente da produção dos elementos em separado, e esta integração pode ser reconhecida por um observador externo. Aqui fazemos uma interface para a metáfora do *corpo sem órgãos*: um sistema surge como potência emergente, ele é o produto de uma junção de uma reunião, de uma *enação*⁹ (Varela, Thompson e Rosch, 1997). A *enação* consiste na dinâmica integrativa dos diversos acoplamentos estruturais de uma unidade autopoietica, que podem ser distintos por um observador a partir de suas possibilidades. Dentro da imensa rede de interconexões, apenas algumas são distintas por um observador. A máquina autopoietica é resultante também de muitas interações desconhecidas.

Agora, o que seria o observador na perspectiva de Deleuze e Guattari? Agora é interessante trabalhar a noção de autopoiese destes autores. Vamos ao que escreve Guattari em *Caosmosis*, inicialmente pela idéia de máquinas;

O primeiro tipo de máquina que pensamos é o dos dispositivos materiais. São fabricados pela mão do homem - ela mesma substituída por outras máquinas - e isso segundo concepções e planos que correspondem a objetivos de produção. Denomino essas

⁹ A *enação* é definida como a cognição corporificada, ou seja, a dimensão integrativa de todas as sensações e pensamentos, já que o sistema nervoso distribui-se por todo corpo este está sempre captando informações do meio (n. do a)

diferentes etapas de esquemas diagramáticos finalizados (1998, p. 46).

Os dispositivos saídos das mãos dos homens são os que também retornam a ele por diversos outros órgãos sensoriais, e apresentam-se na materialidade da cognição das operações que o humano realiza.

Através dessa montagem e dessa finalização, se coloca de saída a necessidade de ampliar a delimitação da máquina strictu sensu ao conjunto funcional que a associa ao homem através de múltiplos componentes:

-componentes materiais e energéticos;

-componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que participam da fabricação da máquina);

-componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação, à organização do trabalho, à ergonomia, à circulação e à distribuição de bens e serviços produzidos;

-componentes de órgão, de influxo, de humor do corpo humano;

-informações e representações mentais individuais e coletivas;

-investimentos de “máquinas desejanter” produzindo uma subjetividade adjacente a esses componentes;

-máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados (Guattari, 1998, p 46).

Guattari traz para as instituições toda a complexidade que envolve a construção do pensamento coletivo humano por um princípio trabalhado por ele e Deleuze em *Mil Platôs* (1995), que é o de *rizoma*, formações reticulares surgidas em um plano de consistência, princípios de interligação que provocam perturbações entre as máquinas acima descritas. Dentro do que se chama de *Três Ecologias*, ou *Ecosofia* (Guattari, 1999), temos a formação de máquinas anexadoras, capazes de reter a energia criativa do processo de constituição de máquinas desejanter. A subjetividade, neste sentido, é vista como a formação de um território, uma máquina que percebe, processa, sente e constitui seu próprio sistema de interações. Dentro do plano de consistência, máquinas e territórios surgem a todo instante, podendo cristalizar-se em uma formação dita pelos autores como arborescente: sistemas maiores anexando sistemas menores à sua organização. O exemplo dado na introdução desta dissertação também se refere ao pensamento árvore-*rizoma*: pensar a árvore como apenas tronco e folhas é imaginá-la como uma grande máquina anexadora.

No “capitalismo mundial integrado” (Guattari, 1980), a operação das grandes máquinas semióticas, como o dinheiro, ou capital, atrai para si as subjetividades e delimita desejos. A subjetividade é anexada e territorialidades como “trabalhador”, “consumidor”, “desempregado”, dentro de uma “economia” numérica em que “tempo é dinheiro”, e o tempo é medido pelo giro de capital. As semióticas de Guattari (1998) acoplam-se, tornando-se visíveis.

A vida de um cidadão consumidor inicia em uma família, parte de seu *phylum* genético. Implica no processo de constituição do sujeito ter o nome registrado em arquivos do Estado em diversas instâncias ao longo de sua vida: carteira de identidade, cadastro de pessoas físicas, diploma universitário e registro profissional, fora a série de prontuários médicos, diagnósticos e avaliações, inscrições pelas quais tem que passar para adquirir ser acoplado como parte do sistema social. Em muitos locais, como certos órgãos de imprensa, ou instituições comerciais, não se trabalha com a perspectiva de cidadão, mas consumidor. encontramos aqui, então a idéia de subjetividade capitalística, forjada por alguém que está sujeito aos acoplamentos subjetivadores das grandes máquinas de capital.

Os sistemas podem segmentar-se como instrumentos de controle e movimento, ou máquinas. Guattari (1980, p. 139) pergunta: *seria a esquizoanálise um culto à máquina?* A resposta é: *talvez, mas não no quadro das relações sociais capitalísticas! Sendo tais relações concentradas em duas grandes máquinas que sobrepujam e anexam, formando o Capitalismo Mundial Integrado: as produtivas e econômicas.* A esquizoanálise vê a realidade através de *todas as máquinas, que funcionam à maneira da história real, na medida que ficam permanentemente abertas aos traços de singularidade e às iniciativas criadoras* (Idem).

Assim, o capitalismo, como máquina, é consequência da operação de outras máquinas menos visíveis. Repetindo, para fixar na mente o aforismo desta dissertação: uma rede sempre contém em si outras redes. A grande máquina capitalística contemporânea é a uniformização do consumo, dando a este fundamental importância para a existência do cidadão, que trabalha nem sempre para produzir a si mesmo, ver-se reconhecido no seu trabalho, e sim para adquirir capital para poder consumir.

No entanto, como diz Euclides Mance, (2000), o ato de consumir não é atributo único do capitalismo, e sim uma ação fundamental de qualquer sistema. Consumir implica também um processo de deixar-se afetar pelo externo, ou de afetá-lo. Todos consumimos comida, informações, imagens. No capitalismo, o consumo é operado como máquina constituinte e agenciadora fundamental. A atual briga por patentes de remédios entre governos e laboratórios é um exemplo disso: ao sistema de saúde é importante que haja medicamentos suficientes para atender aos cidadãos, e que alguns tratamentos podem contribuir para que muitas pessoas se mantenham vivas. Do ponto de vista de quem está doente, o remédio gratuito é fundamental para sua sobrevivência, tanto pelo seu efeito terapêutico direto, quanto a possibilidade de comprar comida com o dinheiro gasto. Para o laboratório isso pode ser levado em conta ou não. O registro de patente de um remédio assegura que seu uso deve ser convertido em capital não só para a empresa que o produziu, como a que é proprietária da patente, ou seja, a venda de um medicamento atrela-se invariavelmente ao lucro. É preciso, então, dispor de capital monetário para adquirir um bem fundamental à vida. A Rede da Restinga envolve instituições sujeitas ao Sistema Único de Saúde, inclusive a prevenção de AIDS e DSTs, portanto, a retenção do fluxo de informação e capital dos laboratórios afeta a Rede e seus acoplamentos relativos à distribuição de medicação. A saúde do corpo medicado envolve diversos corpos, tanto físicos como abstratos, eis que o *corpo sem órgãos* mostra-se novamente, sendo não corpo, mas corporeidade, corporificação.

É importante para Deleuze & Guattari que procuremos não o combate aos grandes sistemas, mas as linhas de fuga que podem mudar as interconexões. O capitalismo é um sistema de valores que pode acoplar-se ao sistema de saúde, mas é possível que ele se acople a outros, como a manutenção da vida, por exemplo. Um

laboratório pode muito bem ganhar dinheiro para manter-se e ceder sua fórmula para um serviço público (que recolhe impostos das indústrias) e distribuir a quem precisa. O capital e a saúde estabelecem um intercâmbio sistêmico, um afetando o outro, e ambos procurando manter suas organizações. Serão eles sistemas autopoieticos? Talvez, entendendo que ambos produzem a si mesmos, até mesmo por envolverem em sua estrutura organismos vivos autopoieticos:

Parece-me, entretanto, que a autopoiese merecera ser repensada em função de entidades evolutivas, coletivas e que mantêm diversos tipos de relações de alteridade, ao invés de estarem implacavelmente encerradas nelas mesmas. Assim, as instituições como as máquinas técnicas que, aparentemente, derivam da alopoeise, consideradas no quadro dos agenciamentos maquímicos que elas constituem com os seres humanos, tornam-se autopoieticas 'ipso facto'. Considerar-se à, então, a autopoiese sob o ângulo da ontogênese e da filogênese próprias a uma mecanosfera que se superpõe à biosfera (Guattari 1998 p. 52).

A mecanosfera interessa como sistema de leis e códigos, de todas as máquinas citadas anteriormente, postas em movimento, gerando e sendo geradas pela biosfera através duas corporeidades, uma física e outra abstrata. O sistema formado por ambas é não-linear, dissipativo, ou seja, é gerador de ruído. O ruído representa aquilo que é incomensurável, que complementa a probabilidade, sempre o inesperado. Os sistemas vivos reagem ao ruído através de sua capacidade de perturbar-se, podendo aumentar ou não seu domínio de interações. O ruído pode ser agregado ou repudiado do sistema, é o movimento trazido do caos. É o ruído, ou desconhecido, que impulsona o sistema a produzirem informações, que, por si só são também perturbadoras. O ruído traz a característica dissipativa dos sistemas, e a organização a possibilidade de construir e operar. Os sistemas vivos autopoieticos são metaestáveis, ou seja, repousam em uma recursividade entre ordem e desordem.

A Rede da Restinga mantém sua existência sistêmica em meio a intensos movimentos não lineares, pois ela surgiu em torno de uma proposta de organizar um caos institucional percebido por seus fundadores. A Rede se propõe a ser uma tecnologia, um instrumento cognitivo científico, a traçar planos e metodologias, mas também se mostra como espaço aberto de debates e participação, ou seja, é aberta às diferenças e aos diferentes modos de agir e existir, ao caos das relações.

Em *O que é a filosofia* (1996), Deleuze & Guattari demonstram novamente sua predisposição a pensar em termos de diferentes platôs do conhecimento, ainda que reconhecendo suas dimensões integrativas. Dizem os autores: *pedimos um pouco de ordem para nos proteger do Caos* (p 259). Para os autores, a arte, a filosofia e a ciência seriam planos de visibilização, formas de ordenar o caos para nós mesmos, dele extrair energia e dar-lhe forma e visibilidade. A arte abre rupturas no caos para que este se mostre como contemplação na obra; a ciência adentra o caos e traz dele suas possibilidades, suas constantes modificações maquímicas. A ciência visita o caos, o captura e nos expressa em máquinas representacionais. A filosofia elabora uma máquina conceitual em termos de virtualidade, produz maquinismos que produzem maquinismos, que se ultrapassam por sua própria dinâmica. A filosofia traz a compreensão do caos pela desaceleração conceitual.

A junção (e não a unidade) das três é o cérebro. Certamente, quando o cérebro é considerado como uma função determinada, aparece ao mesmo tempo como um conjunto complexo de conexões horizontais e de integrações verticais, reagindo umas sobre as outras, como testemunham os “mapas” cerebrais. (Deleuze & Guattari, 1996, p. 267).

As dimensões autopoieticas dos três planos são, efetivamente, geradas por um cérebro, ou melhor, por um coletivo de cérebros que apresentam organizações distintas por câmbios estruturais. A mente gerada por um cérebro é sempre dependente de intercâmbios, como o corpo depende do consumo de comida: *então a questão é dupla: as conexões são pré-estabelecidas, guiadas como por trilhos, ou fazem-se e desfazem-se em campos de forças?* (idem)

Um processo alimenta o outro. Uma rede mantém sua organização através de constantes reorganizações, mais ou menos estáveis. Qualquer rede move-se como sistema em relação ao caos por uma permeabilidade caosmótica: a transmissão do caos pelo processo de permeabilidade seletiva ou osmose. Uma rede social apresenta em sua organização interações com uma diversidade de atores sociais, tanto abstratos como concretos: uma sede, um programa assistencial, uma política educacional, os padrões de consumo de sua comunidade, a relação com a mídia, a necessidade por capital, as inclusões e exclusões, a violência, as tecnologias de transporte, etc.

Maturana (2000) desenvolve interessantes comentários sobre a teoria dos sistemas vivos autopoieticos e sua relação com as organizações sociais, inclusive definindo-as como condicionadas pela presença do amor, ou reconhecimento do outro como legítimo na existência, e pela linguagem. A linguagem não é necessariamente simbólica (ainda que os símbolos seja importantes ferramentas), mas definida mais amplamente como domínio comum de ações que se mantém ao longo de interações. Maturana e Varela talvez não tenham pensado as instituições como fenômeno autopoietico por reconhecerem suas limitações como biólogos. Capra (1996) apresenta uma interessante discussão a respeito da autopoiese no domínio social, colocando que os autores consideram os sistemas sociais bastante diferentes dos organismos celulares, por envolverem possibilidades maiores de câmbios estruturais, não necessariamente voltados a autopoiese. Esta discussão é farta e já tem feito ecos em diversos pesquisadores, tendo sua gênese em Luhmann (*apud* Capra, 1996, p. 172), através da análise dos fenômenos comunicativos:

Os sistemas sociais usam a comunicação como seu modo particular de reprodução autopoietica. Seus elementos são comunicações que são produzidas e reproduzidas por uma rede de comunicações e que não podem existir fora desta rede.

Virgínia Kastrup (1995) em um artigo, discute o conceito de autopoiese na obra de Deleuze e Guattari. Eduardo Passos além de discutir o uso do conceito de autopoiese por Deleuze e Guattari (Passos e Barros, 2000) também publicou um artigo no qual problematiza autonomia universitária considerando a Universidade como sistema autopoietico, referindo-se ao pensamento de Luhmann e também ao de Deleuze e Guattari (Passos, Andrade e Longo 2000).

A idéia de sistemas-rede autopoieticos têm sido utilizada na formação das redes de colaboração solidária. O filósofo Euclides André Mance apresenta em seu livro *A Revolução das Redes* a constituição das redes de economia solidária como conjuntos de células acopladas cooperativamente, a partir de uma organização que é comum a todas, tanto como unidades, quanto como sistema-Rede. Sem citar Maturana e Varela, Mance denomina as unidades constituintes das redes solidárias de células, que apresentam autonomia produtiva, embora dependentes de um acoplamento coletivo, pela diferenciação por tarefas. As redes de cooperação solidária realizam câmbios entre unidades celulares e entre outras redes. Uma rede de cooperação solidária lida com uma economia na qual o que produz farinha vende seu produto para quem produz pão, em troca do próprio pão e vice-versa. Mantendo um padrão organizativo de trocas, bem como identidade sistêmica, as redes solidárias podem expandir-se infinitamente, acoplar-se ou produzir outras redes.

Neste estudo, apresento a minha proposta de análise de um sistema social chamado Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga, cuja proposta é compartilhar serviços, constituir um domínio comum de interações entre diferentes instituições sociais para dar atenção à saúde, à educação, aos direitos humanos. Existem diversas maneiras de observar qualquer sistema, de maneira simples ou complexa. Nas páginas a seguir, realizarei uma análise das possibilidades da Rede ser descrita a partir da autopoiese e da auto-organização¹⁰. A Rede da Restinga constituiu uma identidade sistêmica ao ser denominada Rede, bem como pela elaboração, por seus próprios integrantes, de princípios e necessidades de formação de um sistema reticular. A Rede modifica a si e a seus atores, suas políticas internas e externas, suas próprias expectativas e atribuições, dependendo do tipo de acoplamentos que realiza e seu fluxo entre ordem e desordem. Apresento a seguir minha proposta de análise da Rede por suas características de sistema autopoietico.

A etapa seguinte terá cunho analítico-descritivo. A conclusão (Encaminhamentos) deste trabalho será mais contemplativa, imaginando possíveis implicações da teoria dos sistemas vivos na ecologia humana, e os novos câmbios da sociedade através das novas tecnologias, noções de tempo e espaço e novas necessidades do mundo contemporâneo.

¹⁰ (...) podemos dizer que a auto-organização é a emergência espontânea de novas estruturas e de novas formas de comportamento em sistemas abertos, afastados do equilíbrio, caracterizados por laços de realimentação internos (...) (Capra, 1996, p. 80)

PARTE III

Histórias da Rede

3.1 Pequena História do Bairro Restinga¹¹

A pesquisa foi desenvolvida no bairro Restinga, situado na zona sul, a 22 quilômetros do centro de Porto Alegre. O lugar começou a constituir-se como um loteamento construído pela prefeitura na década de 60, com o intuito de remover malocas da zona central da cidade.

O DEMHAB - Departamento Municipal de Habitação, criado em 30 de dezembro de 1965 foi o órgão responsável pelas primeiras remoções de famílias das vilas Theodora, Marítimos, Ilhota e Santa Luzia. Os primeiros moradores da Restinga, hoje Restinga Velha, foram violentados no seu direito de opção quanto ao destino que lhes foi apresentado e agredidos pela usurpação de parte de seu único patrimônio, a maloquinha.

O feio não deve ser mostrado: com esse lema o poder público jogou dezenas de famílias carentes para bem longe. Nesta época, a Restinga era apenas uma sanga cercada por mata virgem, sem estrada, sem água, sem luz, sem escola, sem atendimento médico, sem nada; essa era a situação dos primeiros que foram jogados ali.

Os poucos benefícios que os moradores começaram a usufruir, e que lhes havia sido prometidos, foram conquistados através de reivindicações feitas em abaixo-assinados e idas aos meios de comunicação. Neste caso está a Escola Estadual de Primeiro Grau José do Patrocínio, a primeira instituição pública da Restinga. Nota-se que os primeiros prédios dessa escola foram antigas construções de madeira desmanchadas de um outro local onde seriam construídos novos.

Enquanto aguardavam a construção da escola, as mulheres conseguiram, com sua presença constante nas rádios, três máquinas de costura. Com as máquinas, elas ganhavam uma ocupação. As aulas de corte e costura foram ministradas por freiras, trazidas pelo padre da vila. O padre, além de exercer as atividades sacerdotais, era também o conselheiro daquelas famílias que lutavam contra as adversidades habitacionais, sociais, econômicas e culturais, num núcleo que as autoridades teimavam em classificar como urbano, mesmo estando localizado numa área eminentemente rural, sem ficar ruborizados de vergonha.¹²

¹¹ O texto em questão foi extraído de **Desacelerações**, não publicado, escrito em cooperação com Carlos José Simões Ribeiro e Fábio Born Vieira como relatório do Estágio em Psicologia Social e Institucional.

¹² NUNES Marion K. **Restinga, Memória dos Bairros**. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Administração

A Restinga era o centro receptor das populações desalojadas. Devido à pobreza da população ali instalada, não havia retorno financeiro para os cofres públicos municipais. A partir daí, foi dado início a um gigantesco projeto ao lado esquerdo da Av. João Antônio da Silveira, hoje Estrada do Trabalhador: a construção da Nova Restinga. Com apenas 10 anos, a Vila Restinga passou a ser denominada Restinga Velha e a ela se agregaram núcleos de ocupação irregular e novas transferências feitas pelo próprio DEMHAB. Assim foram surgindo o Beco do Bitá, Barro Vermelho I, Barro Vermelho II, Cabriúva, Figueira, Castelo, Esperança, Santa Rita, Nova Santa Rita e Chácara do Banco.

Enquanto a Vila Restinga Velha teve seu desenvolvimento a partir da luta organizada de uma população dita marginal, os órgãos públicos municipais projetavam, a partir de 1969, um grande núcleo habitacional. Este núcleo deveria ser o maior de Porto Alegre e serviria de exemplo para o Brasil, talvez sonhando transformar o país numa grande Restinga.^{13 e 14}

A avenida passou a ser o divisor de águas entre as duas Restingas. Na nova parte, houve uma preocupação para que as obras fossem realizadas com a maior rapidez possível. As casas eram entregues aos moradores à medida que eram concluídas segundo inscrição feita no DEMHAB e através de um “sorteio” cuja sorte era ter um “padrinho político”.

Muitos moradores da Vila Restinga Velha viam com expectativas a construção da Nova Restinga, pois achavam que tinham ido para lá provisoriamente, e seriam os primeiros a ocupar as novas casas. Entretanto, poucos puderam mudar-se para o novo núcleo devido à alta prestação cobrada na época para os parâmetros dos trabalhadores, a maioria sem estabilidade empregatícia.

Com o retorno financeiro aos cofres públicos, construiu-se o Centro Comunitário da Restinga (CECORES) em 1977 e o Conjunto Habitacional Monte Castelo, em 1981, com 512 apartamentos.

No campo cultural, quase nada foi feito pelos órgãos municipais. Desprovida de atividades culturais e recreativas havia poucas alternativas. Uma delas era o Centro Comunitário da Restinga (CECORES) com um ginásio de esportes coberto e vários campos de futebol espalhados por quase todas as ruas. Nesse clima, criou-se uma escola de samba que serviu para mobilizar a comunidade para um novo tipo de divertimento e lazer, salienta-se que esta se localizou no lado da Restinga Velha.

A Restinga cresceu, foram implantados centros comerciais, construídas escolas, creches, ginásios de esportes, delegacia de polícia, posto de saúde, etc.

A Restinga Nova não sofreu acréscimo de população. Recentemente, não foram construídas novas unidades; a Restinga Velha continua crescendo devido à ocupação de novos aglomerados. Hoje, a Restinga, que foi projetada para ter no máximo cinqüenta mil pessoas, está, segundo dados das associações comunitárias e do DEMHAB, com aproximadamente cento e cinqüenta mil habitantes. Assim, o que inicialmente seria um núcleo habitacional, é hoje um dos bairros mais populosos de Porto Alegre, com 10% da população do município.

Nos dias de hoje a Restinga aparece cada vez mais para o resto da cidade, como local de emergência cultural e novos projetos de cunho social, e sua população aumenta a cada dia, ainda a través de remoções de outras áreas da cidade e construção de novas unidades habitacionais.

3.2 Um breve relato:

Diário de campo do dia 04 de maio de 2001, dentro do ônibus da linha Restinga-Azenha

Bueno, aqui estou e, pela terceira vez, chegando atrasado. Por três minutos... A 200 metros da parada observei o Restinga-Glória duplo que tinha me levado antes passar às 8:27, e eu estava acostumado a pegá-lo às 8:30. Lembrei que meu relógio de pulso e o que está no celular não estão sincronizados. Quando, em uma cidade como POA, precisamos nos deslocar por uma hora ou mais, cada atraso de cinco minutos multiplica-se numa estranha equação horária que envolve meus dois relógios e os itinerários de quatro linhas de ônibus.

Hoje está frio, não chove como das outras vezes, mas o céu está tomado por uma cor cinza que parece eterna, espalha-se pelas ruas e torna mais esmaecidas as cores das roupas recentemente tiradas dos armários... Estou na Azenha e falta muito até a Restinga, este ônibus vai pela Zona sul, pára em milhares de sinaleiras e em um trânsito lento, enquanto o outro vai pela Oscar Pereira e corta caminho subindo e descendo os morros. Nas outras vezes, me perdi após chegar na Restinga, e agora o que eu acabei de perder foi o ônibus. Não sei se devo me preocupar muito com isso, afinal, o acesso à Rede não se dá por uma linha temporal. Orientadoras preocupadas, professoras cínicas e desiludidas, pessoas que tentam temporizar e pessoas que tentam avacalhar... Momentos de esperança, mas que também intercalavam-se. Na verdade, minha experiência de acompanhar a Rede me mostra um panorama deveras caótico... Eu nunca fui capaz de prever quem ou quantas pessoas vão às próximas reuniões... Sempre varia... Claro, às vezes algumas presenças são mais constantes, mas, certamente, eu nunca assisti duas reuniões em que estivessem presentes as mesmas pessoas. Consequentemente, os assuntos nem sempre são retomados, pois o fluxo de informação é bastante etéreo. Ainda que as atas das reuniões anteriores sejam lidas, sempre há um caso novo, um problema novo, ou alguma nova concepção da Rede de alguma orientadora educacional mais pragmática (...)

¹⁴ O grifo é meu.

Diário De campo, 20 de abril de 2001

Bueno, aqui estou eu de novo, no Restinga-Glória, rumo à reunião da Rede, e novamente chove muito. Acho que está entrando uma frente fria. Quando cheguei no campus central da UFRGS, me molhei pra valer, as meias se encharcaram dentro das botas. Ando com um pouco de azar nas últimas semanas... O CNPq não pagou, meu dinheiro acabou, e ainda peguei uma tremenda conjuntivite (...)

Me perdi de novo. Uma hora! Uma hora caminhando na chuva, pisando no barro, andando para lá e para cá atrás do tal do CAR. Sei que o CAR fica ao lado de uma escola e perto do DMLU, perto de um conjunto habitacional... Mas várias paisagens da Restinga ficam perto de escolas e de conjuntos habitacionais. Incrível, cinco anos de Restinga e eu estou aqui, perdido na chuva, e já estava molhado antes... Por um momento cheguei a perder completamente a orientação, e o que é pior: as poucas pessoas que eu encontrava não sabiam dar nenhuma informação... Putz, os moradores da Restinga não sabem onde fica o Centro Administrativo da Restinga.

3.3 O Sistema observador-Rede e a Rede em relação ao observador

O objetivo desta etapa do trabalho é descrever a maneira como um coletivo pensante se organiza e constrói seus modos de operar. Tal coletivo é delimitado por um histórico de práticas e por uma delimitação institucional surgida em um pacto de constituir uma rede que integre serviços institucionais que operam sob legislações referentes a crianças e adolescentes, centralizadas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O fato deste coletivo denominar-se “rede” potencializa uma discussão ampla sobre o papel das redes na vida contemporânea, pois está atrelado a uma profunda transformação nas relações sociais que outrora era trabalho de físicos, engenheiros e informatas, e agora forma uma comunidade que inclui sociólogos, psicólogos, economistas, historiadores, filósofos, jornalistas, etc. O pensamento em rede constrói uma imensa rede de saberes. A física atômica contemporânea teria constituído o que Morin chama de princípio hologramático, ou seja, a partir das partes podemos chegar ao todo e vice-versa; devemos observar a realidade a partir de uma certa integralidade. Porém, como coloca Fritjof Capra em 1996 no início de “A Teia da Vida” a esta idéia holográfica acrescentou-se o princípio de “*ecologia profunda*”, cujo modelo é o de uma rede, ou seja, dentro da ecossfera planetária, tudo pode estar interligado, em diversos níveis, e tudo realiza trocas informacionais ou energéticas. A máquina-mundo é uma rede de redes.

Promover um espaço de encontro e troca de informações e encaminhamentos entre pessoas que trabalham em entidades de assistência a criança a ao adolescente é, a princípio, a idéia inicial da Rede Integrada de Serviços do Bairro Restinga. Promover um espaço de compartilhamento entre pessoas que queiram trocar informações de qualquer tipo, em todo o mundo, é, a princípio, a idéia que gerou a Internet. Ainda que sejam agenciadas por dispositivos tecnológicos diversos, uma rede social e uma rede computacional possuem dinâmicas de funcionamento bastante semelhantes, até por que encontram-se em um diagrama chamado rede, cujo princípio é o nó, o elo, que possibilita uma infinidade de trocas e de conexões, de múltiplas formações de territórios emergentes, estratégias de gerenciamento.

O adequado gerenciamento da informação é condição fundamental para que a rede possa realizar suas funções. O sistema de informação e comunicação pode recorrer desde às mediações mais simples – como reuniões presenciais, registros manuscritos e utilização de correios tradicionais – até as mediações mais ágeis, como sistemas informatizados, valendo-se da Internet ou de outras redes de comunicações de dados (Mance, 2000, p 211).

Em uma rede em estado emergente, uma informação lançada é compartilhada e processada por um coletivo, que engendra modos de organizar para realizar tal tarefa, de múltiplas formas. As redes são multiformes e carregam em si possibilidades virtuais de funcionar e de produzir subjetividades instantâneas, territórios movediços e de pluriversalidade caótica. Esta dissertação se propõe a ser o registro escrito de uma conexão pesquisador-rede e a Rede em sua construção coletiva distinta pelo pesquisador. Esta junção constitui o objeto de pesquisa, de um observador que procura contemplar em construções teóricas a concepção de “rede” e de um coletivo humano que operacionaliza um modo de funcionar sob a insígnia de “rede”.

Maturana (1999), em sua “Ontologia da Realidade”, traz a idéia de multiverso, como contrapartida a de Universo, ou seja, não há uma realidade única a ser descoberta pelo observador, mas sim um multiverso construído pelo encontro dos observadores, que se dá de maneira caótica, ou seja, de diversas maneiras de organização. Cada um que observa é como uma moeda jogada ao ar que pode dar a sua concepção da realidade. Uma das grandes contribuições dos estudos de Maturana e Varela é o reforço às idéias de Jean Piaget sobre a inteligência como fenômeno biológico adaptativo, chamando atenção para a importância do histórico de interações que os organismos realizam, modificando-se e se deslocando no espaço e no tempo, se relacionando com outros organismos, confrontando regras de funcionamento e estabelecendo novas regras no processo vital. Sob esta perspectiva podemos considerar a atividade humana, em especial a ciência, como um processo cognitivo envolvendo máquinas biológicas, sob o pensamento ecológico, visto que não há pensamento ou mente sem a coletividade¹⁵. Pierre Lévy interessou-se por esta questão ao trabalhar com a idéia de *inteligência coletiva*¹⁶ além da noção de “ecologia cognitiva” de Gregory Bateson (1991). As perguntas “como eu conheço”, ou “o que eu quero conhecer” adquirem a consciência de que “eu observo” a partir do que “nós conhecemos”.

O processo de conhecer seria exprimível, nesta perspectiva, “conhecer a partir de uma rede”. Aqui se encontra o pesquisador como mais uma interface comunicativa em uma rede, a partir de uma distinção que se

¹⁵ *Por sermos humanos, somos inseparáveis da trama de acoplamentos estruturais tecida por nossa permanente trofolaxe lingüística* (Maturana e Varela, 2000, p. 257).

¹⁶ *A inteligência coletiva só tem início com a cultura e cresce com ela. Pensamos, é claro, com idéias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade* (Lévy, 1999, p31).

autodenomina Rede, um espaço delimitado de interseções entre pessoas atravessadas por instituições/organizações implicadas em políticas públicas, legislações e práticas diversas que dão conta da atenção à criança e ao adolescente no bairro Restinga.

Um detalhe: parte do material da coleta de dados foi obtida da (ou ação de um observador) de um grupo de pessoas reunidas quinzenalmente em uma sala, e seus registros escritos. Porém, cada pessoa traz consigo o trabalho de escolas, entidades de assistência social, saúde, defesa civil, etc.

É de um conceito da biologia que Guattari parte para uma nova perspectiva de observação da realidade, complexa e sistêmica. Em *As três ecologias* (1999), o autor mostra-nos a “esquizoanálise” sendo convertida por seus agenciamentos dinâmicos e morfológicos: a ecosofia, como um sistema que pensa a realidade por três registros: *a ecologia do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana* (Idem, p.08).

A máquina-flor e a máquina-vespa descritas em *Introdução: Rizoma* (1995), sendo a vespa parte do aparelho reprodutor da planta e a flor parte da alimentação da vespa formam sistemas que se acoplam a outros sistemas, produzindo aberturas e clausuras, acoplamentos, agenciamentos maquínicos entre toda sorte de máquinas-fonte e máquinas-órgão: *uma máquina fonte gera um fluxo energético, e uma máquina órgão o corta e o modula. Elas se conectam assim em todas as direções, e esse processo incoercível é o que gera a produção de tudo o que existe* (1998, p. 53). Adentramos aqui o terreno de uma visão da realidade construída por suas tramas, suas conexões e suas diferentes linhas de fuga. Na ecosofia, ou ecologia cognitiva¹⁷, ocorrem agenciamentos de máquinas, mais especificamente, corpos sem órgãos e máquinas desejanter, importantes conceitos trazidos por Deleuze e Guattari, resumidos por Gregório Baremlitt da seguinte maneira: *direi a respeito que o corpo sem órgãos é uma espécie de rede sobre a qual se dispõem ao acaso as intensidades* (Idem). Assim, o *corpo sem órgãos* é o espaço de encontro do multiverso.

Quando um usuário acessa a Internet, tem diante de si a tela do computador exibindo o *lay out* do programa navegador. Ao acessar um endereço, o programa navegador dá acesso a uma página que pode conter diversos *links*, cada um representando um *site* de um lugar diferente. Se a sessão de *links* tiver por tema entidades que lidam com o Estatuto da Criança e do Adolescente, nesta página está hospedada uma grande rede de saberes e práticas que levam a outras redes, que são capazes de atingir outras interfaces. Uma página *web*, uma interface gráfica, pode trazer em si a potencialidade de uma imensa rede. A anulação do tempo e do espaço pela rede também modifica as noções de volume, extensão “diagramação”, uma distribuição não mais concreta, mas conceitual e significativa. Uma pessoa pode conter em si a Rede, pois está em “rede”. Este pesquisador, quando escreve um texto sobre a Rede, compõe muitos textos, e inclui a Rede inteira, sendo múltiplo e parte de uma multiplicidade, sendo molar e molecular.

Novamente chego a uma questão: ainda que os governos lancem novas políticas, a Rede pode ser impulsionada, por uma ou duas pessoas que sejam mais participativas em um determinado momento. Acredito que as grandes mudanças institucionais são sempre agenciadas por indivíduos, a lógica molar-molecular

¹⁷Esta equivalência de conceitos é de minha responsabilidade, a partir dos três autores que os abordam: Gregory

expressa por Deleuze & Guattari em *Micropolítica e Segmentariedade* (1996) e Pierre Lévy em *A Inteligência Coletiva* (1999). O que chamamos de molar, refere-se a mol, e um *mol* é, quimicamente falando, uma referência quantitativa, representado pelo número de Avogadro, que é 60,2 seguido de 21 zeros. Como o número de átomos de sódio ou moléculas de NaCl (cloreto de sódio) em uma pitada de sal é gigantesco, ou seja, repete uma mesma coisa em larga escala, criou-se um artifício matemático para facilitar os cálculos, o mol. O mol é um codificador que facilita cálculos, para evitar um excesso de números. Em vez de multiplicar dois números já imensos, pode-se expressar “dois móis”, ou 2M. No entanto, estabelecendo o mecanismo entre as grandezas molares e moleculares, notamos que um mol, em uma reação química, necessita ser um mol “de alguma coisa”, que necessariamente será diferente do mol de “alguma outra coisa”. Certamente, para um químico ou mesmo para qualquer churrasqueiro chega a ser dramática a diferença entre um mol de sal grosso e de açúcar, ainda que tenham a mesma cor. As moléculas são expressas em termos de diferenças entre as unidades químicas. Na verdade, quando contamos qualquer coisa, estabelecemos uma relação molecular-molar, associando a coisa contada com o número em que se apresenta: uma escola ou duas escolas, são diferentes em número, mas idênticas em serem escolas. É interessante observar em relação à idéia de rede: as redes são heterogêneas em relação aos tipos de rede e também em relação a diferenças entre seus componentes, pois estes podem acoplá-las a outras redes, por características comuns. Somos uma rede de múltiplas redes, que faz com que nos tornemos iguais em alguns sentidos e diferentes em outros.

3.3 Metodologia desenvolvida neste trabalho na Rede

O que eu poderia denominar de “metodologia” implica em um processo no qual meu ponto de vista de observador (desenvolvido no capítulo 2) trará aspectos funcionais que são comuns às redes, como: identidade sistêmica, conectividade, auto-regulação autoprodução, acoplamentos estruturais. A Rede pode ser vista como um sistema vivo, fechado organizacionalmente como rede e aberto ao fluxo de matéria e energia, ou, no caso, informação. Em sistemas vivos sociais, também é possível adentrar o terreno daquilo que é possível e do que é real, os dispositivos de controle e os diagramas de poder. Minha idéia de observador-rede implica que, em minha experiência de pesquisa, provoquei perturbações no histórico do sistema. Passei, em alguns momentos, a trabalhar neste sistema, pois estabeleci um pacto no qual minhas informações sobre a Rede e minhas idéias seriam comunicadas nas reuniões, inclusive sendo chamado a ocupar uma posição de “coordenador”, tendo no início relutado mas em determinado momento achado interessante e aceitado a proposta.

Resolvi, para fins metodológicos, dividir minha análise em três acontecimentos a partir de diferentes maneiras de descrever o que é chamado de “reunião da Rede” (molecular), e seus acoplamentos com princípios gerais das redes (molar).

3.3.1 Como foram feitos os instrumentos

São usados aqui instrumentos diversos obtidos na coleta de dados, ora intencionais, ora surgidos ao acaso. Desde a sua concepção inicial, estava em meu projeto assistir e anotar minhas participações nas reuniões, mas de forma alguma planejei escrever dentro de um ônibus, mas isso ocorreu pelo menos umas seis vezes, portanto, várias frases nesta dissertação foram escritas e pensadas dentro de um ônibus. Imaginei em meu projeto inicial tirar fotos e entrevistar pessoas, mas isso não não foi possível. O uso das atas acabou sendo muito útil. É marcante observar a diversidade entre os relatos dos elaboradores das atas e meus relatos, em alguns momentos narrando episódios semelhantes, noutros completamente diversos, e em alguns as atas mesclavam-se aos meus depoimentos pois trazem informações de reuniões que eu não estive presencialmente ou por faltar ou por chegar atrasado São utilizados os seguintes registros escritos de diferentes observadores:

- o autor desta dissertação, em anotações itinerantes e pesquisas bibliográficas;
- os redatores das atas das reuniões;
- registros de idéias produzidas em uma reunião da Rede, presente no livro de atas, sendo usado como carta convocatória de uma reunião. Neste registro, percebi que a Rede atuou como observadora de si mesma, em um processo de realimentação e de constituição em um plano possível de funcionamento;
- Do decálogo das redes, documento encontrado em um site chamado Rede de Informações do Terceiro Setor¹⁸, proposta de uma rede virtual que se propõe a ser uma rede gerenciadora outras redes. Este decálogo apresenta um registro de muitas atribuições molares de diversas redes semelhantes ao produzido por esta.
- A carta de um observador que realiza uma aproximação ao bairro e deseja contatar as instituições que trabalham com o ECA, e utilizar-se da Rede como agenciadora. Esta carta é importante pois, é dirigida nominalmente à Rede e foi lida para e pela Rede em uma reunião.

Tais relatos não apresentam uma linearidade temporal convencional, portanto, pretendo com esta estratégia projetá-los ao leitor em múltiplas dimensões, para que possa acompanhar o fluxo.

¹⁸ A comunicação telemática é uma importante fonte de informações e pesquisas, especialmente aqui, pois propõe-se a pensar tecnologias da inteligência e formações de redes, além de ela própria ser uma. Através de uma correspondência eletrônica de uma colega de mestrado, recebi o link da Rede de Informações sobre o Terceiro Setor ou “Rits” cujo endereço é www.rits.org.br. A proposta da Rits é organizar e intercambiar informações sobre as diversas redes sociais, bem como quaisquer Organizações da Sociedade Civil, ou setor público não-estatal, nos anais estão incluídas as Organizações Não Governamentais e demais redes (n. do a.).

3.5 Algumas memórias

Acompanhei, esporadicamente, algumas das reuniões da Rede no estágio de Psicologia Social (ocorrido no ano de 1997) e mais frequentemente no ano de 1998, como atividade do estágio de psicologia Clínica, já que a Unidade Sanitária da Restinga é sua parte integrante pela da Equipe de Saúde Mental. Em 1999, participei de algumas reuniões com vistas a elaborar o pré-projeto para a seleção ao mestrado. O relato de agora faço-o, portanto, de memória, pois não registrei os fatos de forma escrita ou gravada. Também valer-me-ei do relatório do então estagiário de graduação da Psicologia-UFRGS Giovanni Andreoli, chamado “Interfaces¹⁹” cujo estágio fora na Rede.

Naqueles dois anos, as reuniões foram quinzenais, sendo a primeira do ano para definição do calendário e elaboração da dinâmica de funcionamento (incluindo a eleição de uma coordenação), e a última para avaliação das atividades durante o ano. As reuniões eram abertas às entidades e comunidade em geral. No ano de 1997 a sede da Rede foi o Conselho Tutelar, e, em 1998, o CECORES. O número de integrantes e entidades representadas nas reuniões era bastante variável: escolas estaduais e municipais (geralmente professores (as) ou orientadoras educacionais), promotoras públicas, etc. As entidades mais assíduas nas reuniões eram o Conselho Tutelar, a U.S. Restinga e o CECORES. Em 1999 optou-se por um rodízio entre as entidades-sede.

Em 1997, a dinâmica de funcionamento da Rede era a seguinte: as reuniões eram divididas em dois momentos: no primeiro, eram ministradas palestras com profissionais especializados em temáticas definidas pelo grupo, geralmente sobre problemáticas enfrentadas no trabalho com crianças e adolescentes: violência, abuso sexual, drogadição, gravidez na adolescência, o ECA, etc. No segundo momento, as instituições traziam relatos de casos para discussão em grupo e, se possível, eram dados encaminhamentos diversos. Nesta etapa, por exemplo, uma escola que tivesse um “aluno problema” poderia discutir com os demais participantes maneiras de lidar com o caso ou, se fosse necessário, a possibilidade de atuar em conjunto com uma ou mais das presentes na reunião. Em suma, realizava-se um intercâmbio de casos e informações, bem como a discussão conjunta.

No ano seguinte, foram elaboradas novas propostas de funcionamento da Rede, sendo escolhida a de uma reunião do mês, na qual seriam discutidos os casos e na outra efetuar-se-iam discussões mais amplas, na forma de seminário

As reuniões sempre oscilaram entre a participação e o esvaziamento. Na avaliação final, reclamou-se muito disto, especialmente da ausência das escolas.

No ano de 1999, participei apenas de algumas das reuniões, e este foi o ano de estágio de Giovanni Andreoli. Mas é importante mostrar que, neste ano, a Rede optou por reunir-se em locais variados e sem coordenação fixa, além de propor uma abertura maior para a comunidade organizada. Na primeira metade do ano, esta política funcionou com relativo sucesso. No entanto, em um determinado momento observou-se um

¹⁹ ANDREOLI, Giovanni **Interfaces**-Relatório dos Estágio em Psicologia Social e Institucional. Porto Alegre, Outubro de 2000 (não publicado).

esvaziamento das reuniões, e optou-se novamente por um local fixo, desta vez o CECORES. A Rede encerrou o ano aparentemente vazia. Algo interessante de se notar é que a transitoriedade da participação da maioria das entidades (melhor dizendo, de seus membros) não se aplica à Unidade Sanitária Restinga, ao Conselho Tutelar e ao CECORES. Tais circunstâncias levaram Andreoli a algumas reflexões sobre a dinâmica da rede, e que podem servir de apoio para minhas atuais reflexões. Para Andreoli, haveria três níveis operacionais da Rede:

-A Rede como o todo do Bairro Restinga (uma Rede possível)

-A Rede como o Espaço Criado pelas reuniões (uma Rede real)

-A Rede como o círculo interno das entidades mais engajadas, participativas e presentes (um território interno da Rede).

PARTE IV

A REDE ACONTECE

4.1 A Rede e seus fluxos

Quadro 1: Entidades potenciais da Rede Integrada de Atendimento da Restinga

16ª Delegacia de Polícia
Alcoólicos Anônimos
AMOVIR- Associação dos Moradores da Vila Restinga
Associação dos Moradores Almirante Tamandaré – Pitinga
Associação dos Moradores Cabriúva
Associação dos Moradores da Vila Castelo
Associação dos Moradores da Vila Nova Santa Rita
Associação dos Moradores do Barro Vermelho
Bete Car
Brigada Militar- Destacamento Especial da Restinga
Cartório Alvício
Casa da Sopa
Centro Administrativo Regional Restinga,/ Extremo Sul (CAR)
Centro Infante Juvenil Monteiro Lobato
Centro de Promoção do Menor- COM
Centro do Trabalhador da Restinga
Centro Regional Sul – FASC
Conselho Tutelar – Micro Região 7
Consultoria de Segurança PMPA
CRAS – Comissão Regional de Assistência Social
Creche Comunitária Santa Rita

Creche e Maternal Arco-Íris
Creche e Pré Escola Ananda Marga
Creche e Pré Escola Ananda Marga
Creche e Pré Escola Ananda Marga
Creche e Pré Escola Ananda Marga (são quatro filiais)
Creche Infantil Bem-Me Quer
Creche Jesus Menino
Creche Padre Pedro Leonardi
Creche Renascer da Esperança
Escola Estadual Henrique Farjat
Escola Municipal de Primeiro Grau Deputado Lidovino Fantom
Escola Municipal de Primeiro Grau Dolores Alcaraz Caldas
Escola Municipal de Primeiro Grau Senador Alberto Pasqualini
Escola Municipal de Primeiro Grau Vereador Carlos Pessoa de Brum
Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Quintana
Escola Municipal Especial Tristão Sucupira Vianna
Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Engenheiro Ildo Meneghetti
Escola Estadual de Primeiro Grau Incompleto Nossa Senhora da Conceição
Escola Estadual de Primeiro Grau Incompleto Henrique Farjat
Escola Estadual de Primeiro Grau José do Patrocínio
Escola Estadual de Primeiro Grau Raul Pilla
Escola Municipal Infantil Dom Luiz de Natal
Escola Municipal Infantil Florência Volfud Socias
Escola Municipal Infantil Paulo Freire

Escola Municipal Infantil Vila Nova Restinga- Quinta Unidade
E. P. de Primeiro Grau Incompleto Ananda Marga
Empresa de Transporte Tinga
FEBEM – CSE
Fórum Regional da Restinga
Fundação Moab Caldas
Igreja Nossa Senhora da Misericórdia – Farmácia Alternativa
Liga Independente de Futebol e Esportes Amadores da Restinga
MOVA- Movimento de Alfabetização
Narcóticos Anônimos
Orçamento Participativo
Programa de Execução de Medidas Sócio Educativas em Meio Aberto – PEMSE- FASC
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional UFRGS
Programa de Saúde da Família (PSF) Chácara do Banco
Programa de Saúde da Família (PSF) Pitinga
Programa de Saúde da Família (PSF) Vila Castelo
SEJA- Serviço de Educação de Jovens e Adultos
SIM – Serviço de Informação à Mulher
SINE
SMC- Projeto de Descentralização da Cultura
SME- Unidade CECORES- Centro Comunitário da Restinga
SRB Escola de Samba Estado Maior da Restinga
SRBC Academia de Samba Estado Maior da Restinga
ULBRA- Complexo Hospitalar

Unidade Sanitária da Restinga Velha
Unidade Sanitária Macedônia
Equipe de Saúde Mental

- 1
- 2 Reunião de Rede 04/08/2000
- 3 Discussão de casos
- 4 1.a. Elisa-PSF Castelo. A senhora teve uma A.V.C. Ela está internada no HPS. Pede-se um suporte de vácuo com
5 oxigênio. O nome da senhora é Rosa Pereira
- 6 Inajá, assistente social do CECORES relata que o primeiro caminho para conseguir o aparelho é a secretaria de
7 saúde.
- 8 1.b. Marlene.: Um menino chamado Murilo necessita de fisioterapia. A mãe pede que se consiga um lugar que
9 seja perto da Restinga. Inajá, assistente social, comenta que existe um lugar chamado São João Batista.
- 10 Foi comentado que há atualmente uma clínica aqui na Restinga que se dispunha a atender 10 pessoas da
11 comunidade gratuitamente (CEMED).
- 12 Foi também referido que a Clinivida tem fisioterapia.
- 13 Waleska irá encaminhar um ofício pedindo para a CEMED.
- 14 1.c Valdir, professor. Uma menina da escola está com graves problemas emocionais. E o professor pede que lhe
15 ajudem a buscar um local para que ela possa se tratar.
- 16 Ângela, psicóloga, refere a clínica da UFRGS e também o serviço de atendimento do hospital de clínicas e o
17 CEAIA da PUC.
- 18 1.d Valdir, professor. Uma mãe de um aluno que tem 7 filhos está atualmente desempregada, catando no lixo
19 seco e orgânico. A senhora pede que se consiga um emprego. A senhora mora na Castelo.
- 20 Inajá recomenda que a senhora entre em contato com a assistente social Kath no módulo de assistência social
21 da 5.a unidade
- 22 2- Discussão do Seminário regional da Rede (Organização)
- 23 Informes
- 24 está sendo implantado no colégio Dolores- Municipal CIC: centro de integração para cegos.,
- 25 Há convites para o parque de diversões da Restinga, 10 para cada instituição.
- 26 Em setembro irão acontecer as eleições do Conselho Municipal de Ass. Social. As inscrições serão feitas de 1º a
27 10 de agosto. Principalmente é importante a candidatura da categoria usuário. É necessário, para o usuário, ser
28 morador da região.

- 29 A creche Ananda Marga está abrindo 15 vagas para o turno da manhã. A mensalidade é de 35 reais.
- 30 A política de saúde mental do Município dá prioridade à luta antimanicomial. Atualmente, os postos estão
31 atendendo os egressos dos hospitais psiquiátricos. Há, atualmente, no posto da Restinga, grupos de acolhimento,
32 grupos de atendimento para crianças e dependentes químicos. A partir de agora as pessoas irão primeiro para os
33 postos de saúde e a equipe do posto irá encaminhar para a saúde mental.
- 34 É necessário ser retirado um representante para o seminário da Rede Central de atendimento.
- 35 É pedido que a Rede possa encaminhar para a Rede Central as demandas que não estão sendo atendidas pelos
36 serviços disponíveis na região, atualmente.
- 37 Será constituída uma reunião da Rede para trabalhar e levantar as necessidades da região e constituir um
38 levantamento do que há na região para encaminhar ao III Seminário da Rede Central de atendimento. Na
39 próxima sexta (11 de agosto) será realizada esta reunião, às 8h e 30 minutos.
- 40 Luzia será a representante da Rede na reunião da Rede Central dia 7 de agosto, 9 horas.
- 41 Os coordenadores da próxima reunião (dia 11) serão Valdir e Maria do Carmo.
- 42 (Segue na ata uma lista de presença, na coluna da esquerda um nome, e na da direita a entidade representada.
43 Transcreverei abaixo apenas as instituições)
- 44 C.I.J. Monteiro Lobato, PSF Castelo, SMED-NAI, E. M. Alberto Pasqualini, PSF Pitinga, Ananda Marga (Barro
45 Vermelho), Ananda Marga (Restinga Nova), E. M. Chapéu de Sol, Equipe de Saúde Mental Dist 9, E.M.
46 Dolores. Visitante, O P, CECORES, E.M. Lidovino Fanton, E. M. Mário Quintana, creche Barro Vermelho,
47 Escola Especial Municipal Tristão Sucupira Vianna. E. E. de 1º grau Nossa Senhora da Conceição, Creche padre
48 Pedro Leonardi, ULBRA-Restinga, CPM e creche, EMI Nova Restinga, CMDCA.
- 49
- 50
- 51 Reunião da Rede em 23/03/2001
- 52 Início às 9:15. Com leitura da ata anterior por Júnior. Após começarmos a tratar sobre os assuntos pendentes que
53 são: Conselho Tutelar; que por não ter representante deste não foi discutido, mas Joseane-Tristão, falou, a título
54 de informação, que na última reunião se solicitou a presença constante de um representante do Conselho nas
55 reuniões da Rede e esta solicitação serve também a todas as entidades. Assunto leite: distribuição hoje à tarde vai
56 ter reunião de como vai ser a distribuição. Assunto calendário: que se faça um para o ano inteiro. Silvio falou das
57 atividades que o Atelier-Restinga oferece para a comunidade- eles querem fazer uma integração da arte e da
58 cultura. Representante do grupo de teatro Ói Nós Aqui Traveiz que fez proposta de uma oficina de teatro para
59 jovens. Falou do espetáculo “A Saga de Canudos”, que depende de articulação para trazer para apresentação na
60 Restinga . Autorização para fazer estágio nas reuniões da Rede. O aluno Fábio, da UFRGS está solicitando para

61 observar as reuniões e também para mais tarde visitar as entidades até julho/2001. Ele participou da reunião em
62 fevereiro, mas não teve coró. Iniciou-se uma discussão na questão da organização da reunião da Rede, onde tinha
63 pessoas novas que não sabem o que é esta Rede. Neste momento foi colocado como estão organizadas as
64 reuniões de 2000. Pediu-se retorno da verba que foi destinada para a escola Marília, ela mesma. Falou de como
65 está a organização agora. Falou-se para não se preocuparem somente com seu próprio umbigo, trazer casos e
66 tentarem se ajudar, fazer lista com nome, endereço, telefone dos representantes das entidades. Cada entidade
67 deve trazer o que pode oferecer para a comunidade. Passamos para fazer o calendário. As reuniões, que são
68 primeira e terceira sextas-feiras de cada mês, às 9 horas na escola Tristão. Próxima Reunião , 6 de abril de 2001
69 com a pauta: Dinâmica , estudo de casos e retorno, informes. Coordenação: André e Cristina. Ida –Mário
70 Quintana se propôs a organizar e trazer a lista de representantes da Rede. Ainda para a pauta faltou
71 encaminhamentos. Cândida, representante do conselho Tutelar, entregou livro de prestação doe contas, 4 livros.
72 Foi solicitado um local maior, mas a escola não dispõe, ficando a próxima reunião para o CAR Restinga. Nesta
73 ata curiosamente , na lista de presença foi solicitado além de nome e entidade, a função.

74 Entidades presentes: C.P.M, Conselho Municipal, E.M. Larry, E.M. Nova Restinga, BRV Restinga, PPGPSI,
75 UFRGS, PSF Castelo. Sociedade Beneficente Filhas de Jesus. S.M.C. Descentralização, Henrique Farjat, E.M.E.
76 Tristão Sucupira Vianna, Conselheira Titular do OP, Terreira da Tribo, CAR Restinga, E.M. Dep. Lidovino
77 Fanton, C.I.J Monteiro Lobato, E.M. Florêncio, Equipe de Saúde Mental Distrito 9.

78

79

80 Reunião da Rede em 20/04/ 2001

81 Iniciou nesse dia, às 9:25, com 11 pessoas, representantes de entidades. Foi comunicada a saída do coordenador
82 do CAR e que o novo ainda não pode participar dessa reunião. O retorno do Conselho Tutelar a respeito de
83 transferências é que a Central de Vagas não existe mais: as questões do Município serão encaminhadas via
84 SMED e as questões do estado serão encaminhadas via SEC. São muitos os pedidos de transferência por
85 questões de segurança. Neiva, do PSF Castelo faz relato da dificuldade de trânsito para a escola Mário Quintana
86 em função do mato atrás da escola. Em relação ao problema de visão de um menino a O.E. Sílvia do Larry, a
87 professora traz seu questionamento. Foi feita discussão sobre o censo visual nas escolas municipais, que será
88 realizado neste mês e ainda em maio. O E. Ângela, OE Sílvia e OE Maria Luisa trazem dificuldade em relação
89 aos encaminhamentos para Censo Visual, consultas oftalmológicas e de conseguir óculos ou cirurgias. Foram
90 trazidas discussões sobre o encaminhamento para a saúde mental: a demanda é muito grande e o atendimento
91 não é suficiente. Retomando a fala da reunião passada sobre o encaminhamento para a saúde mental da
92 representante da equipe, as dificuldades do encaminhamento das escolas que não é atendido. Os problemas com
93 crianças com hiperatividade, com problemas psicológicos não têm conseguido encaminhamento para a saúde
94 mental. Fica definido que numa próxima reunião será retomada a discussão com a representante da Equipe de
95 Saúde Mental sobre os encaminhamentos das escolas para atendimento de crianças. Sobre FICAES
96 encaminhadas ao Conselho Tutelar e que este retorna com documento que diz que não foi encontrado o

97 endereço. Cândida, do Conselho Tutelar, diz que a vaga dessa criança ainda está nesta escola, não perde a vaga.
98 Caso de aluno da escola estadual Henrique Farjat de 14 anos na segunda série que tem dificuldade de frequentar
99 a escola: foi encaminhado que a mãe procurasse vaga em turma de Ap (progressão) em escola municipal. Ketii
100 do CECORES foi trazida a questão do assentamento de 14 famílias com, no mínimo, 74 pessoas que viviam
101 numa comunidade isolada em Ipanema e foram trazidos os problemas de: saúde, assistência social, vagas em
102 escolas, casos de HIV. O assentamento foi feito pelo DEMHAB e deu o lote e as casas para as famílias. São 9
103 casas. São em sua maioria crianças e adolescentes – em sua maioria menores de 25 anos (62 pessoas). Essa
104 discussão será retomada na Conferência ampliada em 02/05 às 14 horas no CAR. Foi trazida para esta reunião
105 para conhecimento e ação conjunta. Retorno sobre o caso de criança abusada: o encaminhamento foi feito via
106 conselho tutelar e atendimento na equipe de saúde mental. Próxima pauta: não definida

107 Reunião de Rede em 04/05/2001, iniciou neste dia às 9:30 hs com 11 pessoas presentes, apresentação de casos
108 anteriores: CECORES: mãe na escola onde o pai está acamado com HIV (levou o exame mas não está) a menina
109 está cuidando do pai, a mãe perdeu o emprego por ter que faltar para cuidar do marido. Ela pertencia a um
110 programa oferecido pelo CECORES, e perdeu este direito. Por que? (NASF). A mãe tem direito a (um ano)
111 participar do NASF, e para passar para o PET, ele atende apenas a crianças que precisam trabalhar, para ajudar
112 os pais. A assistência social já fez o possível e não tem como oferecer uma cesta básica sistemática.

113 Medicação para o menino que n tem duas válvulas no coração, tem que comprar, o posto não oferece, e menino
114 (Rafael), problema de deslocamento, sugestão: tem que ter um bom vínculo com o serviço de saúde, indicar para
115 se vincular a este serviço (Posto Macedônia) A Restinga Velha oferece vínculo, se não tiver um bom vínculo,
116 retorno próxima reunião.

117 Caso 2 uma menina, com certa deficiência com desenvolvimento precário, onde a mãe tem deficiência mental,
118 já recebe orientação. Natieli (a menina) não precisa de escola especial, tem apenas necessidade de um
119 acompanhamento. A saúde mental ofereceu esta vaga, fica em aberto mais uma vaga neste mês, trazer dia 18 de
120 maio.

121 Caso 3. Menina com 10 anos: que está sem acompanhamento, não está abrigada, quando ocorre isto ela foge de
122 casa, fica agressiva. Já foi encaminhada para Cândida, disse a mãe, mas não foi recebido ainda este
123 acompanhamento. A mãe coloca que o Conselho está agilizando isso. “Renascer” oferece atendimento
124 psicológico, para a família, via Conselho Tutelar. Retomar com a Cândida para saber se ela já tem uma solução
125 para o caso.

126 Para a próxima reunião, avaliar a ficha de dados para identificar as pessoas envolvidas nos casos referidos
127 durante as reuniões.

128 Retorno caso do Murilo do Tristão vai ser operado, está fazendo fisioterapia; foi encaminhado para a ULBRA, a
129 cirurgia será dia 28/05 (tendões).

130 Trazer um relatório sobre o que cada entidade oferece, por escrito, programa (nome, endereço, telefone, serviços
131 prestados, equipe responsável, critério de inserção, organizar outros recursos que podem ser usados em outros

132 locais fora da Restinga também. O pessoal do CAR ficou responsável por recolher os relatórios.
133 Encaminhamento para a próxima reunião, 2,00 reais por mês para cada entidade, entregar para Cristina do
134 Monteiro)Próxima reunião: Cristina vai fazer a ata do dia).

135 Retornando ao meu diário, 04 de maio de 2001

136 A Rede forma-se, transforma-se, deforma-se no seu devir (esta palavra até que às vezes faz sentido).
137 A Rede é livre, possui uma certa autonomia selvagem em seu funcionamento que a distingue
138 bastante de alguma rígida política governamental. Participa quem quer, quem acredita, quem acha
139 que pode funcionar... Aqui estou eu na reunião. Está-se discutindo casos, um caso que refere-se ao
140 NASF (Núcleo de Apoio Sócio Familiar), uma representante do CECORES está falando sobre a atual
141 situação do NASF.

142 Está um cheiro insuportável de Creolina e há um cachorro rodeando a mesa da reunião e fazendo
143 piruetas no chão. Algumas pessoas são as mesmas da reunião anterior, outras de reuniões anteriores
144 e outras eu nunca vi. A US Restinga e a ESM estão presentes. Há uma orientadora educacional que
145 simplesmente não consegue desligar seu celular... Agora o CECORES está explicando seus
146 programas de cestas básicas. O NASF é um programa ligado à FASC que ajuda famílias carentes em
147 situação de risco. Ao meu lado está sentada uma mulher com um colete azul escrito "SUS - Agentes
148 Comunitários de Saúde". Um senhor da comunidade organizada questionou sobre as famílias da
149 reunião anterior. Bom, continuamos com a discussão de caso, trazida por uma orientadora
150 educacional: um aluno que está com problemas cardíacos, não consegue medicação; uma família
151 que precisa de tudo: cesta básica, transporte, salário-família. Problema de deslocamento, além de o
152 remédio não ter no posto de saúde. Lisiane (ESM) informa que há, sim.

153 Pessoas vão chegando, algumas conhecidas.

154 Mais um caso encaminhado para a ESM: criança com retardo mental. Perguntam para Lisiane sobre
155 possibilidade de encaminhar. Ela diz que a Rede possui duas cotas de encaminhamento e que esta
156 cota pode ser utilizada. A orientadora fala que o caso seria para encaminhamento para escola
157 especial, mas, com com devido acompanhamento, não seria necessário.

158 Novamente, reclama-se a questão das cotas, Bia havia informado errado na reunião anterior São
159 duas cotas mensais para a Rede. Novamente discutiram-se as metodologias de encaminhamento.
160 Novamente, agora com a Lisiane, discutiram-se as diversas portas de entrada da ESM. E que a
161 Equipe tem três profissionais, e que a Rede está utilizando pouco as cotas da ESM. Hmmm, uma
162 boa forma de agenciamento. Esse cheiro de creolina está me deixando zozzo. Constata-se na
163 reunião que há várias entradas para a ESM. Uma orientadora pergunta quem são os profissionais da
164 ESM e Lisiane responde: Assistente Social (Bia), Terapeuta Ocupacional (Tania) e Psicóloga (ela
165 mesma).

166

167 Reunião da Rede, dia 18/05/2001

168 Iniciou-se às 9:30, feita a leitura da ata, Cristina faz um relato na dinâmica da reunião, e da solicitação da
169 Guaneci que é um espaço de reunião que a Eliete fará com a divulgação do trabalho do prof. Luis Eduardo.

170 Tem a presença da Rosaura e Andréia que são do programa municipal de execução de medidas socioeducativas
171 em meio aberto

172 Que este atendimento está se regionalizando, que está em 4 regiões- CECOVE, CECOPAN, CECOFLOR,
173 CECORES. Parceria entre juizado e FASC

174 Rosaura trará o programa para conhecimento. Rosaura é a coordenação do programa desta região. Eliete faz
175 relato sobre o projeto da segurança, o professor Luis Eduardo foi contratado para consultoria, está ligado ao
176 gabinete do prefeito- cópia do projeto em anexo. Discutiu-se a questão de ter ou não uma coordenação.

177 Eliete faz a proposta de dividir tempo para um número de entidades. A discussão será na próxima reunião, após o
178 dia 1º de junho. Pois neste teremos a presença do prof. Luis Eduardo, No dia 1º de junho iríamos discutir
179 FICAES. Mas em função da reunião marcada no dia 23/05 no M.P. chamada pelo Miguel Velasquez que se
180 discutirá FICAES com a SMED e por que também o sr. Miguel Velasquez até a data de hoje não confirmou
181 presença. Na discussão sobre quem irá coordenar a próxima reunião será USR, Lisiane. PSF Eliziane,
182 CECORES- Andréia.

183 Eliziane traz a discussão sobre a falta de ética que seria em fornecer nomes e ? discussões na Rede, e que as
184 agentes do PSF não concordam. Discutiremos no dia 22/06/2001 a organização da rede. Discussão de casos:
185 situação da família da Elisângela do encaminhamento do CT de abrigar os filhos Geremias, Carla, Graziela,
186 Gabriela. Ficou definido visita da USR, FASC, PSF, CT para hoje à tarde e avaliarmos internação de Elisângela
187 ou abrigassem da família. Terminamos as reuniões às 11: 30 em tempo: nos encontraremos às 14 horas no PSF
188 Castelo a visita à Elisângela.

189 Meu Diário, 18 de Maio de 2001- , a bordo do Restinga-Glória

190 Adivinhem... há!? Está chovendo! Uma chuva fina, úmida (ora...) e está um friozinho razoável (13
191 graus). Ontem comecei a transcrever meus diários, tarefa difícil. Tenho a idéia de fazer uma mescla
192 de transcrições e memórias literárias. Também apresentei o projeto aos meus alunos de Psicologia
193 Social. Foi interessante, melhor do que a defesa, pois mostrei todo o meu trajeto como estagiário (que
194 eles serão um dia) e dei exemplos práticos sobre as teorias que eles estão estudando ou vão estudar
195 comigo. Acho que eu falo demais, mas enfim, eles não leram o texto, então que ouçam... Mas creio
196 que gostaram. Foi um bom ensaio e vou apresentar o projeto no Grupo Modos e, logo após vou. para
197 Maringá. Acho que estas apresentações já iniciam o processo de elaboração da dissertação, de certa
198 forma abandonada após defesa do projeto. Bueno, a Lisiane me ligou na sexta, e eu retornei a
199 ligação na terça. Ela estava empolgada com o funcionamento da Rede, e soube que o Assessor para
200 Segurança Pública do Município vai usar a Restinga em um projeto-piloto. Vamos almoçar para

201 discutir a questão após a reunião. Lembrei da supervisão da Tania: que campo de experimentação é
202 a Restinga! Será um mundo novo, selvagem?. Este tipo de comunidade é sempre alvo de políticas
203 públicas assistenciais, projetos-piloto, tecnologias institucionais, sendo experimentadas sempre...

204 Bom, vou curtir um pouco a viagem.

205 Aqui estou eu na reunião, molhado de chuva. Há poucas pessoas na sala, e estão discutindo quem
206 vai coordenar a reunião. Bom, já tem quem coordena, falta quem faça a ata. Esse é um problema
207 constante. Perguntaram se eu não queria, expliquei minha impossibilidade institucional. Nesta
208 reunião vai ter poucas pessoas, por que as escolas estão em seminário. Alguém pergunta pela US,
209 que não está. A representante do Conselho Tutelar, por “ordem alfabética”, é quem assume a ata. E
210 procede a leitura da ata da reunião anterior. Há o recado de uma promotora popular, a Guaneci. Pede
211 um espaço na reunião, que o professor Luis Eduardo (consultor de Segurança Pública) quer conhecer
212 as entidades da Rede, com uma proposta de que a próxima reunião seja sobre segurança. Bom,
213 começa uma dinâmica de apresentação, daquelas que quem se apresenta tem que memorizar os
214 nomes de todas as pessoas que se apresentaram anteriormente. Rosaura, apresenta o PEMSE
215 (Programa Municipal de Execução de Medidas Sócio-Educativas em Meio Aberto). O que está
216 acontecendo é a regionalização do PEMSE (CECORES, CECOPAM, CECOFLOR). Recuperação de
217 menores infratores (ah, agora eu lembrei da Carmem Oliveira). Este programa lida com a tal de
218 liberdade assistida. A função era da terceira vara. Atualmente há técnicos do juizado de menores
219 recrutados, e que haveria mais técnicos da FASC. Candida (CT) sugere que deve vir alguém mais
220 específico. Fala-se na falta de pessoal para trabalhar especificamente nisso. Existem diversas
221 unidades de execução. Este programa estende-se por diversas entidades assistenciais conforme o
222 ECA, que propõe a municipalização das medidas sócio educativas. As medidas são de prestação de
223 serviços à comunidade. Sobre os serviços, Candida diz que os serviços de retratação são mais
224 braçais. Mas, os delitos dos menores infratores são de vários tipos, desde assaltos até dirigir sem
225 carteira. A idéia de trazer esse serviço para a Rede é ajudar a pensar formas de retratação, como
226 limpar banheiros, etc. Existe a idéia, inclusive, de reunir estes adolescentes. Candida fala que isto é
227 ponto de pauta. A sugestão é que esta questão do PEMSE seja integrada à reunião com o Luis
228 Eduardo. A prefeitura está elaborando um projeto sobre segurança, o Luis Eduardo é Antropólogo,
229 ex-secretário de segurança do Rio, escuraçado pelo Governo do Estado, contratado pela prefeitura
230 para elaborar um projeto-piloto sobre segurança. Guaneci está colocando que L. E. fez alguns
231 contatos com vários órgãos, SMED, etc. e criou uma equipe. E definiu-se a necessidade de um local
232 para o projeto. Inicialmente seria a Escola Mário Quintana, que solicitava uma intervenção na questão
233 da violência. Este projeto é uma interceptação de trajetórias, especialmente de meninos. A idéia é
234 acabar com as armas e bolar projetos em que os jovens participem para sua auto-estima e saiam do
235 tráfico. Circula um papel com a proposta.

236 A proposta é aproveitar o slogan do FSM “um novo mundo é possível” e transformá-lo em “uma nova
237 comunidade é possível”.

238 Há uma procura por verbas para o projeto, que envolveria TV, rádio, literatura, informática, enfim,
239 Tecnologia. A idéia seria executar o projeto em alguma entidade, pensou-se no CECORES, mas
240 Cândida discorda, dizendo que o projeto tem que ser do “outro lado” (Restinga Velha, a Nova é onde
241 localizam-se a maioria das entidades) e não fazer eles atravessarem.

242 O contrato inicial foi com outras instituições. Um dos critérios para identificar os meninos e meninas
243 seriam as medidas em meio aberto, e as FICAES. Inclusive, por uma questão de violência, foram 20
244 FICAES de uma mesma escola para o Conselho Tutelar. Sobre a Chácara do banco, parece que,
245 após o Diário Gaúcho divulgar a cobrança do pedágio em uma vila, a prática se difundiu.

246 Um destes projetos de segurança é justamente trabalhar com a mídia, jornal, rádio comunitária. A
247 gurizada ganha 600 reais por semana para traficar. Falou-se que teme-se pela segurança do Luis
248 Eduardo. Existe uma questão de proteção das pessoas que lidam com esse tipo de problema. A idéia
249 é propor alternativas aos jovens em relação ao tráfico, e não disputar território, mas preservar os
250 jovens.

251 A proposta é o Luis Eduardo ir na Reunião da Rede do dia primeiro de junho. Reunião para discutir
252 FICAES, o promotor Miguel Velasquez não quer discutir as FICAES com a Rede, mas sim com Porto
253 Alegre. As FICAES vão ser discutidas no Ministério Público, e não na Rede,

254 Então...

255 Bom, começou-se a discutir quem coordena a Rede e que as informações se perderiam por falta de
256 coordenação. Eliete diz que o problema da coordenação é crônico nas redes e propõe coordenações
257 de três representantes rotativos, e que as coordenações móveis são mais democráticas.

258 Bom isso é uma discussão para quando as escolas estiverem presentes.

259 Lisiane coloca que há vontade política da prefeitura e que esta está convocando as secretarias, e que
260 a Rede pode potencializar. Lisi ainda diz que Rede já lavou muita roupa suja. A idéia da Candida é
261 tirar os projetos das velhas instituições na Restinga Nova e colocar na Restinga Velha.

262 Dia primeiro de junho, reunião com o Luis Eduardo.

263 Vou ao banheiro- putz, que frio está lá na rua.

264 Passa-se ao próximo ponto de pauta.

265 PSF Castelo diz que, por questões éticas, não se deveria divulgar nomes dos que são atendidos na
266 reunião da Rede. Mas Lisiane discorda, pois, como os casos às vezes são comuns, justamente por
267 estar-se trabalhando em rede, o anonimato prejudicaria os atendimentos por uma questão óbvia.

268 Discussão de caso:

269 mãe que não consegue dar conta dos filhos, e cujo companheiro está desempregado. Já passou por
270 várias instituições, não vai nas consultas, não adere ao tratamento, não pode criar os filhos, mora
271 num barraco com os quatro filhos, sem água, sem banheiro, acende fogo em um buraco no chão. O
272 companheiro tem outra família. Encaminhamentos: abrigar os filhos e internar a mulher.

273 Conselho Tutelar acolhe as crianças, a pergunta é se o PSF pode acolher a mãe.

274 Seu Beto diz: este cidadão tá desempregado, e tem outra família, é um malandro, e o que se faz com
275 malandro? Prende. Deve-se interditar este senhor. A postura da mulher é que o marido pega seus
276 tickets e sua bolsa do NASF, então ela quer que estes benefícios sejam suspensos. Lisiane comenta
277 que isto é como matar o cachorro para eliminar as pulgas (hehehe).

278 06/04/2001- Meu Diário de Campo

279 Chove.... escrevo estas linhas após tomar o Rio Branco-Anita, descer na Frente do Instituto de
280 Educação e caminhar até o Edel Trade Center e entrar no Restinga-Glória

281 O trânsito está caótico, há mais carros em Porto Alegre, cada vez mais... e muitos motoristas loucos.
282 Uma longa viagem me espera. São 8:30 da manhã e a reunião começa às 9:00. O ônibus leva uns 40
283 minutos para chegar e eu não lembro onde é o CAR-Restinga, local da Reunião. Mas tenho minhas
284 hipóteses. Hoje vai ser um dia cheio na vida deste mestrando. Sairei da Restinga por volta das 11:00,
285 almoçarei por volta das 12:30, e tenho que ajudar uma amiga a mexer no Power Point. Após isso,
286 assistirei a uma conferência com o professor Etienne Samain, um antropólogo francês..oops, belga
287 (lembrei de monsieur Hercule Poirot) que fala sobre as experiências etológicas de Gregory Bateson e
288 Margaret Mead na confecção do relato antropológico-etológico "O Caráter Balinês". É divertida a
289 maneira como Etienne descreve Bateson: quase 2 metros de altura, bonachão, um cara legal, e
290 Margaret, baixinha, invocada e pentelha. Etienne faz com o estranho casal uma espécie de Ontologia
291 do Observador, colocando as vicissitudes do trabalho da pesquisa com fotos, e também dos limites
292 da investigação, ou de uma certa ingenuidade ansiosa da Margaret em descrever uma mãe balinesa
293 e seu filho. Lembrei agora da minha apresentação na reunião passada da Rede. Como bom
294 pesquisador que pretendo ser, tive que apresentar minha proposta de trabalho para a Rede. Bueno,
295 enquanto pensava no que iria dizer, lembrei de todo o meu histórico naquelas reuniões, e dos meus
296 modelos cognitivos sobre o seu funcionamento. Como eu vou me apresentar?

297 Eu sou Fábio, mestrando, etc. mas o que passou pela minha cabeça foi: bom, pelo que eu sei da
298 Rede, vai ser engraçado eu me apresentar, pois na próxima reunião as pessoas presentes podem
299 não ser as mesmas... (adeus neutralidade, sentia-me, de certa forma a Srta. Mead, ainda que meu
300 desejo fosse ser Bateson). Mas foi isso, expliquei o que é mestrado, contei um pouco de minha
301 história, e expliquei que até julho assistirei as reuniões e visitarei algumas instituições participantes,
302 entrevistarei pessoas, e tentarei descobrir o que é, enfim, a Rede...

303 O mais curioso é que (talvez pelo meu início intrusivo "Margaret Mead"), as pessoas presentes não
304 entenderam se eu estava pedindo autorização, apenas comunicando ou algo assim. Ah, também de
305 maneira esperta, disse que estava pensando em realizar alguma atividade de divulgação da pesquisa
306 no Fórum Social Mundial. Silêncio, algumas pessoas perguntaram sobre o fórum. Uma mulher disse:
307 ah, eu acho muito importante esta pesquisa e... era isso, vamos continuar a reunião ops... já tenho
308 que descer daqui a pouco, vamos ver o que vai acontecer...

309 Escrevo, agora, na reunião:

310 cheguei na "Restinga", ou seja, na parada de ônibus próxima ao CECORES. Eu tinha uma hipótese
311 de que o CAR fosse em um local na Avenida do Trabalhador... Cheguei na reunião mais de meia hora
312 atrasado. Pelo que pude perceber um caso estava sendo discutido. Algumas pessoas eram as
313 mesmas, outras desconhecidas, outras eram as mesmas, mas de épocas anteriores. A discussão era
314 sobre violência, descobri que haveria um fórum sobre violência na Restinga. Todos agendam a
315 Reunião, reconhecendo que a violência é um dos problemas mais urgentes da comunidade.

316 Em seguida começa-se a pensar sobre as reuniões, o que deveria ser feito, quem coordenaria e
317 planejaria. Não vi o André, que havia assumido o compromisso de coordenar esta reunião. Alguém
318 pede a palavra e solicita um relato sobre os tipos de serviço que cada entidade tem realizado e suas
319 expectativas, para fins de conhecer as possibilidades (trocar informações sobre a disponibilidade dos
320 serviços). A Equipe de Saúde mental, então, passa a ser questionada (pois, no momento de
321 apresentação, o Posto de Saúde apresentou-se em separado). Bia, da ESM, explica que, apesar de a
322 ESM ser comumente associada ao Posto, existe uma diferença entre eles. As representantes da
323 E.S.M. se revezam nas reuniões da Rede. Quanto à ESM, Bia diz que, no ano anterior, tudo fora
324 explicado minuciosamente. A ESM não atende só a Restinga, mas todo o extremo sul em um
325 esquema de cotas. A prioridade é o paciente. A Instituição é um veículo. Disse que o agendamento
326 às escolas seria feito na Rede. Bia enfatiza que, no decorrer do ano passado, aparecia na reunião
327 apenas uma pessoa, em geral representante das escolas, e nunca se utilizaram as cotas. Cada
328 escola possui duas cotas mensais, o Conselho Tutelar possui 4 cotas mensais, e disse que não é
329 qualquer um que utiliza o serviço, que é necessário um encaminhamento... A orientadora do P
330 de Brum relata que há dificuldade de saber se realmente é necessário fazer algum encaminhamento.
331 Interessante, alguém concorda.

332 Bia diz que mesmo para isso as cotas podem ser usadas. Existem também as cotas do Posto de
333 Saúde. Inicialmente, uma pessoa pode chegar como paciente da US, e que o clínico pode
334 encaminhar para a ESM (triagem) A orientadora do Lidovino Fanton falou que não sabia que os
335 encaminhamentos eram feitos via Rede, e que sempre foi atendida via Posto de Saúde (U.S.).

336 Bia diz que tudo foi super divulgado e que não há mais o que fazer neste sentido.

337 Além do mais, Bia diz que a própria avaliação da escola já traz um bom sinal do que a criança
338 precisa. Também coloca que a ESM não vai ligar para uma instituição e dizer “você não está usando
339 as cotas”.

340 É importante colocar que estão presentes Bia, da ESM e Sílvia da US (anteriormente eram a mesma
341 instituição representada na Rede (US).

342 Bia explica que a própria US tem suas cotas para a ESM, e as Escolas, PSFs e outras instituições
343 podem também usar. Também diz que os atendimentos estão por cotas e que e que o atendimento
344 vem ou via US ou pelas cotas. Existe um grupo de triagem, e que vêm pessoas de todos os lugares.
345 Pergunta de uma orientadora: que tipo de profissionais fazem parte da ESM: Bia responde que
346 existem vários serviços: grupo de proteção às crianças abusadas, grupo de egressos (atendimentos
347 psiquiátricos), grupo de esquizofrênicos e bipolares, pacientes que não podem ficar sem medicação...

348 Alguém pergunta se os casos precisam ser necessariamente encaminhados para a Rede. Bia
349 responde que não, mas que seria melhor, até por que é melhor para evitar o desperdício de cotas.

350 A Liza (CECORES) diz que há vários atendimentos a adolescentes e crianças, e que existe o NASF,
351 e que talvez precisasse de cotas para o CECORES. Bia respondeu que o CECORES está vinculado
352 ao Conselho Tutelar, e que a criança também está na escola, e que há várias portas de entrada para
353 a ESM. É certo que aqui cabe um comentário sobre a ESM como operador e analisador de uma
354 Rede, visto que seu acesso dá-se por uma série de movimentos institucionais, a partir dos quais
355 pode-se traçar um diagrama de...

356 Alguém do PSF diz que, não foi bem atendida na Central de Encaminhamentos

357 Alguém pergunta: o neurologista está no US ou na ESM?

358 Bia diz que há um imaginário de que a pessoa que precisa de um eletro tem algum problema e
359 precisa necessariamente de um neurologista. A Liselotte era a neuro da Restinga, e foi
360 circunstancialmente lotada na US. Mas ela não era da US, e si,m da ESM. A Neurologia atende em
361 uma instância maior.

362 Instâncias:

363 Escola- US- Clínico- Encaminhamento Central

364 Alguém do PSF diz que, quando fizeram encaminhamento para a Central, esta respondeu que não
365 precisava encaminhar para a Neuro, pois existe a ESM. Bia respondeu que isto é uma farsa.

366 Alguém pergunta sobre as creches... e pessoas que não estão na Escola? A porta de entrada, então,
367 é pelo pediatra da US.

- 368 Cândia, do CT diz que os serviços são precários, mas que é necessário informar o que há na Rede,
369 e que é necessário fazer com que a Rede potencialize os serviços disponíveis (idéia da Rede como
370 gerenciadora e distribuidora)
- 371 Proposta: fazer um quadro da Rede com Instituições, profissionais, etc. cada entidade traz seu
372 conhecimento sobre encaminhamentos e os serviços que oferece
- 373 Ata da Reunião da Rede 22/06/2001
- 374 Informes: Marlene coloca que dia 11 de agosto haverá um seminário para discutir o que se quer de saúde em
375 cada região e convida a todos para participarem das “mini-reuniões”. Avisará o dia.
- 376 Toni-CAR: Encontro em 24/06 para iniciar seminários sobre juventude-políticas. Passou material.
- 377 Nádia: As escolas farão comissões com delegados infantis: “Tecendo a cultura e a paz contra violência” as
378 regiões terão pré-conferências. Trabalho com ECA
- 379 Inajá coloca que seria bom que fizéssemos uma reunião extraordinária para, a pedido da CRAS, nos engajarmos
380 no processo com o Monteiro, Renascer da Esperança e COM, para a Conferência da Criança e do Adolescente.
381 Informa que quarta-feira tem reunião regional de Assistência Social no CECORES às 19 horas. O usuário deve
382 se apropriar destes espaços, Convida para reunião em Junho. Dona Tecla fala da pastoral da criança é uma
383 associação social da paróquia com alimentos e medicamentos alternativos feitos com ervas
- 384 Guaneci diz que está sendo organizado um seminário sobre violência, segurança com o objetivo de “firmar” o
385 posto-delegacia da Restinga Velha- um morador já doou o terreno mas ainda não saiu, esperam 500 pessoas.
- 386 Pausa para abriremos mais espaço, a sala está lotada.
- 387 Lizandra coloca que todos devem assinar a lista de presença e coloca que o calendário foi feito para os três
388 meses em que esta coordenação eleita permanecerá e passam o material. Outro ponto é o material que está
389 sendo elaborado de todos os serviços, o que realizam, como oferecem os atendimentos, . respondem que há um
390 quadro de roteiro. Haverá reunião da Rede Central onde um dos participantes da comissão se fará presente.
391 Coloca que haverá em nossas reuniões de casos com itens básicos. Cada entidade recebe um roteiro e devemos
392 encaminhar para a coordenação antes da reunião, para que seja estudada a metodologia de apresentação,
393 conforme a demanda. Outra proposta é a de apresentação das entidades, pensaram em um roteiro, e a
394 apresentação será: CECORES, Monteiro, COM, Escola Tristão, Florência, Nova Restinga, ã peguei todas/
395 Saúde, PSF, Clis, ESM, CT e órgãos de segurança, esporte. Há comentários gerais sobre a organização, chama
396 atenção o cuidado com a tentativa de organizar em formulários e roteiros. Como critérios para a apresentação
397 será ordem alfabética e todas as da Assistência Social deverão se contatar para organizarem os relatos.
- 398 Segurança Pública : Guaneci diz que o prof. Luiz Eduardo Soares não estaria presente, mas encaminhou uma
399 correspondência à rede com alguns informes: reformulação da guarda, tratamento e sistema penitenciário,
400 recrutamento de adolescentes para o tráfico e crime. De como precisamos criar caminhos mais encantadores para

401 estes adolescentes trilharem. Coloca que é necessário atingir a matriz administrativa-governo e não só esgaçar as
 402 pontas como união de esforços. Inajá salienta que os serviços que o professor Luiz Eduardo sugeria, a Restinga
 403 já possui e ver esta na rede pois o documento só confirma. Não é preciso inventar. Cândida coloca que as
 404 entidades que já existem devem ver como estão lidando com esta problemática da segurança. O comissário
 405 coloca que a equipe da 16 a veio do Morro da Cruz e diz que não chegaremos a lugar nenhum sem oferecermos
 406 entretenimento. Diz que a comunidade participa bastante mas acha que faltou o pontapé inicial. Diz que no
 407 terreno da DP pretendem fazer um local de esportes. Sugere mais locais de lazer. Fala do resgate da cidadania
 408 quando se tem e frio, e diz que sentiu nesta reunião um objetivo de trabalho que lhe interessa, é um
 409 companheiro para batalhar. O delegado coloca que a Restinga, a partir do ano passado iniciou o projeto de
 410 polícia comunitária. Um pronto atendimento especializado para crianças e adolescentes e coloca-se à disposição.
 411 Marisa diz que há um complexo esportivo na RV, e que quanto mais, melhor. A propósito, a reunião hoje conta
 412 com o magnífico bolo-pudim, dos Deuses oferecido pela Florêncio. Marisa coloca que não é só entretenimento,
 413 faltam políticas, objetivos, emprego, é a inclusão social. Guaneci coloca que para Luiz Eduardo, disputar o
 414 adolescente com o traficante é oferecer cultura, esporte, lazer, alternativas nas escolas, e há projetos. A
 415 importância que o adolescente sente com a arma que o traficante oferece pode ser sentida ao se apresentar como
 416 artista. Diz que estão feitos mapeamentos: onde está a cultura? Ainda muito centralizada, deve ir para as escolas,
 417 outro detalhe percebido é que não há informação, as secretarias não sabem uma da outra e o público sabe muito
 418 pouco delas. A guarda municipal não deve só cuidar do patrimônio, deve ser capacitada, ouvida para lidar
 419 melhor com a violência. Inajá coloca novamente que é preciso um trabalho com a família pois não adianta ter na
 420 rua esporte, cultura e lazer e voltar para a pobreza. A vivência familiar e comunitária. Taís da FEBEM coloca
 421 que a FEBEM atende os meninos que estão com privação da liberdade e se preocupa com o termo “disputa” pois
 422 vê nos meninos que eles precisam escolher entre os 2 grupos de tráfico e nós não podemos aceitar isto.
 423 Alexandre diz que a FEBEM é uma medida curativa e sugere que os sócio-educativos de meio aberto sejam
 424 contemplados. Esclarecemos que já ocorre.

425 Taís coloca que na Restinga os dois grupos de tráfico são muito organizados e eles se preocupam mesmo
 426 estando na FEBEM com o retorno para um dos dois grupos. Guaneci responde de que o projeto está tocado pela
 427 prefeitura, é com as secretarias e que o Luiz Eduardo se dispõe a ouvir todos os segmentos. Encerramos esta
 428 pauta e iniciamos a marcação da reunião extraordinária e Cândida teme por esta marcação porque as escolas
 429 não sabem, e não estão se organizando. Inajá coloca que o Conselho Municipal repete o que fez em 2000, em
 430 cima da hora com tema proposto sem conhecimento das escolas” estilo goela abaixo. Inajá propõe que a
 431 comissão que participa do Fórum do CMDCA preparam a pré-conferência e elogia o bolo-pudim e agradece.

432 Meu diário, 22 06 2001

433 Reunião na qual era para vir o antropólogo, mas ele não veio

434 Estou me sentindo estranhamente mais acolhido, e hoje vim junto com uma colaboradora, aluna de
 435 psicologia social 1. O clima está estranho, estão todos se organizando para uma palestra tipo “palco
 436 italiano”. Hoje uma orientadora veio falar comigo sobre questões de pesquisa que ela gostaria que se

- 437 trabalhasse em sua escola. Vou ver se há vagas para estagiários. Hoje tem bastante gente, pois
438 esperava-se o antropólogo... Resolveu-se fazer uma roda.
- 439 Hoje estamos sendo filmados
- 440 Ah, o antropólogo mandou representante, e uma cartinha
- 441 Inajá apresentou a nova organização da Rede
- 442 Quem faz a ata? Novamente um problema, pois a coordenação muito espertamente resolveu colocar
443 a ata na roda
- 444 Primeiro ponto de pauta: informes
- 445 - vai haver um fórum para discutir saúde nas regiões
- 446 - primeira conferência municipal de juventude, para propor políticas municipais de juventude
- 447 - conselho municipal da criança e do adolescente, conferência municipal da criança e do
448 adolescente, pré conferências
- 449 - 27 de junho reunião do conselho de assistência social
- 450 - É apresentada dona Tecla, da Pastoral da Criança, ela é fitoterapeuta
- 451 - Dia 29: assembléia sobre segurança pública
- 452 De repente, chegam umas figuras estranhas...terno e gravata, ray-ban... São representantes da 16ª
453 DP, que agora são bem-vindos.
- 454 Informes sobre estrutura e organização da Rede, calendário, etc.
- 455 Divulga-se a lista sobre locais de encaminhamentos
- 456 Comentário: a coordenação é interessante, pois gera uma fala geral sobre a situação da Rede e
457 gerencia informações. Retomar a comparação com os computadores que gerenciam uma Rede,
458 centralizam e distribuem informações
- 459 Organização
- 460 Propostas de organização
- 461 Discussão de casos: proposta.. existe um roteiro a ser entregue para a coordenação, para
462 programação da dinâmica da reunião: casos-formulário-coordenação-dinâmica
- 463 Centralização-

- 464 Proposta de tipologização das entidades para sua apresentação na Rede- compartilhar serviços
- 465 Tipologias:
- 466 Assistência Social, Órgãos de defesa, Educação, Saúde, outros
- 467 Dia 06 de julho a Assistência social vai mostrar seus serviços, dia 20- Educação
- 468 Pauta da segurança: agenda cheia
- 469 Guaneci: trouxe um texto escrito pelo Antropólogo para a Rede:
- 470 Aprimorar interconexões. Já existem projetos, falta conectá-los- matriz de gerenciamento integrado
- 471 Inajá constata que já imaginava a proposta do L.E., e que já existem os serviços, e só precisaria
- 472 azeitar a máquina, e pergunta se o LE tem algum projeto em relação à Rede
- 473 Candida propõe como cada instituição está lidando com a violência
- 474 Comissário Néelson- veio do Morro da Cruz, coloca sua ótica- coloca a questão do entretenimento,
- 475 ociosidade como causa da violência
- 476 Campinho: construção de espaços- resgate da dignidade, valores da cidadania, elogia a rede por
- 477 não ter conotação politiqueira
- 478 Na escola: reunião com os alunos sem a professora, reunião de grupo
- 479 Projeto da polícia civil: delegacia de polícia comunitária- civilização da polícia. Inajá convida para
- 480 apresentação do projeto da polícia
- 481 Complexo esportivo no Lidovino Fantom.
- 482 Há então toda uma discussão sobre as possibilidades de combater a violência e suas causa, através
- 483 de estratégias de inclusão, como descentralização da cultura, geração de empregos, circulação de
- 484 informações pela mídia, melhorias na Guarda Municipal.. e que o projeto do prof Luis Eduardo
- 485 envolve uma disputa saudável com o tráfico pelo jovem, através de alternativas.
- 486 O termo disputa é questionado pelos representantes da FEBEM. Aqui para meus registros, pois me utilizei da
- 487 ata e da carta do Antropólogo
- 488
- 489 A Carta
- 490 Porto Alegre, 21 de junho, 2001

491 Prezadas companheiras e companheiros da Rede Integrada de Serviços da Restinga, dado que foi impossível
492 comparecer ao encontro, por razões alheias à minha vontade, solicitei à colega e amiga Guanecy que atendesse
493 ao convite em meu lugar. Tenho certeza de que eu e a equipe estaremos muito bem representados. Desde já,
494 portanto, agradeço a gentileza do convite e me desculpo pela ausência.

495 Acho que seria interessante aproveitar a oportunidade e lhes dirigir algumas breves palavras sobre o atual
496 momento de nosso trabalho. São vários os focos que concentram nossa atenção: (1) a reforma da Guarda
497 Municipal; (2) o enfrentamento da criminalidade contra o patrimônio (os roubos e furtos), com seu rosário de
498 conseqüências objetivas e subjetivas, em toda a cidade, e cuja expressão, e cuja expressão mais visível se
499 atualiza no centro; (3) o tratamento da problemática especialmente desafiadora da reinserção do egresso do
500 sistema penitenciário; (4) a intervenção no quadro dramático da violência doméstica, que não cessa de vitimar
501 mulheres e crianças; (5) e a competição com o tráfico de armas e drogas, isto é, com uma crescente capacidade de
502 recrutamento de adolescentes.

503 Quanto a este último item, que é prioritário, como nosso objetivo é disputar cada menino e cada menina com o
504 tráfico, por que sabemos que o tráfico tem sido a principal porta de entrada no mundo do crime e de saída do
505 convívio cidadão, precisamos investir nas iniciativas cujo poder de sedução e encantamento da juventude seja
506 superior àquele exercido por essa dinâmica criminal. Para que essa superioridade seja alcançada, é
507 indispensável que essas iniciativas ofereçam aos jovens vantagens materiais e simbólicas, econômicas e
508 psicológicas, uma vez que o tráfico opera em todas essas dimensões, simultaneamente, fortalecendo, de modo
509 perverso, a autoestima da garotada e estimulando seu narcisismo

510 Felizmente, graças à notável densidade organizativa da sociedade civil de Porto Alegre, e aos doze anos de
511 administração popular, graças à mobilização cívica permanente e intensa da cidade, temos, no âmbito do
512 Município, um elenco formidável de iniciativas em curso de grande qualidade, na área social. Portanto, salvo
513 alguma complementação tópica ou alguma incursão muito específica, não falta inventar nada. Já existe
514 praticamente tudo de que se precisa para a tarefa exigente, urgente e fundamental de competir com o tráfico.
515 Segundo nossa avaliação, graças às secretarias, aos demais órgãos de gestão pública, graças aos Conselhos
516 Tutelares e às intervenções solidárias da sociedade civil, quase todo campo dos serviços e produtos sociais está
517 coberto, restando apenas aprimorar suas interconexões e ajustar alguns mecanismos, para que as instâncias que
518 têm atuado com metodologia não-indutiva possam a funcionar também indutivamente. Desse modo, uma vez
519 identificado o público alvo, será viável incluí-lo no universo contemplado pelos benefícios gerados pelos
520 projetos. Por esse motivo, no presente momento, estamos nos concentrando na construção, junto ao prefeito, de
521 uma matriz de gerenciamento integrado, para que o governo municipal possa fornecer aos seus servidores, em
522 todos os níveis, condições de operar com maior objetividade e eficiência. Afinal, não basta tentar costurar na
523 ponta o que está esgçada na matriz administrativa, no âmbito do governo. Se esses nossos esforços forem bem
524 sucedidos, temos certeza de que a Rede Integrada de Serviços, cuja finalidade é exatamente a articulação,
525 receberá um significativo e merecido estímulo; passará a trabalhar com mais facilidade e maior apoio da
526 estrutura governamental.

527 Recebam o cumprimento fraterno e a solidariedade do

Quadro 2 Documento auto-identificatório da Rede

Convidamos um representante desta Instituição para participar na próxima reunião da REDE DE ATENDIMENTO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE, no dia 04/08/00 sexta feira, às 8h. e 30 min., na E.M. Tristão Sucupira Vianna/ Av. Nilo Wolff Reunir Estudar Encaminhar Acompanha, s/n.

Pauta da reunião:

8:30 às 8:45 – Apresentação das instituições presentes

8:45 às 9:00 Relato da reunião anterior

9:00 às 9:45- Discussão de casos

9:45 às 11:00 – Organização do Seminário Regional da Rede

Participação no Seminário da rede Central de Atendimento

Informes:

Abaixo, relatamos a síntese da reunião do dia 27/04/2000, para que sirva como referência para as próximas reuniões da Rede:

EXPECTATIVAS DA REDE

- Que tenha continuidade
- Para ser contínuo tem que ser bom, tem que ter produção
- Não repetir os mesmos temas “batendo na mesma tecla”, sem buscar concretamente as soluções
- Efetivamente trabalhar em rede
- Socializar e discutir os assuntos e deliberações da REDE, nos espaços dos quais faz parte

ATRIBUIÇÕES

- Promover a integração das instituições que atendem crianças e adolescentes
- Agilizar encaminhamentos
- Promover “fóruns” sobre assuntos levantados nas reuniões da rede, com pessoas especializadas
- Reunir→Estudar→Encaminhar→Acompanhar

PAPÉIS DA REDE

- Integrar as instituições que trabalham ou possam dar suporte e apoio aos objetivos propostos

- Buscar formas coletivas para a resolução das dificuldades encontradas
- Movimento de formação e informação
- Trocas de experiências
- Discutir as políticas públicas ligadas a criança e ao adolescente

Quadro 3: Eis os principais fundamentos de uma rede²⁰:

- I. Autonomia: Cada integrante mantém sua independência em relação à rede e aos demais integrantes. Numa rede não há subordinação.
- II. Valores e objetivos compartilhados: O que une os diferentes membros de uma rede é o conjunto de valores e objetivos que eles estabelecem como comuns.
- III. Vontade: Ninguém é obrigado a entrar ou permanecer numa rede. O alicerce da rede é a vontade.
- IV. Conectividade: Uma rede é uma costura dinâmica de muitos pontos. Só quando estão ligados uns aos outros é que indivíduos e organizações mantêm uma rede.
- V. Participação: A cooperação entre os integrantes de uma rede é o que a faz funcionar. Uma rede só existe quando em movimento. Sem participação, deixa de existir.
- VI. Multiliderança: Uma rede não possui hierarquia nem chefe. A liderança provém de muitas fontes. As decisões também são compartilhadas.
- VII. Informação: Numa rede, a informação circula livremente, emitida de pontos diversos e encaminhada de maneira não linear a uma infinidade de outros pontos, que também são emissores de informação.
- VIII. Descentralização: Uma rede não tem centro. Ou melhor, cada ponto da rede é um centro em potencial.
- IX. Múltiplos níveis: Uma rede pode se desdobrar em múltiplos níveis ou segmentos autônomos, capazes de operar independentemente do restante da rede, de forma temporária ou permanente, conforme a demanda ou a circunstância. Sub-redes têm o mesmo "valor de rede" que a estrutura maior à qual se vinculam.
- X. Dinamismo: Uma rede é uma estrutura plástica, dinâmica e em movimento, que ultrapassa fronteiras físicas ou geográficas. Uma rede é multifacetada. Cada retrato da rede, tirado em momentos diferentes, revelará uma face nova

²⁰Este é o Decálogo das Redes, extraído do site <http://www.rits.org.br>

4.2 A multiplicidade

O Quadro 1 caracteriza a Rede pelas múltiplas conexões, de diferentes vozes, podendo-se perceber um longo itinerário de acontecimentos. As mais de 70 instituições componentes da Rede manifestam um campo extremamente heterogêneo. Posso observar que a distinção feita inicialmente em seu histórico, como Rede ligada ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) apresenta um desdobramento interessante: a Rede amplia-se por um agenciamento inclusivo, como pode-se observar, está em seu quadro a delegacia de polícia, passando por igrejas, escolas (as de samba incluídas) planos de saúde populares, entidades públicas e privadas de saúde e até mesmo uma empresa de ônibus. Quando escrevi meus diários, dentro de ônibus, eu estava em uma das entidades potenciais da Rede, é claro, pois alguns dos benefícios das entidades sociais é fornecer vale-transporte. O Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UFRGS está nesta lista, pois eu assinava a lista de presença, que pedia nome e instituição. Em termos de liberdade de participação, é prática da Rede ser um espaço aberto. Pude experimentar isso não só em minha fase de coleta de dados e em meu acoplamento como pesquisador, mas pelo fato de participar da Rede através de três entidades, e também sem fazer parte de nenhuma, logo após minha formatura. Mesmo que haja uma delimitação por ser a “Rede da Restinga”, qualquer cidadão que se interessa por debater questões de atendimento à comunidade tem o direito de participar da Rede. Ela prossegue por conexão, por *rizom*: A rede de questões sobre a proteção à criança e ao adolescente inclui os pais, os professores, e trabalhadores de diversas instâncias: os alunos do mestrado, da graduação, bem como todos os participantes da Rede, pois, como cidadãos, são também usuários de serviços assistenciais. A sociedade estria-se, cria segmentariedades, conecta-se em partes diferentes, mas também através da igualdade. Diferentes ordens de complexidade que proporcionam múltiplas maneiras de distinguir. A Rede mostra-se neste fragmento como possibilidade de encontro. Ali se reivindicam e discutem vale-transporte, empregos, violência doméstica, doença mental, mídia, economia, drogas, etc.

A Rede se apresenta como uma conexão para outros fóruns, também abertos, que se diferenciam por contextos, temáticas, e políticas governamentais. O espaço de informes é repleto de calendários do Orçamento Participativo, programas assistenciais do Governo, Conferências de Assistência Social, Saúde, Juventude, Direitos da Criança e do Adolescente. O fluxo de informações é intenso e constante, criando-se ali, naquele momento de reunião, um nó, ou ponto de concentração.

Não há uma pessoa fixa para elaborar as atas, e tampouco um padrão do que exatamente deve constar nelas. Também há constante circulação de panfletos, folders, cartazes e pequenos periódicos a respeito de eventos, instituições e tudo mais que atravessa a comunidade. Os acontecimentos funcionam por uma memória de fluxos, um dinamismo cuja diferença traz a repetição. A Rede sempre mantém mecanismos que levam em conta esta característica, como realizar apresentações pessoais em todas as reuniões, bem como elaborar listas de presença com telefones e endereços. A memória deste grupo também opera como uma Rede, pois as pessoas mais antigas, por vezes, aparecem e desaparecem, assistem a um ano seguido de reuniões e no próximo ano podem não comparecer com a mesma periodicidade. A função de reter e distribuir informações no espaço da Rede é ocupada por diversos atores, potencializados enativamente pela participação direta nas

reuniões. Como um mecanismo inteligente, a Rede retém e dissipa energia, na forma de informação, assim mantendo seu equilíbrio dinâmico. Do mesmo modo que os cérebros de cada integrante da Rede tenta reter, processar e retransmitir informações como unidade, existe uma unidade que faz a ata que elabora um registro que será comum a todos, em função do que é dito para todos e por todos. As estratégias de captação, retenção e transmissão de informações são também construídas pelo coletivo inteligente, pela designação de coordenações, seminários de apresentação, calendários, entre outros.

4.2.1 Pequena cartografia das siglas

A lista oficial de entidades, elaborada pela Rede, é um bom instrumento mapeador de um detalhe notável: as siglas e seus significados. É marcante a presença de entidades cujas designações são expressas por siglas. Quando lidamos com relações que envolvem conexões entre diferenças, como na química, por exemplo, tendemos a abreviar, criar códigos, usar significantes como estratégias comunicativas para economizar energia e tempo de cálculo. Nas atas, quem escreve precisa economizar o máximo de tempo, então é natural que se convençione que “ñ” quer dizer “não”.

No contexto da Rede isso é visível: em algumas reuniões ocorreu a discussão a sobre o projeto PEMSE (linhas 246-247). No decorrer das discussões não seria fácil pronunciar “Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas em Meio Aberto”. Esta informação já está implícita para um coletivo que sabe o que a conjunção de letras designa. Para quem porventura não tenha acompanhado as reuniões e não saiba, basta perguntar ou consultar as atas. Mas é difícil saber tudo, pois, repito, são setenta e tantas instituições (siglas) em constante fluxo e ainda há as inúmeras que não fazem parte daquela lista. E as siglas não se referem apenas a entidades, mas também a documentos. Nem sempre há tempo de buscar as informações referentes às siglas. No entanto, muitas destas informações retornam esporadicamente, ao longo das reuniões. Saber uma sigla pode depender de uma rede de circunstâncias, que podem envolver mera curiosidade, necessidade ou interesse de pesquisa. O trabalho desta, até mesmo por tentar comunicar ao leitor a extensão deste Sistema Rede, também envolveu a pesquisa aos significados das siglas, seja por captá-los durante as reuniões, ou por perguntas diretas. No entanto, algumas siglas ainda permaneceram para mim uma incógnita, como FICAE (linhas 203-207). Presenciei uma série de discussões à respeito das FICAEs, e, como pode-se ver no material coletado, ocorreram e ainda ocorrem vários fóruns, reuniões e problemas relativos às FICAEs, e eu tenho uma vaga idéia do que elas sejam: fichas de encaminhamento ao Conselho Tutelar utilizadas pelas escolas. As FICAEs são processos que comunicam ao Conselho Tutelar casos de evasão escolar tanto pela não frequência do aluno na escola quanto por expulsões ou abandono. É um bom demonstrativo da relação parte-todo: não precisei saber o que significava a sigla para saber o que são FICAEs, obtive a informação a partir do conhecimento de algumas partes. De modo reversivo, mesmo sabendo que CECORES significa Centro Comunitário da Restinga pode-se saber o que é um centro comunitário em um nível mais geral, ou molar. No entanto, as atividades específicas do CECORES não são tão simples de obter.

A memória da Rede, como sistema complexo, traz em si um princípio de retroalimentação, como caracteriza Morin (1999), não da maneira linear de um termostato, mas de maneira autoorganizativa. O sistema-Rede apresenta como componente de sua organização a tendência *enativa* que Varela e Maturana observaram em organismos vivos. A deriva estrutural do sistema implicará na qualidade das mudanças entre a ordem e a desordem, entre o padrão e a diferença. A Rede se manifesta no momento em que suas diversas partes estão conectadas e é deste acoplamento que surgirá um câmbio estrutural. A conectividade heterogênea da *enação* opera por princípios distributivos. Para que um evento ocorra, existe uma série de fatores em diversas instâncias que operam conjuntamente, realizando tipos distintos de acoplamento. A Rede, em seu funcionamento, é um território existencial composto por agenciamentos coletivos de enunciação que operam em diferentes níveis, ou domínios.

Na próxima etapa, serão abordadas algumas estratégias do sistema-Rede em termos de mudanças em sua estrutura para manter estabilidade organizativa e existência sistêmica. A multiplicidade, trazida aqui, aparecerá desacelerada, operando através de máquinas homogeneizantes. Da separação das partes, partiremos para sua integração do todo, adentrando o nascimento organizacional do sistema:

Princípio Sistêmico ou Organizacional: liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo (...) Do átomo à estrela, da bactéria ao homem e à sociedade, a organização do todo produz qualidades ou propriedades novas em relação à partes consideradas isoladamente: as emergências (Morin, 1999 p.32).

4.3 A Rede e sua organização

As máquinas concretas são os agenciamentos, os dispositivos bifformes; a máquina abstrata é o diagrama informe. Em suma, as máquinas são sociais antes de serem técnicas. Ou melhor, há uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material (Deleuze, 1998, p 49).

A Rede pode ser entendida como uma máquina processadora de energia informacional, e, como tal, desenvolve estratégias que regulam este fluxo, ora dispersando, ora concentrando. As unidades autopoieticas que constituem sua estrutura também a usam para propagar e concentrar energia. As estratégias de fluxo são cooperativas, surgidas das necessidades dos componentes em participar das reuniões e darem seus informes, exporem seus casos, trocar números de telefones, e endereços. Um sistema inteligente, como vimos, realiza escolhas em seus acoplamentos, apresenta uma permeabilidade seletiva. Guattari (1998) trabalha este conceito usando justamente os termos físico-químicos “caos”, “osmose”, e “cosmos”. A autopoiese, para o autor, também pode ser enclausuramento, rigidez, assim como certas células podem ser menos ou mais permeáveis.

A organização de um sistema envolve repetição de padrões que realizam mais ou menos câmbios estruturais. O documento convocatório (Quadro 2) pode ser analisado como uma manifestação de uma estratégia

de retenção e propagação de informações da Rede entre seus componentes, no qual ela transmite por escrito o que foi pensado coletivamente sobre seu funcionamento. Isso é chamado, no uso corriqueiro, de “sistematização”. No Quadro 2 há expectativas da Rede, envolvendo idéias de continuidade e produtividade. Há explicitamente a formação de um anel recursivo, como descreve Morin: *supera a noção de regulação com a de autoprodução e auto-organização. É um anel gerador, no qual os produtos e os efeitos são produtores e causadores do que os produz* (1999, p32).

A Rede tem por expectativa a continuidade, e logo afirma que para ser contínuo tem que ser bom, ou seja, tem que ter produção, e a produção está ligada a um certo avanço: “não bater na mesma tecla”. A continuidade necessita também de descontinuidade, que outros acoplamentos sejam feitos, que se execute a tarefa também de formar redes, e que seus componentes levem as discussões da Rede para “fora dali”. A Rede, mostra a si mesma uma perspectiva de “efetivamente trabalhar em rede”.

A Rede, assim, constituindo seu território, realiza o processo caosmótico de experimentar fluxos provindos de diversos outros territórios. Tal processo auto-regulador envolve ordenação de informações. A grande liberdade constatada no processo autoorganizativo da Rede implicou na eleição de uma coordenação, responsável por concentrar informações, estabelecer horários de reuniões e regular as apresentações de casos. Estas pessoas deveriam ser representantes de três instituições distintas por tipologias (linha 297), que deveriam reunir-se em espaços anteriores e posteriores às reuniões, processando informações, delimitando horários, pontos de pauta, coordenando debates, distribuindo tempos de fala. Também a coordenação é responsável por representar a Rede na reunião da Rede Central.

É importante observar que não houve nesta coordenação um princípio de hierarquia, mas sim, de atribuição de uma tarefa necessária ao sistema. Cristalizou-se, então, um fluxo no qual houve um elemento constituinte do sistema responsável por armazenar e fornecer informações. Foi graças a esta função de coordenação que tive acesso à lista de entidades, bem como às cópias das atas. Também a coordenação operacionalizou algo que vinha sido discutido em quase todas as reuniões: uma apresentação das entidades, que foram catalogadas em tipologias, para obtenção de um panorama geral dos serviços. A coordenação, então, não só concentrou e redistribuiu, mas também elaborou uma dinâmica em que cada entidade (re)distribuiu informações.

No decálogo (Quadro 3), há um princípio de multiliderança, no qual há a formação de pontos de concentração, sem a idéia de hierarquia. Também existe a possibilidade de se configurarem pequenas redes, por afinidades entre alguns pontos de concentração (linha 544). A coordenação tríplex escolhida na Rede formou uma pequena rede, servindo como subsistema auxiliar, inclusive proporcionando a representatividade na Rede Central. A Rede propõe que suas redes internas se segmentarizem-se, pelas tipologias: entidades de saúde, defesa, assistência social, educação. Todas contêm em si heterogeneidades: escolas do estado encontram-se no mesmo sistema que as do município, as entidades de assistência social vão desde planos de saúde populares a centros comunitários.

A continuidade do trabalho em rede manteve-se. A máquina autopoietica Rede definiu estratégias que a fizeram funcionar e manterão seu funcionamento até que sua organização se desfça. É importante ressaltar que este acoplamento estrutural da Rede é provisório, um agenciamento precário, já que lidamos com um sistema não-linear. Já houve outras coordenações, que outrora pertenciam a uma ou duas instituições, eleitas anualmente. Estas coordenações desfizeram-se ao longo do tempo. É visível que as coordenações, enquanto pequenas redes, também constituem elementos estruturais e organizativos. Quando as entidades deixam de assumir a coordenação, perdem sua organização e conseqüentemente suas identidades sistêmicas como sistema-coordenação. A Rede já funcionou sem coordenação identificável, ou seja, manteve o princípio sistêmico sem lançar mão da estratégia organizativa.

Em minha análise, a estratégia de designar um subsistema coordenador da Rede pode muito bem ser comparada às estratégias de formar rede entre outras máquinas processadoras e transmissoras de informação: os computadores. Computadores podem ser conectados de forma a que constituam uma rede entre si, elegendo componentes ao mesmo tempo em que concentram informações de todos, também as distribuem. Quando a informação de uma rede de computadores é na forma de *e-mail*, por exemplo, o servidor exerce a função de organizar uma lista, receber uma mensagem e propagá-la reticularmente. Ao receber mensagens ou informações, cada componente pode reenviar a informação processada ao servidor, e todos podem trocar informações entre todos através de um. É claro que, e no decálogo isto aparece, o servidor não regula todo o fluxo de informação, pois as máquinas possuem autonomia para trocar informações entre seus componentes e com outras máquinas, dependendo da necessidade. As redes operam em fluxos de retenção e transmissão de informações e ambos processos estão conectados.

Aqui trazemos o *rizoma*²¹ como constituinte da organização reticular, pois quaisquer que sejam as organizações constituídas entre computadores distintas por um observador, as possibilidades de conexões são infinitas, ainda que existam zonas arborescentes, zonas de segmentariedade, conjuntos de regras e códigos. O caos não é necessariamente desordem, mas múltiplas ordens. Quando alguém participa de uma reunião da Rede, dificilmente encontrará toda a Rede da Restinga. Encontrará sempre a possibilidade de que isto aconteça. Pode-se entender a Rede como Real e como possível. Seguindo sua “Caosmose” (1998), Guattari organiza o real e o possível cada qual por dois planos: o da expressão e o do conteúdo, gerando quatro funtores ontológicos (Quadro 04).

Quadro 04

	<i>Expressão atual</i> <i>(discursivo)</i>	<i>Conteúdo</i> <i>Focos enunciativos virtuais</i>
--	---	---

²¹ *Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas. Conjuguar os fixos desterritorializados. Seguir as plantas:, começando por fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor de singularidades sucessivas; depois, observando-se no interior desta linha, novos círculos de convergência se estabelecem com novos pontos situados fora dos limites e em outras direções* (Deleuze & Guattari, 1995, p 11)

		<i>(não discursivos)</i>
<i>Possível</i>	Φ <i>Discursividade maquínica</i>	<i>U</i> <i>Complexidade incorporal</i>
<i>Real</i>	<i>F</i> <i>Discursividade energético-espácio temporal</i>	<i>T</i> <i>Encarnação caósmica</i>

A Rede possível encontra sua forma de expressão em enunciados gerais, como a explicitação escrita de suas expectativas, funções, atribuições e regras como as encontradas no decálogo. A rede possível envolve justamente os enunciados metafóricos, com “estar na Rede”, “trabalhar em rede”. A Rede possível envolve máquinas discursivas, atemporais e a-significantes, focos enunciativos virtuais pousam, em uma complexidade incorporal. O plano do real já apresenta o acontecimento em si, a Rede conectada exatamente naquele momento, suas múltiplas formas de estruturar-se e organizar-se elegendo coordenações, marcando reuniões, horários, estabelecendo locais. A discursividade envolve o agenciamento de máquinas concretas. A encarnação caósmica é o conteúdo. A Rede da Restinga pode ser entendida como todas as entidades corporais ou não conectadas através do padrão em rede, ou separadamente pelas suas reuniões quinzenais, suas atas, sua coordenação seus locais, suas entidades mais vinculadas. Resumindo, no plano do possível temos as 70 e tantas entidades assistenciais, bem com qualquer cidadão que porventura queira acessar a Rede. No plano real, uma reunião da rede pode ser um acontecimento em que participem, por exemplo apenas as escolas, ou apenas as entidades de assistência, os produtos da caomose, ou seja do processo de condução dos fluxos. Importa ressaltar que o real e o possível, bem como seus funtores, operam também como máquina conceitual auto reguladora: é o ideal de Rede que organiza as reuniões da rede que produz um ideal de Rede: *os funtores F, Φ , T, U têm como tarefa conferir um estatuto conceitual diagramático (cartografia pragmática) aos focos enunciativos virtuais colados à expressão manifesta* (Guattari, 1998, p. 90).

Guattari refere-se aos funtores como componentes de uma metamodelização, insere o conceito foucaultiano de diagrama. Os diagramas foucaultianos são mapas de circulação do poder, que dependem das formações discursivas mas também do fluxo entre os corpos. *O diagrama, ou máquina abstrata, é o mapa das relações de forças, mapa de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis, e que passa a cada instante por todos os pontos “ou melhor, por toda relação de um ponto a outro.”* (Deleuze, 1998, p. 46).

Sob o ponto de vista do poder, o sujeito ora é submetido a ele, ora submete o outro. As instituições disciplinares dependem de seus atores para sobreviver, as leis dependem dos seus transgressores e de quem as produz. Os diagramas manifestam entre as máquinas agenciadoras: as máquinas abstratas (discursivas) podem gerar máquinas concretas, mas também podem ser geradas por elas.

A constituição de um país pode ser capaz de informar sobre a organização de uma sociedade, mas a sociedade manifesta-se também autonomamente, constituindo diferenças, transgressões, progressos. Em uma rede, mesmo que o princípio seja de multiliderança, há a possibilidade de existir uma única liderança, mesmo que haja democracia, nem sempre ela atende aos interesses de todos, mesmo que a Rede exista para concentrar informações, ela própria pode dissipá-las.

Pode-se pensar que, a organização de um sistema implica no campo do possíveis, pois define os limites dos câmbios estruturais, no entanto, os câmbios estruturais são importantes para que o sistema mantenha ou não a sua organização. O real modifica o possível que modifica o real, bem como a organização modifica a estrutura que modifica a organização. A variabilidade de um sistema é consequência de um intenso encontro entre diversos observadores. As idéias contidas no Quadro 3 estão sujeitas a um processamento na máquina social composto por discordâncias, desconhecimentos, leituras diversas, a sua inclusão como ponto de análise nesta dissertação. O conjunto dos corpos forma, a partir de suas partes, conjuntos de leis e princípios, que não se deslocam senão pelo próprio movimento dos corpos: outro anel recursivo.

O processo de construção da cidadania é permeado de paradoxos, na medida em que se explicitam três dinâmicas concomitantes: o reconhecimento – e a construção das identidades dos diferentes sujeitos sociais envolvidos ; o contexto da inclusão das necessidades expressas pelos diferentes sujeitos sociais; e a definição de novas agendas de gestão , visando a estender os bens a amplos setores da população. Essa noção de cidadania está estruturada partir de uma definição legal dos direitos e deveres que a constitui. (Jacobi, 2000, p. 20.)

Quando falamos em redes pensamos que os elementos do sistema, atuando em cooperação, são capazes de construir um organização que pode contribuir para a cooperação entre si. Entramos em um conceito que está manifestado em campos heterogêneos do conhecimento, e que aqui já o denominei como cibernético, mas incorpora-se ao saber institucional foucaultiano: a sociedade do controle .

4.4 Autopoiese, controle e sociedade

De uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas. (Foucault, 2000, p179).

Basicamente, na legislação do S.U.S, controle social é definido com participação da sociedade em relação à aplicação de recursos destinados à saúde e fiscalizar se os serviços.

Uma coordenação surge a partir da necessidade constatada e operacionalizada pelas partes integrantes da Rede, mas também pode delimitar estas necessidades. Podemos enxergar a Rede também por seus movimentos. As relações de poder constituintes do diagrama configuram conflitos entre diferenças. Qualquer organismo social pode ser cartografado através de mecanismos disciplinares.

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma anatomia do poder, uma tecnologia (Foucault, 2000, p.177)

A Rede, como sistema institucional e a partir de e uma distribuição tanto concreta como abstrata de poder, é também disciplinada e disciplinadora, pois gera regras, em sua heterogênesse também possui seu mecanismos de controle, a disciplina é um importante elemento de controle, pois mostra a rede submetida a conjunções e regras sociais, sempre resguardando sua autopoieseo. Na próxima etapa, serão observados alguns movimentos destes dispositivos, sua capacidade de transformação e de conexão. Todo sistema caótico é, paradoxalmente formado por padrões de observação e de relações.

4.5 A Rede se acopla

No ano da coleta de dados, 2001, em boa parte das reuniões da Rede que assisti, circularam informações a respeito de um projeto piloto envolvendo a Restinga, partindo de uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. É importante observar que, ainda que a Restinga seja um Bairro de Porto Alegre, e, em termos molares a Rede ser uma rede de residentes me Porto Alegre, ela não é uma rede municipal, como é a das Escolas municipais. Em uma escola da rede municipal, a política de formar uma rede de Escolas é decorrente de uma ação da Secretaria Municipal de Educação. O acoplamento entre o Antropólogo e a Rede é um acontecimento importantíssimo nesta pesquisa, já que a proposta é distingui-la como sistema complexo aberto. Há diversas instituições municipais que participam da Rede, e este é um dos acoplamentos possíveis entre a máquina municipal e este coletivo. O interessante é que foi utilizado o acoplamento em rede para explorar e discutir um política pública, ou seja, o Município utilizou-se da Rede para implantar uma política, e mais: manifestou claramente a possibilidade não de construir mais máquinas estatais, mas de reconhecer que a máquina-Rede é um espaço de cooperação, e que Estado, o Município e as entidades autônomas são capazes de

construir projetos integrados. Luis Eduardo, como observador, envia uma carta ao sistema -Rede, como entidade Integradora e a une em torno do tema violência, um problema que é compartilhado por todos. Não é difícil notar, que seguindo pelo plano do real e do possível, há momentos em que a Rede não exerce alguns de seus princípios, ou não é utilizada por seus componentes, por alguma falta de informação. Tal heterogeneidade faz com que, mesmo que uma pessoa consiga uma vaga na escola, isso não garante que a criança freqüentará a escola, por um série de problemas que fogem ao controle governamental. Assim, a saúde não depende só dos hospitais ou dos profissionais, mas de uma imensa rede de cuidados pessoais, informações da mídia, etc.

As redes vivas, ainda que estejam interligadas, são constituídas de entidades autônomas capazes de controlar sua capacidade de conectar-se em rede. Nesse caso, há um reconhecimento de que há muitos projetos sociais voltados a integração do jovem à sociedade ou à prevenção da violência, em diversos níveis ou diversas óticas: desde a responsabilidade da escola em educar, a responsabilidade do conselho tutelar em fiscalizar, ao centro comunitário em executar políticas de assistência ou aos pais de saberem como criar seus filhos com amor, respeito e responsabilidade. Cada uma precisa ter consciência que, com a ajuda dos outros é possível fazer sua parte. São citadas na carta expressões como “aprimorar suas interconexões” (linha x) “matriz de gerenciamento integrado” (linha 609) e “projeto-piloto” (linha 265).

Um projeto piloto, como vimos no conceito cibernético, seria um projeto de controle e comunicação de um sistema. Este projeto piloto vem sido utilizado na mídia da prefeitura. O projeto piloto se propõe a utilizar-se da Rede como instrumento comunicativo e cooperativo. A matriz gerencial administrativa, pela própria definição da palavra, propõe-se a ser um ponto em comum emissor de uma mensagem que será difundida por rede. Posso compreender esta relação como: a matriz gerenciadora produz um projeto piloto que possibilitará outras matrizes gerenciadoras.

Penso que a estratégia do poder municipal parece levar em conta essas propagações em rede. A Rede como, qualquer sistema vivo, é capaz de agregar outros sistemas ao seu funcionamento, e, em uma dinâmica fractal, também é acoplada a outros sistemas. Os fractais são organizações geométricas baseadas e cálculos sobre sistemas não-lineares, que, embora repetem um padrão, diferenciam-se ao longo de um imaginário trajeto, dependendo de como o observamos. Podemos pensar pelo que foi visto em termos de controle, uma matriz gerencial é uma espécie de dispositivo, gerando um padrão de funcionamento, mas seu comportamento em um plano real poderá gerar diferentes diagramas. Os acoplamentos de um sistema são fluxos comunicativos, também padronizados, mas este padrão é relativo ao que está dentro e o que está fora do sistema, e que o perturba mutuamente utilizo aqui um conceito básico de acoplamento, usado por Maturana e Varela (1997) em termos de condições interativas entre unidades sistêmicas: *cada vez que o comportamento de uma ou mais unidades é tal que existe um domínio no qual a conduta de cada uma é função da conduta das demais, diz-se que estão acopladas neste domínio* (Maturana e Varela, 1997, p.135).

As entidades de Restinga estão acopladas em diversos domínios, eu diria até infinitos, e a Rede é um domínio de conduta comum a diversas pessoas e instituições. Inserir um projeto piloto baseado em uma matriz gerencial poderá estabilizar a Rede em um tipo de cooperação que envolverá um fluxo entre autonomia e dependência. Este domínio comum distinto entre a Rede e o Antropólogo trará possibilidades da inclusão da

manutenção da Rede em funcionamento e contribuirá para suas necessidades básicas. Ao acoplar-se em rede a uma máquina estatal, pode-se aproveitar de seus recursos tecnológicos, financeiros ou humanos. Outros acoplamentos já podem ser observados neste sentido, como a utilização do espaço físico do C.A.R. ou qualquer outra instituição para as reuniões, ou o empréstimo de cópias de xerox cedidas por uma escola para distribuir convocatórias.

A Rede terá ampliadas suas possibilidades de elaboração de projetos de captação de recursos. Uma das questões hoje abordadas relativas às ONGs é a sua “institucionalização”, ou burocratização em relação ao Estado. O Estado deve ou não controlar as ONGs, fazê-las prestar contas, as deixando a mercê dos próprios câmbios políticos da máquina estatal. A Rede, entendida como matriz de um projeto piloto, pode preservar sua autonomia e a de suas entidades constituintes. A prefeitura fica encarregada de captar recursos em projetos que incluam toda a Rede, mas, sendo ela um portal de passagem, os recursos serão discutidos conforme as necessidades, pois poderá ser originado por quem necessita. O Projeto-Piloto da Restinga está em fase de captação de recursos, é claro, ele precisa existir como sistema, dispositivo visível e carregado de possibilidades. Em seu plano possível, o Projeto-Piloto visa utilizar-se do trabalho conjunto entre as entidades da Restinga para por em prática um plano discursivo de combate e prevenção à violência a partir da apresentação de alternativas de existência ao adolescente. A energia destrutiva de uma adolescência violenta pode ser expressa pela arte e pode ser divulgada em conferências e rádios comunitárias. A proposta é que a comunidade constitua uma autonomia cultural, tecnológica, política.

A inclusão não diz respeito aqui a uma grande máquina anexadora, mas sim uma inclusão de realidades alternativas heterogêneas, a partir da produção do si mesmo. A proposta do projeto piloto é justamente trazer a idéia de caos como multiplicidade de ordens, e também a idéia de universo como hegemonia de um só sistema sendo substituída pela de multiverso. As notícias da mída perdem sua versão universal para adquirir múltiplas versões.

A matriz gerenciadora é forjadora de um dispositivo social, oferecendo à Rede um domínio de acoplamentos capaz de reproduzi-la em outros nichos. Na próxima e conclusiva etapa, veremos o que esta e outras redes estão provocando alterações na sociedade, em termos de dispositivos diversos, e o que ainda se pode fazer nas e pelas redes para que mantenham sua liberdade e sua organização.

Ao saber do projeto Piloto, a Rede perturbou-se. Procurou preparar-se para operar em conjunto, primeiramente definindo suas estratégias de acoplamento. A apresentação do projeto e o engajamentos de alguns dos componentes da Rede estabelece uma relação de troca energética de trabalho e informação que possibilitará um campo híbrido a ambos os sistemas, um domínio comum de relações. Este movimento mostrou-se no decorrer dos três pontos analisados aqui, atentando para o fato deles não estarem em ordem cronológica ou de categorias de sentido, mas na forma de diagramas complexos: a Rede mostra-se como possibilidade de encontro, define suas regras internas e sua dinâmica de funcionamento e passa aí a produzir, inventar, afinal, a aprender e ensinar. *Ou trabalhamos para completar o novo tecido inteligente ou trabalhamos, através dele, para o conectar ao mundo. Em ambos os casos, há que aprender a fazê-lo ou inventar o que podemos ensinar* (Serres, 1997, p. 131).

PARTE V

ENCAMINHAMENTOS

5.1 As contribuições desta pesquisa

Também digo hoje que a complexidade é correlativamente o progresso da ordem, da desordem e da organização. Digo também que a complexidade é a mudança das qualidades da ordem e a mudança das qualidades da desordem. Na complexidade muito alta, a desordem torna-se liberdade e a ordem é muito mais regulação do que imposição (Morin 1991, p.156).

É inegável pensar que em nosso país as comunidades enfrentam uma série de problemas sociais nos quais reclama-se bastante de “violência”, “caos social”, “miséria”, “analfabetismo” e que uma série de organizações, governamentais ou não, trabalham para amenizar tal situação, cada qual com seu enfoque e sua metodologia. Noto que o “pensamento em rede”, equivalente a tantas maneiras simbólicas de existir, apresenta-se em um movimento com a existência de “sistemas rede”. Existem redes “pensando” “sobre redes”. No caso da Rede aqui estudado e problematizado, encontramos uma maneira cooperativa de trabalhar, sem envolver questões econômicas ou obrigatoriedades legais. Formar uma rede deveu-se a uma constatação na qual percebeu-se que algo em comum faltava a algumas instituições: um contato sistematizado com as demais. No entanto, esta “falta” refere-se a descobertas tecnológicas, não de algo novo, mas de algo que pode remeter-se a milhões de anos atrás, e a outros contextos. Pode-se dizer que as redes oscilam em um equilíbrio dinâmico. Aqui temos uma rede de relações entre subjetividades que necessitam de interações para viver, e que as interações podem ser destrutivas ou não para suas organizações. O rompimento de uma organização autopoietica implica no rompimento daquilo que a caracteriza como autopoietica: o produzir-se a si mesmo. Sistemas humanos são sistemas autopoieticos, que constituem outros sistemas autopoieticos através de redes de relações, que ora manifestam, ora não “sabem” que são compostas por redes ocultas ou invisibilizadas.

Esta noção de múltiplas interações entre territórios, seres sistemas humanos, configura na temática de Mil Platôs, desde a noção de: Rizoma, Introdução ao volume 1 até o Vol 5, *Tratado de nomadologia, Aparelho de captura O liso e o estriado* (1998). Há um rizoma formado pela máquina de guerra e o “Aparelho de Estado”. A máquina de guerra constitui-se de puro movimento, manifestado em “pontos”, em um deslocamento por cartografia. A máquina do Estado é sedentária, opera por espaços estriados, geométricos. Mas o Estado pode apropriar-se da máquina de guerra e a máquina de guerra pode desencadear a formação de um Estado. O espaço livre (ou liso) do desejo encontra-se delimitado estriado, “labiríntico”).

A máquina de Estado acopla-se à Máquina de Guerra para que esta liberdade possibilite novos acoplamentos. Kafka, em “O Processo” (1997) e “O Castelo” (2000), mostra o percurso multidimensional que seus personagens principais atravessam, para simplesmente saber sobre si mesmos. Josef K., pacato e medianamente bem sucedido funcionário de um banco simplesmente acorda pela manhã e descobre que está “detido” (e não “preso”), e que há um processo contra ele. A pergunta inicial “por que fui detido” jamais é respondida. O sistema jurídico é de tal forma burocratizado que a pergunta inicial torna-se um impulso de atravessar todas as máquinas. Em “O Castelo”, K. busca saber quem é o conde que o contratou, mas, entre romances, paixões, impedimentos e dúvidas de sua própria existência não consegue sequer chegar perto de um dos mais baixos funcionários do Castelo. Kafka não conseguiu terminar de escrever “O Castelo”, mas a leitura do texto não indica qualquer sinal de que o faria. Na sua metamorfose (Kafka, 2000), Gregor Samsa simplesmente parece perceber a intrincada rede que já o enxergava como um inseto horrendo.

No *Tratado de Nomadologia* Deleuze & Guattari (1996), o *rizoma* entre o sedentário e o nômade dá-se entre os metais, que constituem tanto as ferramentas quanto as armas, fazendo parte também da estrutura do corpo humano. A organização autopoietica implica no que há de comum a todas as estruturas vivas. Somos livres para sermos diferentes limitados por nossa organização autopoietica.

O maquinismo de funcionamento de uma rede pode ser entendido sob o ponto de vista de outras redes conectadas, mas que nem sempre se distinguem como redes para um observador. A organização que se denomina Rede, torna-se, por sua auto-regulação em um domínio próprio de linguagem, capaz de fazer distinções a respeito de sua própria organização, ou seja, em que espaço ela mesma e um observador externo são capazes de delimitar como rede.

Lidar com crianças e adolescentes de uma mesma comunidade, ou seja, ter algo em comum sobre o qual trabalhar fez com que se construísse um espaço comum para trocar o que é diferente. Creio que neste espaço também tentei construir algo semelhante com relação ao saber psicológico, inicialmente por um problema a ser formulado agora nesta etapa conclusiva: que tipo de contribuição a psicologia, como parte importante deste observador, tem a dar para uma rede social, ou para as demais organizações sociais? Creio que, como colocou Capra em *O Ponto de Mutação* (1997), a Psicologia carregou, durante muito tempo e em áreas representativas uma visão bastante conservadora em relação tanto com os diversos pontos de vista entre cientistas quanto na construção de seu objeto de estudo: fábricas, empresas, escolas, grupos organizados e seres humanos individuais. De forma alguma se renega aqui a importância de conceber tais objetos separadamente, mas creio que estão surgindo cada vez mais indícios de que a Psicologia tem condições de trabalhar também sobre um conceito mais amplo de organização, ou seja, daquele que possui em si uma tendência desorganizadora, mas ao mesmo tempo esta desorganização possibilita a multiplicidade reticular.

Mas isso não é atributo somente da Psicologia. A ciência, como um todo, ainda reserva apanágios da mecânica newtoniana, do evolucionismo darwiniano e do maquinismo dualista cartesiano, ainda que as importantes descobertas dos campos especiais da relatividade de Einstein, da “mecânica” quântica e do Princípio da Incerteza tenham atentado os físicos, em primeiro lugar para uma dúvida da própria existência do elétron e das partículas, ou seja de toda a matéria do universo, além da concepção quadridimensional de que tempo e

espaço não existem independentemente, bem como objeto e observador tampouco. Para compreender o mundo, precisamos compreender como compreendemos o mundo, o conhecer sobre o conhecer. Este conhecer é fruto de interações entre diversas redes: lingüísticas, cerebrais, atômicas. O cérebro, em nosso corpo, não é “o líder” da mente, mas sim ocupa uma função integradora e distribuidora.

A ciência contemporânea hoje é capaz de operar por dois conceitos: o princípio hologramático (na qual os fenômenos são observados em sua integralidade), e que o todo e as partes guardam características comuns, e o complementar princípio ecológico, no qual, além de observado em sua integralidade, o fenômeno jamais pode prescindir de suas relações com outros fenômenos. Não há uma mente superior criadora, ou leis superiores que determinam o funcionamento do cosmo, e sim o funcionamento do cosmo é que determina suas leis. Isso é muito importante, pois está junto com a idéia que as leis da natureza não independem do observador para construí-las.

A ciência não sai de outro lugar senão da nossa cabeça em interação com os fenômenos observados, e nossas teorias são sempre aproximações que nossa mente faz da realidade. O reducionismo cartesiano/newtoniano/darwiniano marcou raízes tão profundas que as conseqüências disso mostram-se evidentes, hoje em dia, nas seguintes questões: quando uma usina nuclear é construída, os governantes e cientistas pensam apenas no bem que a produção de energia elétrica proporciona, e não no mal que o lixo atômico e os vazamentos que fatalmente acontecem podem causar a curto, médio e longo prazo; quando pesquisam transgênicos, alguns cientistas, influenciados por suas empresas financiadoras, acham que a manipulação genética vai resolver o problema da fome aumentando a produção, quando isso é uma grande mentira, há comida demais no mundo, tanto que a obesidade é um problema de saúde pública tão grande quanto a subnutrição.

Por que as teorias que citei anteriormente não fazem parte do nosso cotidiano como profissionais psi ou cidadãos? Pierre Lévy, em *As Tecnologias da Inteligência* (1996) chama isso de *princípio da interpretação*, ou seja uma técnica ou uma tecnologia, ou um saber está intrinsecamente implicado no meio social em que é difundido. É neste ponto que vejo nosso papel como psicólogos: como de instituições ou indivíduos somos nós quem estudamos a mente humana, o comportamento, a ética, enfim, as relações humanas em geral, e é nosso papel atuar sobre o coletivo, sobre as formas de pensar, a difusão da ética e da capacidade de conhecer. A Psicologia, como ciência do comportamento e da cognição, é, sob este ponto de vista, uma ciência do vivo, e viver é cooperar, acoplar. Talvez seja importante observar que, em todas as redes vivas há a dimensão integradora, que fornece as informações fundamentais sobre o que se está conhecendo ou fazendo. O princípio de interpretação aqui é entendido como a capacidade de observar redes.

Eu atento que esta visão ecológica-política não é construir um campo de saber único, e sim reconhecer que, apesar de enfoques diferentes, todas as ciências e áreas do saber humano estão interligadas. Acredito que a Psicologia tem um papel fundamental na construção da cidadania, da consciência política e da ética nas relações humanas. E nós, professores/pesquisadores, uma responsabilidade ética enorme com nossos alunos, futuros psicólogos, que não é de meramente ensinar grandes sistemas teóricos, e sim, potencializar a reflexão e a crítica, além de lançar mão de uma visão mais abrangente de ciência, pois a vida não "o passado",

mas o presente, a política, o consumo, o trabalho, o ecossistema. Pude constatar como psicólogo que Rede estudada aqui apresentou um importante movimento entre forças que a mantinham estável e a desequilibravam, entre a troca, difusão e conservação de saber e informação se revezava com a desinformação e o ruído. Uma série de fatores, como a periodicidade, a vontade de alguns de seus membros, bem como alguns acoplamentos externos e a necessidade real de trabalho cooperativo deram a este grupo identidade e funcionalidade.

Por outro lado, a não institucionalização, a amplitude de atuação e a heterogeneidade de seus membros contribuiu para que o sistema tivesse plasticidade para elaborar suas políticas de funcionamento e fosse sensível a novos acoplamentos, ainda que se possa lamentar uma certa perda de informação ou dificuldade de manutenção de um histórico para as gerações futuras. A ordem se nutre da desordem, a liberdade também impõe suas regras. A psicologia, aqui, entra como um campo do saber capaz de alimentar os sistemas, acoplar-se às redes através da visão de uma dimensão integrativa. Como a aprendizagem envolve desequilíbrios e compensações, o psicólogo pode apresentar-se, ora como responsável pela organização quanto dinamizador, operando entre a autonomia e a dependência. Estou falando aqui de um psicologia que dê conta das redes, que são sistemas abertos, desequilibrados, mas que conservam certos acoplamentos. *Desse modo, autonomia e dependência deixam de ser opostos inconciliáveis: Uma constrói a outra e por ela é construída, numa dinâmica circular.* (Humberto Mariotti In: Maturana e Varela, 2001, p.14).

5.2 Vida e política em rede

Depois de apreciar a importância do padrão para a compreensão da vida, podemos agora indagar: há um padrão de organização que pode ser identificado em todos os organismos vivos? Veremos que este é realmente o caso (...) Sua propriedade mais importante é a de que é um padrão de rede. Onde quer que encontremos sistemas vivos- organismos, partes de organismos ou comunidades de organismos - podemos observar que seus componentes estão arrançados à maneira e rede. Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes (Capra, 1996, p.77-78).

O fundamental de qualquer sistema é sua configuração em rede, ou seja, conexões entre conexões ou nós que unem uma linha de *nylon* para formar uma rede de pesca ou os pontos que unem os fios de lã para construção de uma roupa, ou que formam a rede de pesca, ou os fios, antenas e aparelhos transmissores-receptores que interligam residências em uma rede de telecomunicações. As idéias funcionais de horizontalidade, liderança, cooperação e ausência de hierarquia trazem uma imagem de algo que é composto por diversas linhas, mas que estas linhas, por seus nós, são capazes de constituir um todo que se revela homogêneo enquanto deixa transparecer sua heterogeneidade.

No presente estudo, estão envolvidas na proposta de constituir rede instituições/organizações portadoras de saberes e focos de atuação diversos, a saber: posto de saúde, escolas estaduais e municipais, centro comunitário, ONGs, conselho tutelar, bem como a participação da comunidade organizada. O serviço a ser

prestado é atenção à criança e ao adolescente, tendo como diretriz principal o ECA. Uma das causas desta mudança foi a dificuldade burocrática de encaminhamento de casos, a sobrecarga de determinadas instituições e a necessidade de compartilhamento de conhecimentos, sejam eles técnicos ou teóricos, bem como de afetos. *O importante é que a informação esteja sob forma de rede e não tanto a mensagem, porque esta já existia numa enciclopédia ou dicionário.*²²

Estabelecer uma circulação constante de saberes, e que cada instituição possa, como recurso buscar e fornecer informações ou assessoria bem como de também fornecer tais informações é tentar democratizar, de forma redistributiva, o conhecimento e as próprias práticas, criando um espaço virtual comum. O conhecimento, na verdade, já existiria, mas, sendo disponível em rede, seria mais fácil de encontrá-lo, compartilhá-lo e transformá-lo, bem como não abrir mão dele. A própria origem da Internet é um exemplo: um sistema de troca rápida e multiplicação de informações militares com o objetivo de não concentrar tudo em apenas um lugar e torná-la alvo fácil de bombardeios fez com que os EUA criassem uma rede de computadores. A idéia acabou sendo difundida e o mundo inteiro está descobrindo a tecnologia de rede e beneficiando-se disso.

*Com o uso de novos instrumentos técnicos é possível fazer uma democracia direta distinta do sistema de representação (cuja organização política remete a um centro de decisão e que está completamente obsoleta na medida em que é tecnicamente obsoleto que as decisões sejam centralizadas)*²³

A grande escalada tecnológica das telecomunicações, que permitiu o compartilhamento de informações de forma instantânea, a grande rede mundial de computadores trouxe a possibilidade de interatividade e formação de grupos heterogêneos à distância, bem como o acesso livre a "todos" os tipos de conhecimento. A eliminação das barreiras geográficas e institucionais possibilitaram fenômenos como as listas de discussão por eletrocorreio, capazes de unir pessoas independentemente de quaisquer hierarquias ou atividades, ou reunir grupos étnicos, culturais ou religiosos comuns localizados em partes distintas do globo terrestre. Pode-se estender essa questão para o âmbito dos modos históricos de organização societária. A organização dos seres humanos em estados nacionais manifestou-se de diversas, formas, especialmente a monarquia, o totalitarismo militar, e as democracias parlamentarista e presidencialista. Essas formas são territórios decorrentes da necessidade de organização, obtidas em um contrato social, que pode ser entendido por Boaventura Sousa Santos (1999), como

a metáfora fundadora da racionalidade social e política da modernidade ocidental. Os critérios de inclusão/exclusão que ele estabelece vão fundar a legitimidade da contratualização das interações econômicas, políticas, sociais e culturais. A abrangência das possibilidades de contratualização tem como contrapartida uma separação radical entre incluídos e excluídos (Santos, 1999, p.34).

Como se está entendendo aqui as instituições como organismos autopoieticos, creio que Boaventura traz interessantes análises do Estado Moderno e suas transformações contemporâneas, apresentando

²²LÉVY, Pierre **Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto** <http://www.portoweb.com.br/PierreLevy/nossomos.html>

²³Lévy, Pierre **A Emergência do Ciberespaço e as Mutações Culturais**

elementos organizativos fundamentais e suas mudanças estruturais ao longo das perturbações sociotecnológicas do capitalismo.

Em sua análise, o autor apresenta o contrato social como surgido em uma série de tensões: entre regulação social e emancipação social, entre o direito natural e o direito civil, em critérios de inclusão e exclusão. Pensando o contrato com a formação de um sistema, há uma tensão entre organização e estrutura, ou seja, entre o funcionamento das unidades simples e o funcionamento das unidades com integrantes de uma organização maior. Pois bem, Boaventura segue sua análise mostrando que a gestão controlada do contrato social apresenta três pressupostos chamados metacontratuais:

- Regime Geral de Valores- onde estão incluídas as noções de bem comum e vontade geral.
- Sistema comum de medidas- relações de espaço-tempo, monetarização.
- Espaço-tempo privilegiado- onde estão as delimitações do território estatal, a área de abrangência de sua atuação burocrática, e a formação de uma identidade nacional.

Estes pressupostos seriam mantenedores de uma organização contratualizada, caracterizada pela legitimidade da ação governamental, o bem estar econômico e social, a segurança nacional e individual, e uma identidade coletiva, o que tornaria o estado a principal arma das lutas pelo bem comum.

Para a manutenção desta organização contratual, são necessárias certas constelações institucionais (o que eu poderia chamar de elementos estruturais do sistema Estado):

- Socialização da economia- através de leis trabalhistas, relações salariais, seguridade social, e a centralidade do estado, atuando e relação às transformações do capitalismo atuando em uma segunda constelação;
- A politização do Estado, tornado-se este um Estado providência, ou estado desenvolvimentista, estatizando a regulação do capitalismo e criando uma tensão entre este e a democracia;
- A nacionalização da identidade cultural, entendida como importante para a estabilidade dos critérios de socialização;

Como é característico dos sistemas vivos não-lineares tender a manter um equilíbrio dinâmico, a os elementos estruturantes do contrato social, por sua vez, também irão existir em uma tensão entre ordem e desordem, entre liberdade e organização. Não há controle sem ruído, portanto, Boaventura aponta para os limites da contratualização. A inclusão social com critério do Estado, por exemplo, apresenta com limite a exclusão, ou seja, com o contrato surgem as desigualdades contratuais, como a relação entre periferia, centro, semiperiferia, interior-capital. Os movimentos entre incluídos e excluídos são relações fundamentais para a constituição os sistemas políticos, sendo que o Estado pode tolerar ou não certas perturbações para manter seu funcionamento. É

uma importante relação com os sistemas autoorganizativos. Qualquer sistema vivo sobrevive delimitando e distinguindo seus acoplamentos, que podem torná-lo mais ou menos adaptável, ou flexível. Outro limite que Boaventura observa no contrato social é que a politização e democratização da esfera estatal acabou acarretando em uma despolitização da esfera não estatal.

As grandes tensões, ou acoplamentos destrutivos às quais os estados contratuais submeteram-se, por toda sua característica de sistema aberto e dinâmico, trouxeram o que é chamado de crise, ou transição paradigmática. Eis algumas destas tensões, segundo o autor:

- A idéia de fim da sociedade.
- A proliferação caótica e poderes (ou seja, a formação de subsistemas atuantes dentro do estado, como vírus).
- Desaparecimento das noções fixas de tempo e espaço, muito devido às novas descobertas científico-tecnológicas, que teriam causado um explosão no mercado e nas relações de consumo.
- Instabilidade sistêmica.

Assim, em nossa contemporaneidade, tais formas de organização estão mutando pelo próprio desmantelamento de muitos Estados Nacionais (especialmente os do terceiro mundo), vistos como ameaça a certos interesses do mercado “globalizado”, e controlador de uma máquina midiática anexadora.

A configuração dominante da esfera política hoje é a mídia com essa estrutura triangular - mídia, sondagens, eleição - onde cada ponto reforça ao outro. As pesquisas reforçam a mídia, a mídia reforça as pesquisas, que reforça a eleição e por aí vai, numa estrutura fechada a três. É uma espécie de estrutura em estrela onde se tem um centro, que parte lá de cima e depois uma periferia na base.²⁴

Então, não se tem o majoritário mas, por outro lado, a singularidade é algo que é apagada, e retornamos, então, à idéia de um contrato social, e, no caso específico do Brasil, um contrato forjado entre o Estado legitimado por uma população sujeita a um sistema de educação deficiente e restrito e os grandes conglomerados empresariais, que concentram quase todos seus recursos no capital especulativo (gerando poucos empregos) e financiam um monopólio da comunicação em massa. Esta forma de contrato tem conseqüências funestas, entre as quais a concentração de 600 bilhões de dólares (o equivalente ao PIB de vários os países do terceiro mundo) nas mãos dos três homens mais ricos do planeta. Esta é a grande tensão entre a democracia e o capitalismo: o Estado concentrando a esfera política e o capital empresarial e especulativo concentrando a esfera econômica. Uma possível e urgente saída, e evitação de uma maior produção de excluídos e de miséria, é a transformação do Estado via um novíssimo movimento social..

²⁴LÉVY, Pierre A **Emergência do Ciberespaço e as Mutações Culturais**
<http://www.portoweb.com.br/PierreLevy/aemergen.html> s/d

Boaventura Santos estende sua análise até a passagem de um estado politizado e que acolhia seus cidadãos para um estado ao mesmo tempo liberal e autoritário, cuja força acabou por determinar seu próprio fortalecimento na medida que seus atores trabalharam para diminuir sua influência. Desta forma, por determinação do próprio estado as leis trabalhistas, por exemplo, são flexibilizadas e as relações empregatícias passíveis de livre negociação entre os grandes portadores do capital com os cidadãos desprotegidos pela legislação. Concentração da atividade política no ato de votar e nos partidos políticos concentrou o poder nas maiores e mais ricas campanhas, e a defesa dos direitos do cidadão, bem como a educação e o combate à violência foram concentrados em um setor público burocrático e sucateado. O Estado contemporâneo pós-contratual acabou por, através do uso da sua força, produzir sua fraqueza.

É muito interessante este paradoxo, sob o ponto de vista dos sistemas vivos. As pragas na agricultura são um exemplo disso: quando a multiplicidade da floresta é eliminada e substituída por uma única espécie vegetal, o animal que se alimenta dela conseqüentemente passa a reproduzir-se mais rápido, tendendo a devorar toda a plantação rapidamente. A espécie que foi cultivada, pelo fato de subjugar as demais e dominar, também pode ser exterminada toda de uma vez, bem como a população de insetos também aumenta a população dos predadores, e etc. O aumento da concentração de seres humanos em um planeta onde outrora reinava a multiplicidade de espécies é uma realidade que vem sendo amplamente discutida, e parece implicar em um modo de vida dos sistemas humanos que baseiam sua vida em domínio, progresso, acumulação.

O contrato social parece ter sido uma maneira que a espécie humana construiu para estabelecer regras de convívio comum a todos por meio da linguagem e do fazer. No entanto, o domínio social do Estado pode gerar interações destrutivas, que não permitam movimento em rede de matéria e energia. Para Maturana e Varela (2001) e Maturana, (1999), é fundamental que, em qualquer relação social, a ética, entendida como a reflexão da legitimidade da presença do outro constitui em um alicerce da organização. Dentro da teia da vida, não é possível viver sem a presença da rede de relações que procura manter a autopoiese. Em uma reunião de seres humanos em que a vida não há amor, ética e respeito, não é possível sustentar a rede da vida implícita nas redes sociais que formam o estado sem pensar nas interações que sustentam a vida.

A concentração de poder, dinheiro e informação, em um sistema social humano, implicam na formação de concentrados dentro da rede, grandes máquinas que executam acoplamentos destrutivos com outras máquinas. A destruição, bem como o controle desta destruição, concentradas em um só ponto, implica que este subjuga os demais, os coloca em uma relação não de diferença, mas de inferioridade. É um fato notório que as grandes economias do mundo avançaram graças às suas indústrias bélicas, e que os grandes impérios devem tudo à anexação da máquina de guerra. Inclusive da ciência, importante fornecedora de informações para o sistema vivo humano, que pode acabar sendo a grande exterminadora de todos os sistemas vivos. As nações, entendidas como sistemas organizados, constituíram-se em um histórico de acoplamentos com outras nações e entre indivíduos, e do desenvolvimento de tecnologias a partir disso. O progresso de uma nação envolve, na sua realimentação, indicadores quantitativos: quanto mais dinheiro, melhor, quanto mais comida, melhor, quanto mais progresso, melhor.

No entanto, se este domínio de relações quantitativas enclausurar-se em um único sistema, a ponto deste, em sua dinâmica de acoplamentos, estabelecer um anel recursivo no qual sua sobrevivência depende da destruição de outros sistemas, temos aí um desequilíbrio na teia da vida. Se dependemos do outro para sobreviver, o extermínio do outro será nosso extermínio. A incapacidade de estabelecer relações afetivas e cooperativas em que todos sobrevivam leva à guerra. Um sistema baseado no fato de que o capital sobrepuja-se à vida, produzirá uma ciência capaz de eliminar toda a vida: e como exemplo máximo temos a bomba atômica. Gregory Bateson (1991) é taxativo quando diz que, aquela espécie que, para sobreviver subjuga outras espécies está condenada a destruir a si. A bomba atômica é uma consequência extremamente elucidativa de que a concentração de poder econômico atenta contra a vida: para fazer valer a sua organização, uma nação ameaça destruir todas as outras formas de organização em um só momento. Um Estado que é forte na sua tirania e fraco na sua distribuição de poderes acaba por desacoplar-se de sua função primordial: o bem estar de seus cidadãos.

Surge, então, da desregulamentação forçada, a possibilidade tanto de uma transferência do poder do Estado para grandes corporações que substituem a sua regulação pelas leis do fluxo de capital, quanto de uma democracia redistributiva ou participativa. Para Boaventura Santos a flexibilidade do Estado, que a princípio pode denotar desordem ou ineficácia, apresenta a possibilidade de que o cidadão possa retomar seu controle. O diagrama social apresenta aqui maiores conexões entre o real e o possível.

Apresenta-se, então, dentro do caos gerado pelo fim da concentração estatal, uma forma horizontal de funcionamento em que os cidadãos, os pequenos grupos, as comunidades, decidem, a partir de cooperação e discussão, que tipo de investimentos o Estado deve fazer. A regulação do sistemas sociais passa de um combate entre formas em que ele funciona ora por concentração de poder por delegação hierárquica pelo voto e acumulação de capital, ora pela formação de sistemas baseados em cooperação, em que o outro está sempre incluído, pois o poder encontra-se nas necessidades da vida:

Num espaço público em que o Estado convive com interesses e organizações não estatais, cuja atuação coordena, a democracia redistributiva não se pode confinar à democracia representativa, pois esta foi desenhada apenas para ação política nos marcos do Estado. Nas condições da nova constelação política, a democracia representativa perdeu as poucas virtualidades políticas que alguma vez teve. Nas novas condições, a democracia redistributiva tem de ser democracia participativa, e a participação democrática tem de incidir tanto na atuação estatal de coordenação como na atuação dos agentes privados, empresas, organizações não governamentais, movimentos sociais cujos interesses e desempenho o estado coordena. Em outras palavras, não faz sentido democratizar o estado se, simultaneamente, não se democratizar a esfera não estatal. Só a convergência dos dois processos de democratização garante a reconstituição do espaço público de deliberação democrática (Santos, 1999, p.37).

O autor observa, então, uma nova contratualidade, ou uma pós-contratualidade, onde é possível a formação de sociabilidades alternativas, uma reintegração da noção de bem comum, na qual o Estado não seria mais o responsável único, e sim, mais um parceiro. Eis alguns princípios destas sociabilidades alternativas:

- Solidariedade (conhecimento como emancipação), abertura para pensamentos alternativos;

- Reinvenção da deliberação democrática, tornando o conhecimento como ação importante no processo social. Entendo este princípio com auto-regulador, semelhante ao de Morin;
- Capacidade de desvio, ou seja, a realidade não se reduz àquilo que existe, ela deixa margens à utopia, à ação turbulenta de um pensamento com turbulência;
- A reinvenção de um espaço-tempo de deliberação democrática, a partir de um novo contrato social, que inclui a natureza (princípio semelhante à idéia Ecosófica de Guattari);
- Por fim, há um princípio de modificação nas relações de trabalho, cuja diretriz mais interessante é a de congruência entre cidadania e trabalho, ou seja, devemos trabalhar para o nosso bem e ao de nosso semelhante.

O Estado surge como elemento controlador de um sistema, mas acaba também por gerar o seu próprio descontrolo. A atividade retroalimentadora de um país pode cortar suas pequenas interconexões, atraí-las para um núcleo da rede, um ponto de concentração. Atualmente, já tem início um acoplamento entre o sistema Estado e outros sistemas excluídos dele. Ainda que represente um a diluição do poder estatal, a democracia redistributiva só é possível a partir de acoplamentos à máquina estatal. O fundamental aqui é que este acoplamento não representa a destruição dos sistemas, mas sim em uma perturbação em sua estrutura que os faça seguir o fluxo da manutenção da vida.

Por constituir-se de diversos órgãos do Estado, que ele próprio impossibilitou de formarem redes é que a Rede Integrada resolveu formar-se. Instituições de organizações muito similares, com Escolas, são distintas (estriadas) entre Municipais e Estaduais por critérios estatais que, por vezes não contemplam o fato de Escolas estaduais podem ficar localizadas no mesmo bairro, e cujas crianças são atendidas pelo mesmo Conselho Tutelar e pelo mesmo posto de Saúde. A Rede cria um espaço de inclusão, em que o que importa é o que une, e não o que separa. Desde que sejamos solidários e que tenhamos nossas diferenças somos seres vivos que não sobrevivem sem outros seres vivos. Os conflitos em uma rede podem solucionar-se de maneira direta, pois todos têm o direito de falar e opinar e ouvir, isso é uma característica que, às vezes parece questionável, mas é real. Mesmo que houvesse, por vezes, rompimento de comunicações, ou dificuldade de distribuição de opiniões, no espaço das reuniões nunca vi ninguém ser considerado “não representativo”, ou que não tivesse o direito a apresentar sugestões ou idéias. Pensar os sistemas sociais em rede é pensar que todos os seus componentes contribuem para sua organização, e também tiram proveito dela, e que a capacidade de conviver com a diferença é fundamental para a adaptabilidade em face às dificuldades do dia a dia. Esta questão da multiplicidade os sistemas vivos é, para Maturana e Varela (2001), exemplificada pelo fato de 90% das espécies terem escolhido a reprodução sexuada. O produzir a si mesmo das redes autopoieticas também implica em produzir a diferença, a variabilidade.

5.3 A rede das redes

Sob esta perspectiva, a contemporaneidade é marcada pelo surgimento de uma intensa movimentação no sentido de buscar alternativas de atuação social fora do âmbito das máquinas estatais, bem como soluções econômicas também alternativas ao sistema capitalista. *Neste novo contexto, o marco institucional no qual se desenvolvem as relações de estas OSC com os Estados tem se ampliado e os espaços para a participação em processos de consulta, decisão, e gestão; e o controle das políticas públicas se multiplicou.*²⁵

A Rede, por abarcar tanto entidades governamentais como não governamentais, parece experimentar o engendramento de formas nascentes de gestão, talvez um indicativo de que os governos venham a usar das novas tecnologias e consolidar a nova democracia nos princípios de cooperação e gestão participativa.

O site da Rits, explicitado no capítulo anterior, oferece uma base de dados, um cadastro de pesquisadores sobre as redes e a sociedade, ou a rede como forma de gestão pública. O site potencializa, por eletrocorreio, uma mala direta que informa novidades e distribui textos pertinentes ao assunto. O Rits explicitamente se propõe a ser uma rede composta por redes, e apresenta algumas informações interessantes, como conceitos, fundamentos, e tipos de redes. Creio ser importante apresentá-los na maneira como aparecem no site, reproduzido no quadro abaixo.

Quadro 5

O que são as redes?

As redes têm sido saudadas, nas duas últimas décadas, como a mais significativa inovação humana no campo da organização da sociedade. As organizações do terceiro setor têm sido pioneiras na criação e manutenção de redes, que operam nos níveis local, regional, nacional e internacional, seja para a troca de informações, para a articulação política ou para a implementação de ações conjuntas.

Sem chefe, mas com liderança; sem "cabeça", mas toda pensante, a rede funciona. Fluida, plástica, dinâmica, a rede se sustenta tão somente pela vontade de seus integrantes. Essa aparente fragilidade é sua grande força. (www.rits.org.br)

O que é uma rede?

Uma rede é um sistema de nós e elos capaz de organizar pessoas e instituições, de forma igualitária e democrática, em torno de um objetivo comum.

Tipos de redes

²⁵ GONZÁLEZ Inés, B GARAY, Candelaria **Incidenca en políticas públicas y construcción de la ciudadanía.** Extraído do site www.rits.org.br Tradução livre.

As Redes do Terceiro Setor podem ostentar uma multiplicidade de formas híbridas a partir de determinados tipos e se desdobrar em graus diferenciados de profundidade e/ou especialização. Inicialmente, a Rits identifica três categorias de redes do Terceiro Setor na Internet:

Redes temáticas

São aquelas que se organizam em torno de um tema, segmento ou área de atuação das entidades (ou indivíduos) participantes. A temática abordada é o fundamento desse tipo de rede, seja ela genérica (ex.: meio ambiente, infância) ou específica (ex.: reciclagem, desnutrição infantil).

Redes regionais

As redes regionais têm numa determinada região ou sub-região o ponto comum de aglutinação dos parceiros: um Estado, um conjunto de municípios, um bioma, uma cidade, um conjunto de bairros etc.

Redes organizacionais

São, em geral, aquelas vinculadas a uma entidade supra-institucional – isto é, que congrega instituições autônomas filiadas (federações, confederações, associações de entidades, fóruns, etc.) – ou a organizações muito complexas, compostas, por exemplo, de várias unidades autônomas e/ou dispersas pelo território nacional.

Há uma série de artigos e comunicações em congressos hospedados no referido site que propõe um campo conceitual a partir das experiências de redes principalmente na América Latina. Uma delas inicia postulando radicalmente que toda e qualquer forma de ligação entre pessoas ou coisas forma uma rede: *Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só”, e lhe infundiu o espírito societário que o determinou a formar a mais primária das redes: o casal, o casamento, a família*²⁶.

As redes sempre existiram, mas foram renegadas, podadas pelos aparelhos estatais (ou semióticos). Imaginou-se um Estado com uma árvore que só se poderia ver o tronco e os galhos, sem contar com suas relações com a terra, as raízes e as bactérias. Na contemporaneidade, os Estados, além de sua autodestruição, enfrentam uma tendência cada vez maior a formar redes de conversação, debate, participação, a serem interpenetrados pela liberdade de conversar, debater e questionar.

Segundo Jacobi (2000, p12):

Entendemos que a participação pode assumir duas faces: uma que põe a sociedade em contato com o estado, e outra que busca seu próprio fortalecimento e seu desenvolvimento. O que está efetivamente em pauta é o alcance da democratização do aparelho estatal, notadamente no que diz respeito à sua publicização. Em outras

²⁶MACHADO Antonio L. Itriago, MACHADO Miguel Angel Itriago. **Las Redes como Instrumentos de Transformación Social**. Caracas, Venezuela, Agosto de 1999. Extraído do site <http://www.rits.org.br> tradução livre do original em língua espanhola

palavras, trata-se de pensar sobre a participação popular e sua relação com o fortalecimento de práticas políticas e de constituição de direitos que transcendem os processos eleitorais e seus impactos freqüentemente ambíguos e/ou contraditórios sobre a cidadania.

As ambigüidades do sistema Democrático estatal são também trabalhadas por Lévy (1999) quando debate as diferenças entre tipos de comunicação, comparando a televisão (um para todos) à Internet (todos para todos) entendendo a última como formação reticular. No entanto, esta relação um para muitos é apenas o resultado de uma forma de acoplamento social que também implica que todos estejam conectados a todos, mas em um fluxo unidirecional, dentro de uma concepção de universo, uma versão. A formação reticular, cujo padrão, como vimos, permeia toda a vida, estabelece seus acoplamentos dentro de um multiverso, ou seja, reconhece sempre o outro como fundamental para a construção da realidade. Somos nós quem conhecemos, e é a partir dos “nós” que isto acontece.

Por fim, podemos considerar que a Rede Integrada aqui estudada é um sistema social que apresenta um espaço autônomo, no qual entidades são subjugadas ou não às normas de organização do Estado. Eu poderia dizer que ela ocupa uma função mista: desprende-se da regulação estatal para funcionar com autonomia e constituir a sua própria diferença como sistema (organização), mas também se aproxima do Estado, é capaz de realizar propostas, incluir elementos estatais e governamentais em suas discussões. A pergunta é: como é possível contribuir com esta visão sistêmica ao funcionamento da Rede?

5.4 Algumas Sugestões

Como vimos, a Rede é pensada e é capaz de pensar a si própria—como unidade distinta, como sistema. Isto é importante, na medida que existe a criação de um histórico de acoplamentos constituintes da organização autopoietica que podem ser utilizados—para que seu funcionamento enquanto sistema permaneça e que seus câmbios estruturais não sejam de ordem destrutiva. Em outras palavras, é importante que se mantenha um arquivo das discussões realizadas nas reuniões, bem como de suas experiências em maneiras de administrar um coletivo tão heterogêneo. Isso já existe, porém pouco otimizado, pois depende-se muito da presença física de membros mais antigos. Um exemplo disso é que o documento escrito que remonta à origem desta rede foi perdido, bem como muitas reuniões não possuem registros escritos. Mesmo que o espaço de encontro por si só seja importante, acredito que, como qualquer sistema vivo, é fundamental que algumas características se conservem. A realimentação, trabalhada anteriormente, opera neste sentido, o de permitir que o sistema se auto-observe, em seus acoplamentos históricos, e mantenha uma certa memória, para que, a partir desta, possa modificar-se estruturalmente, mantendo sua organização.

Quando elegeu suas coordenações, era nisso que a Rede pensava: organizar-se. Acredito que é possível que esta coordenação possa manter-se “fixa”, responsável por registrar as deliberações, discussões e experiências de funcionamento da Rede. Atento para o fato de que uma coordenação não implica em autoridade,

mas sim em executar uma função autocomunicativa. Creio que a elaboração desta dissertação possa vir a ocupar esta função, visto que, mesmo não sendo uma “entidade da Restinga”, fui incluído, na Rede. O acesso deste trabalho aos membros da Rede pode ser apenas um câmbio estrutural que ajudará na manutenção de seus princípios, podendo facilitar o trabalho de quem dela usufrui; da mesma forma, a experiência de coordenação fixa, a partir de alguém que ocupe especificamente a função poderá possibilitar a continuidade dos encontros, bem como a divulgação e conservação dos trabalhos. Talvez aqui se encontre um lugar possível da Psicologia Social no contemporâneo, ou melhor, da própria Psicologia, como ciência interessada nas problemáticas das comunidades, expurgadas das características de uma máquina excludente, e sim de uma máquina de guerra cooperativa e solidária. *Continuo a pensar que os sistemas de alta complexidade que tendem a desintegrar-se, apenas podem lutar contra a desintegração através da sua capacidade de criar soluções para os problemas* (Morin, 1991 p157).

Também apresento algumas sugestões baseadas na utilização de máquinas tecnológicas, atualmente usadas para formar e utilizar redes, como o site Rits já faz. Os computadores, máquinas criadas para processar e armazenar informações, através da Internet, são capazes de multiplicar esta capacidade. A Rede apresenta, por sua própria organização, uma tendência a informatizar-se, e como constatei, um elemento coordenador seria fundamental nesta tarefa. Muitas entidades participantes já apresentam, em suas máquinas concretas, computadores e acesso à Internet, e quase todas, por funcionarem nesta dinâmica de contato com o Estado ou outras entidades financiadoras, têm capacidade de elaborar projetos que forneçam os recursos necessários à compra de computadores e capacitação de seus agentes. Estando, por fim, aparelhada, a Rede, que já é acoplada sistemicamente, realizaria um câmbio estrutural por via de de outra tecnologia.

Pode-se trazer à Rede da Restinga a potencialidade das redes virtuais pensadas por Pierre Lévy, pois a possível coordenação fixa, por via de correio eletrônico, poderia enviar as convocatórias a todas as entidades ao mesmo tempo, bem como a divulgação de eventos que ocorressem no intervalo entre as reuniões, ou quaisquer informações pertinentes sobre redes, ou sobre as políticas públicas em relação às crianças e adolescentes. As atas, digitadas, poderiam ficar disponíveis no servidor em arquivo para *download* ou em página na web, além de também circular por *e-mail*. Estando na Internet, ou seja, acoplada potencialmente a infinitas redes, a Rede seria capaz de propagar suas, idéias, experiências e problemáticas a cidadãos de todo o mundo, e alimentar-se de dados provenientes de infinitas fontes, sendo assim, capaz de experimentar a máxima potência de seus domínios. Utópico? Respondo eletronicamente: talvez sim, talvez não.

No domínio lingüístico, no qual a história de interações do organismo determina o contexto no qual cada nova interação lingüística tem lugar e no qual a relevância circunstancial que cada estado lingüístico tem em relação a autopoiese determina seu valor semântico, podem, em princípio, ser gerados infinitos estados lingüísticos semanticamente diferentes (Maturana e Varela, 1997, p.118).

Talvez potencializar esta autoobservação seja o papel que a própria ciência ocupe na organização do vivo, e, muitas vezes, a maneira como o conhecimento científico e acadêmico intervém na sociedade seja a do Estado universal, ou seja, a partir de regras pouco difundidas e pouco participativas. Penso que minha principal tarefa se cumpriu: estabelecer uma conexão entre o saber produzido na Pós-Graduação em Psicologia Social e

Institucional e a Rede. A relação entre observador e objeto tornou-se também participativa, pois foi uma interação também entre observadores.

Aqui encerro esta interface que fiz com a Rede, e entre todas as redes nas quais estamos todos implicados, não por uma luta, mas por um processo construtivo intenso e multifacetado. *Talvez não possamos lutar contra uma correnteza que arrasta a todos e a tudo de forma indistinta. Para as velocidades da contemporaneidade, as desacelerações da esperança.* (Dal Molin & Ribeiro, 2000, p.97)

Apresentei minha contribuição como pesquisador, ou observador, de qualquer maneira interagindo com o fenômeno observado, afinal, entre todas as ligações possíveis, também sou um ser vivo.

6-Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Luiz, LONGO Wladimir e PASSOS, E.duardo Desafios e oportunidades do sistema federal de ensino superior em face da autonomia. In SILVA, Waldeck Carneiro: Universidade e sociedade no Brasil: oposição propositiva ao neoliberalismo na educação superior.
- BAREMBLITT, Gregório. Introdução à Esquizoanálise. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1998
- BATESON, Gregory. Passos hacia uma ecologia de la mente. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1991
- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996
- CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1997
- CAPRA, Fritjof. O tao da física. São Paulo: Cultrix, 1994
- DAL MOLIN, Fábio e RIBEIRO, Carlos J.S. Fluidos in fluxo ou como escapar da solidez. In FONSECA, Tania M.G., FRANCISCO, Deise J. Formas de ser e habitar na contemporaneidade. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999
- DLEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1995
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996
- FOUCAULT, Michel, Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 2000
- GUATTARI, Félix, Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- GUATTARI, Félix. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, Félix, As três ecologias. Campinas: Editora Papirus, 1999.

- HAWKING, Stephen W. Uma breve história do tempo: do big bang aos buracos negros. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988
- HEISENBERG, Werner Física e filosofia. Brasília, Edições Humanidades, 1999
- KAFKA, Franz. A metamorfose. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- KAFKA, Franz O castelo. São Paulo: Companhia das letras, 2000
- KAFKA, Franz O processo. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997
- KASTRUP, Virgínia Sobre o uso da noção de autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari; revista do Departamento de psicologia da UFF, Vol. 7 n°2 e 3 p.99-108. 1995
- LÉVY, Pierre A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo, Edições Loyola, 1998
- LÉVY, Pierre, As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática Rio de Janeiro, 1999, Editora 34.
- MANCINI, Euclides A. A revolução das redes: a colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: 2000, Ed. Vozes.
- MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J. De máquinas e seres vivos- autopoiese: a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MATURANA, Humberto R., Emoções e linguagem na política e na educação. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- MATURANA, Humberto R., A ontologia da realidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1991
- MORIN, Edgar Da necessidade de um pensamento complexo In: MARTINS, Francisco M.,
- SILVA, Juremir M. In Para navegar no século XXI, tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre, EDI PUC-RS, 1999
- NUNES, Marion.K. Restinga, memória dos bairros. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Administração Popular, Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- PASSOS, E. Pensando a subjetividade com conceitos híbridos: a psicologia em interface com a filosofia e a biologia. In Revista do departamento de psicologia da UFF, Vol. 7 n°2 e 3 p.109 123. 1995
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina D. Benevides de. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinariedade. In Psicologia: teoria e pesquisa. Brasília, Jan-Abr 2000, v. 16 n. 1, p. 71-79.
- PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro, Ed Forense Universitária. 1987
- PRIGOGINE, Ilya, O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo, Editora UNESP.1996
- SALZANO, Francisco M. Evolução do mundo e do homem: liberdade ou organização? Porto Alegre: Editora da Universidade 2000
- SANTOS, Boaventura S. Reinventar a democracia, entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo *in*: a crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1999

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos* São Paulo, Ed. Cultrix 1972

Referências Hipertextuais

GONZÁLEZ Inés, B GARAY, Candelaria *Incidencia en políticas públicas y construcción de la ciudadanía.*
Extraído do site <http://www.rits.org.br>

HOLANDA, Aurélio B. *Dicionário Aurélio eletrônico, século XXI versão eletrônica.* Autor do *Software:*
BARROSO, Márcio E. G, Ed. Nova Fronteira, 2001

LÉVY, Pierre *A Emergência do Ciberespaço e as Mutações Culturais*
<http://www.portoweb.com.br/PierreLevy/aemergen.html> s/d

_____. *Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: nós somos o texto*
<http://www.portoweb.com.br/PierreLevy/nossomos.html> s/d

MACHADO Antonio L. Itriago, MACHADO Miguel Angel Itriago *Caracas Las Redes como Instrumentos de Transformación Social.*, Caracas, Venezuela, Agosto de 1999. Extraído do site <http://www.rits.org.br>

Trabalhos não publicados

ANDREOLI, Giovani *Interfaces. Relatório final do Estágio em Psicologia Social e Institucional do curso de Psicologia da UFRGS sob a supervisão das professoras Tania Galli Fonseca e Regina Orgler Sordi.* 1999-2000

DAL MOLIN, Fábio., RIBEIRO, Carlos. J. & VIEIRA, Fábio. B. *Desacelerações. Relatório final do Estágio em Psicologia Social e Institucional do curso de Psicologia da UFRGS sob a supervisão das professoras Tania Galli Fonseca e Regina Orgler Sordi.* 1998.